



**Mônica Prinzac**

**ARTES DA ATENÇÃO E DO CUIDADO  
EXPERIMENTOS DE TRADUÇÃO INTERESPÉCIES NO SANTUÁRIO  
ANIMAL VALE DA RAINHA**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

**Orientadora:** Profa. Helena Franco Martins

Rio de Janeiro

Abril, 2023



**Mônica Prinzac**

**ARTES DA ATENÇÃO E DO CUIDADO  
EXPERIMENTOS DE TRADUÇÃO INTERESPÉCIES NO SANTUÁRIO  
ANIMAL VALE DA RAINHA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

**Helena Franco Martins**

Orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Ana Paula Grillo El-Jaick**

UFJF

**Zoy Anastassakis**

UERJ

**André Luiz de Freitas Dias**

Pesquisador Autônomo

**Raissa de Góes de Medeiros Rapozo**

Pesquisadora Autônoma

Rio de Janeiro,

17 de abril de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Mônica Prinzac**

Graduada em Direção Teatral pela UFRJ (2000). Mestre em Teatro pela UNIRIO (2005). Diretora e roteirista de audiovisual. Sócia-diretora da Duplamente Filmes desde 2002.

#### Ficha Catalográfica

Prinzac, Mônica

Artes da atenção e do cuidado: experimentos de tradução interespecies no santuário animal Vale da Rainha / Mônica Prinzac; orientadora: Helena Franco Martins. – 2023.

191 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Relação humano-animal. 3. Experimentos tradutórios interespecies. 4. Espécies companheiras. 5. Ativismo sensível. I. Martins, Helena Franco. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

*Aos meus pais que cultivaram em mim um grande amor pelos animais  
enquanto seres sensíveis, criativos e dotados de saberes sobre o mundo*

*Àqueles que me ensinam diariamente a imaginar um mundo melhor: Yuri  
e Matias, meus filhos*

## Agradecimentos

À Helena Martins que me deu o gosto, o desejo e a coragem de ouvir o que eu sentia e escrever-com

Agradeço a todas as pessoas com quem eu tive a oportunidade de aprender durante estes quatro anos: aos professores do PPGEL e do PPGCC, à comunidade do programa de estudos independentes Humanidades e à Zoy Anastassakis; à comunidade da APPH – associação de pesquisas e práticas em humanidades e à Fernando Silva e Silva

Ao Tomas, por estar comigo desde o início, por ter sido o parceiro de toda uma vida, pai dos meus filhos humanos e não humanos

Às amigas, tantas, mas principalmente àquelas que tive a grande sorte de conviver, sou feliz em ter comigo: Erika, Rita, Chris, Luciana, Roberta, Maria e Dani

Ao Leandro pelo apoio, escuta e carinho – outro nome para companheirismo

À Mariana Muniz, minha irmã de alma, presente aqui desde a primeira linha, pela inspiração adicional de seus desenhos, pela parceria nos sonhos e pela imaginação de um mundo sempre mais poético

Aos meus gatos Esperança, Paçoca e Laila – a vida é sempre melhor com eles. Aos que já se foram, mas seguem comigo Dido, Branca e Shiva

Finalmente, aos poetas e as bruxas *que se inspiram no voo dos pássaros, no lento crescimento das árvores e nos ciclos das estações*

## Resumo

Prinzac, Mônica. Martins, Helena Franco (Orientadora). **Artes da Atenção e do cuidado: Experimentos de tradução interespecies no santuário animal Vale da Rainha**. Rio de Janeiro, 2023. 191p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa aposta nas relações de aliança e contaminação interespecies (humano-animal) como forma de sobreviver criativamente neste mundo em crise. Diante da urgência de encontrar outras formas de viver a vida e habitar a Terra, o objeto escolhido para a pesquisa é o tecido social, poético e sensorial do Santuário animal Vale da Rainha, refúgio dedicado ao resgate e acolhimento de animais de produção vítimas de maus-tratos e descartes. Por atenção às práticas em curso no Santuário, busca-se multiplicar versões para as histórias dos animais que ali se encontram, sob a hipótese de que as histórias normalmente contadas a seu respeito são desatentas às suas formas criativas de ser. Parte-se do conceito de *version* da filósofa e psicóloga belga Vinciane Despret, explorando-se em especial, nas práticas que ele recobre, exercícios de tradução experimental interespecies. Sob o ponto de vista implicado no conceito de *version*, a tradução é entendida como forma de produzir sentidos a partir de diferenças nascidas no encontro entre humano-animal, opondo-se assim às práticas tradutórias que operam sob a lógica da sinonímia intermundos e que tendem, muitas vezes, à igualação do não igual segundo parâmetros antropocêntricos. A pesquisa pergunta: como as traduções interespecies conduzidas como *versions* podem transverter histórias frigorificadas (animais de corte) em histórias vivas e abertas (espécies companheiras)? Como através dessas traduções é possível reviver relações emaranhadas – e nada óbvias – antes apagadas, silenciadas, dessensibilizadas? Como essas histórias podem criar, nos termos de Donna Haraway, “response-ability”, isto é, tornar-nos mais hábeis para responder de modo responsável e inventivo às vidas não humanas que nos cercam? Ao lado das proposições de Vinciane Despret, têm importância especial aqui os conceitos de espécies companheiras e fabulação especulativa, de Donna Haraway. O trabalho se origina dos encontros com os animais do santuário, três em especial: a vaca Gaia, a búfala Chacrona e o bezerro Nandi. A escrita da tese busca materializar em sua própria trama o trânsito não hierárquico entre saberes preconizado por Despret e por Haraway - saberes práticos, científicos, filosóficos, poéticos. Nos experimentos de tradução interespecies propostos, mostra-se como uma ecologia da atenção e do cuidado subverte a lógica binária dos discursos apocalípticos e salvacionistas – e se revela em um ativismo sensível.

**Palavras-chave:** Relação humano-animal, experimentos tradutórios interespecies, espécies companheiras, ativismo sensível

## Abstract

Prinzac, Mônica. Martins, Helena Franco (Advisor). **The arts of attention and care: Experiments on interspecies translation at Vale da rainha animal sanctuary.** Rio de Janeiro, 2023. 191p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research bets on the interspecies' relationships of alliance and contamination (human-animal) as a way to survive creatively in this world in crisis. In face of the urgency to find new ways to live life and inhabit Earth, the chosen object of study is the social, poetic and sensorial fabric of the Vale da Rainha Animal, a refuge dedicated to rescuing and caring for livestock animals victims of mistreatment and disposal. In attention to the current practices at the Sanctuary, this work aims to multiply versions for the stories heard about these animals under a hypothesis that the stories traditionally told usually neglect their creative ways of being. The starting point is the Belgian philosopher and psychologist Vinciane Despret's concept of version and this work explores specially its practices: exercises of interspecies experimental translation. From the perspective implied in the version's concept, translation is understood as a way to produce meanings for the differences risen from the human-animal encounter, and it opposes translation practices based on the logic of interworlds synonymy that frequently tend to the levelling of non-equals based on anthropocentric parameters. This research asks: How can interspecies translations, performed as versions, convert frozen stories (livestock animals) into live and open ones (companion species)? How can these translations make it possible to relive relationships that are entangled – and not at all obvious – and previously erased, silenced, desensitized? How can these stories create what Donna Haraway called “response-ability, that is, make us more able to be responsible and inventive in the response to the non-human lives around us? Alongside Vinciane Despret's propositions, Donna Haraway's concepts of companion species and speculative fabulation have special importance. This work originates from the meetings with the sanctuary's animals, three in particular: the cow Gaia, the buffalo Chacrona and the calf Nandi. The writing of this thesis aims to materialize, in its own plot, the non-hierarchical flow among the knowledges advocated by Despret and Haraway – the practical, scientific, philosophical and poetic knowledge. The interspecies translation experiments proposed show how an ecology of attention and care subverts the binary logic of apocalyptic and salvationist speeches– and reveals itself as sensitive activism.

**Keywords:** Human-animal relationship, interspecies translational experiments, companion species, sensitive activism

## Sumário

Nota da tradutora.....	12
1. O início .....	16
1.1. A pesquisa .....	18
1.2. O Vale da Rainha .....	20
2. Espécies companheiras em tradução .....	22
2.1. Zona de contato.....	25
2.2. Benjamin e a tradução poética.....	28
2.3. A tradução entre humanos e animais .....	33
2.4. Fabulação especulativa.....	37
2.5. Sugestões escritas .....	45
2.6. Ativismo sensível.....	50
3. Gaia não nos pede nada.....	52
3.1. Deserto.....	54
3.2. Nomear Gaia.....	61
3.3. Economia da atenção.....	67
3.4. A vida suspensa .....	70
3.5. RuminOmics, cowcredits.....	72
3.6. Animais de criação X animais de produção.....	74
3.7. Galinha cósmica .....	79
3.8. Captura sensível.....	82
3.9. O mundo não está terminado.....	86
4. Chacrona .....	88
4.1. Irineu .....	92
4.2. Búfala 44.....	100
4.3. Bem-estar industrial.....	106
4.4. Batizado .....	107
4.5. Manual de aproximação .....	110

4.6. Gestação.....	112
4.7. Emaranhado .....	116
4.8. E longe dali: Cayenne .....	117
4.9. Nascimento.....	120
4.10. E longe dali o cavalo Hans.....	125
4.11. Também os ratos.....	127
4.12. O milagre da sintonia.....	130
4.13. Pesquisadores artistas .....	132
5. Nandi.....	136
5.1. A gente quer entender uma outra coisa .....	141
5.2. Soluções parciais.....	153
5.3. Ascensão .....	156
5.4. Queda .....	157
5.5. Simbionte .....	159
5.6. Bouganville .....	162
6. Protesto contra o que se dá por acabado .....	170
7. Referências bibliográficas .....	172

## Lista de figuras

Figura 1 .....	21
Figura 2 .....	48
Figura 3 .....	61
Figura 4 .....	70
Figura 5 .....	81
Figura 6 .....	89
Figura 7 .....	90
Figura 8 .....	95
Figura 9 .....	96
Figura 10 .....	105
Figura 11 .....	107
Figura 12 .....	124
Figura 13 .....	137
Figura 14 .....	139
Figura 15 .....	140
Figura 16 .....	149
Figura 17 .....	159
Figura 18 .....	161

## Lista de imagens

Imagem 1 .....	87
Imagem 2 .....	123
Imagem 3 .....	135
Imagem 4 .....	166
Imagem 5 .....	167
Imagem 6 .....	169

*Para se criar um mundo novo começa-se com o velho, certamente.  
Para encontrar um mundo, talvez você tenha que ter perdido outro.  
Talvez tenha que estar perdido. A dança da renovação, a dança que  
fez o mundo, foi sempre dançada aqui no limite das coisas, no  
piscar, na margem nebulosa*

Ursula K. Le Guin

## Nota da tradutora

### DIANTE DOS ANIMAIS

(a) No século IV a.C., Aristóteles, para quem a natureza não faz nada em vão, reconhece para os bichos a seguinte vocação: *Dos animais, os que podem ser domesticados destinam-se ao uso diário e à alimentação do homem, e dentre os selvagens, a maior parte pelo menos, senão todos, lhe fornece alimentos e outros recursos, como vestuários e uma porção de objetos de utilidade; e, pois, se a natureza nada faz em vão e sem um objetivo, é claro que ela deve ter feito isso para o benefício da espécie humana.*

[Aristóteles, *Política*, I, 8]

(b) Entre 2012 e 2015, mil vacas no Reino Unido, Suécia e Finlândia foram objeto de um pioneiro projeto internacional de pesquisa, todo ele dedicado a resolver um contratempo digestivo: a flatulência dos bovinos contribui para o efeito estufa e prejudica aquela espécie que (por natureza?) eles deveriam apenas beneficiar. A pesquisa, que se chamava *RuminOmics*, nada tinha a ver com desafios automobilísticos. *RuminOmics* é um projeto de melhoramento genético que visa aumentar a produtividade de carne e leite e diminuir flatulências – maior produção, menor emissão de gases.

[*RuminOmics*, CORDIS, EU Research results]

(c) *eu queria ser dois cachorros assim podia brincar comigo (nota da tradutora sobre as bacantes de eurípedes)*. É assim que a escritora, ensaísta e tradutora canadense Anne Carson intitula o paratexto que abre sua tradução da famosa tragédia envolvendo mulheres que, entre outras coisas, um dia uivaram. É de causar surpresa o modelo que se insinua como ideal para o encontro entre uma tradutora e um texto antigo: dois cachorros que brincam.

[Anne Carson, *Bakkhai*, p. 7, tradução minha]

(d) Um futuro imaginado pela escritora Ursula Le Guin inclui cientistas que se dedicam ao exercício da Terolinguística (os contundentes resultados de suas pesquisas sobre a linguagem dos animais podem ser conferidos na *Revista da Associação dos*

*Terolinguistas*). Na esteira imaginária de Le Guin, a escritora e etnopsicóloga belga Vinciane Despret descobre algo nas palavras das borboletas-monarcas (*Danaus plexippus*): *as monarcas comprovavam que haviam aprendido o que pode significar “cuidar” em um mundo onde os vivos e os mortos prestam honras uns aos outros, e onde a continuidade pode assumir as formas mais diversas – como a de um texto contado pelas borboletas encarregadas das almas humanas.*

[Ursula Le Guin, “A autora das sementes das acácias”; Vinciane Despret, *Autobiografia de um polvo*, p. 85]

(e) Em estudo sobre o fenômeno da camuflagem, o filósofo e historiador da arte Bertrand Prévost se admira com a *Lophorina superba*, relatando assim os seus poderes especiais: *a Soberba Avedo-paráiso perde não apenas quase toda a sua identidade aviária – nenhuma ave se parece com ela – mas também sua própria forma individual. Torna-se um ser improvável e abstrato que se eleva numa forma que não se assemelha a nada, que não tem mais nenhuma relação de coerência formal com o corpo do pássaro, totalmente desvinculado de qualquer individualidade orgânica. Camuflagem cósmica.*

[Bertrand Prévost, *Camouflage élargi*, p. 14 , tradução minha]

(f).*Sua língua rápida e ágil de pastor-australiano de pelos avermelhados já passou pelos tecidos das minhas amígdalas, com todos os ávidos receptores do meu sistema imunológico. Quem sabe aonde meus receptores químicos levaram suas mensagens ou o que ela tirou do meu sistema celular para diferenciar eu e outro e ligar o fora ao dentro?* Assim a bióloga e filósofa Donna Haraway narra o que acontece quando sua cachorra Cayene lambe a sua cara.

[Donna Haraway, *Manifesto das espécies companheiras*, p. 10]

(g) El pequeño mono me mira  
¡quisiera decirme  
algo que se le olvida!

[José Juan Tablada, 1871-1945]

Nas cenas variadas que reuni acima, uma coisa se mantém constante: em todos os casos, seres humanos se reportam às vidas dos animais. Nesta pesquisa, proponho pensar que aquilo que fazem, em cada caso, envolve *atos de tradução* – advertidos ou inadvertidos.

Recusando, como tanta gente hoje recusa, o essencialismo especista da teoria aristotélica, proponho tomar a resposta de Aristóteles para a pergunta *para que servem os animais?* não como uma descrição de sua real natureza, mas antes como uma forma de tentar traduzi-los, uma entre outras formas possíveis. Da persistência da resposta aristotélica na contemporaneidade, eu trouxe um entre muitos outros exemplos, o do projeto internacional que, mais de dois milênios depois de Aristóteles, atende pelo nome de *RuminOmics*. Segundo a tradução de que parte esse empreendimento, o que as vidas animais nos dizem é também, no fim das contas: *estamos aqui para o seu benefício*.

As cenas (c) a (g) dão, por outro lado, sinais de movimentos diferentes – a começar pelo reconhecimento de que há algo por traduzir. Em cada caso, desenham-se encontros mais atentos aos modos criativos de ser dos animais, sem a presunção comum de que os bichos se oferecem a nós sem maiores mistérios. No haicai de José Juan Tablada, talvez ressoe com alguma graça atraente a pergunta sem resposta: *o que me diria o macaco quando se lembrasse do que tinha a me dizer?* E não despertará também um riso interessado a estranha vizinhança entre a tarefa de uma tradutora de textos clássicos e uma brincadeira entre dois cachorros? O que dizer de um encontro com a Soberba Ave do Paraíso, que, revirando o que julgávamos já saber sobre ela, promete agora ensinar a técnica de uma camuflagem cósmica?

Entre macaco e gente, entre gente e ave, entre cachorro e mulher, em todos esses *entres*, enfim, talvez se pense que a noção de “tradução” só pode ser usada de modo vagamente metafórico. Talvez se pense também que *terolinguística* é apenas coisa de ficção científica. Mas eis alguns fatos que têm interesse central nesta pesquisa. Há hoje cientistas que defendem uma colaboração horizontal e democrática entre saberes científicos e outros saberes, por exemplo, artísticos e políticos. Há hoje cientistas, tais como Donna Haraway e Vinciane Despret, que são também escritoras, filósofas, feministas e ativistas – e que, no âmbito de suas pesquisas, têm estendido a palavra *tradução* ao contexto dos encontros

interespecies. As trocas orgânicas e materiais implicadas numa lambida de cachorro num rosto humano são também, para Haraway, por exemplo, trocas *semióticas*. Tratando-se de semioses – idiomas? – em contato, lambidas caninas em humanos podem, por estranho que pareça, ser pensadas como ocasiões de possível e, para Haraway, desejável tradução. E é com um repertório que contrasta o que compreende como duas modalidades de tradução – *versão* e *tema* –, que uma parceira intelectual e criativa de Haraway, Vinciane Despret, busca saber sobre o podem nos dizer, por exemplo, as borboletas-monarcas.

Levar a sério a possibilidade da tradução interespecies é, sabemos, levar a tradução a um lugar limítrofe em relação ao que se aceita normalmente como tradução. Trata-se de contrariar não apenas teorias influentes de que dispomos desde antes de Aristóteles, mas também um poderoso senso comum – traduzimos entre idiomas humanos, animais não falam, a tradução não pode se dar entre espécies. É este lugar limítrofe e contrariado pelo senso comum e pelo establishment científico que a minha pesquisa quer habitar.

A pesquisa que apresento aqui não é, no entanto, um empreendimento em teoria da tradução. É verdade que, para realizá-la busquei construir alguns cruzamentos entre reflexões contemporâneas sobre perspectivas e impasses da tradução interespecies – a partir de Haraway e sobretudo de Despret – e pensamentos mais reconhecidos no campo dos estudos da tradução, em especial o de Walter Benjamin em torno do que constitui uma *boa tradução* poética. Mas o que apresento aqui é antes de tudo uma aposta nas relações de aliança e contaminação interespecies (humano-animal) como forma de sobreviver criativamente neste mundo em crise. O que realizo são exercícios de tradução experimental.

O objeto escolhido para a pesquisa – seu campo específico de experimentação – é o tecido social, poético e sensorial do Santuário animal Vale da Rainha, com sua proposta de regeneração dos ditos animais de produção e de nossas formas de convívio com eles.

## 1. O início

No portão de entrada uma placa: Acredite em mágica.

Estamos no santuário animal Vale da Rainha, na zona rural de Camanducaia, Minas Gerais, onde o casal Patrícia Varela e Vitor Favano compartilha a terra com aproximadamente 200 animais resgatados: bodes, ovelhas, búfalas, bois, vacas, cavalos, burros, cachorros, gatos e mais um número incontável de galinhas e galos, que não foram resgatados mas chegaram ao Santuário por conta própria de forma lenta e organizada. O número de animais oscila entre resgates e mortes, inícios e fins. Os de grande porte (a maioria dos residentes) provêm quase sempre da pequena indústria de produção de leite e carne, muitas vezes clandestina, e chegam depois de terem sido descartados, o que acontece quando eles perdem sua capacidade de gerar lucros ou quando já nascem sem essa capacidade, como os bezerros machos da indústria leiteira.

Apesar da quantidade de animais resgatados ser pequena se comparada aos milhões da indústria, os santuários animais<sup>2</sup> também têm uma proposta educativa, fazendo-nos refletir sobre nossas formas de convívio com eles. O objetivo é criar um envolvimento responsável, como se lê no site do Vale da Rainha: “Nossa Missão é resgatar e conscientizar”<sup>3</sup>.

Os corpos dos animais de produção chegam contando histórias: escaras, pústulas, contusões, feridas, deformações, fraturas, sustos, aflições, desconfianças. Ursula Le Guin, ao falar sobre a criação de um novo mundo, nos instiga a pensar não em um mundo novo, como os planetas inventados na ficção científica, mas em

---

<sup>2</sup> Santuários animais são espaços sem fins lucrativos que acolhem e reabilitam animais vítimas não só da indústria, mas também do desmatamento, do tráfico, do entretenimento e dos maus tratos em geral. Existem santuários de vida selvagem, de cetáceos, de animais de companhia, e de animais da indústria pecuária, como o Vale da Rainha. Neste tipo de santuário, ao contrário dos que lidam com espécies em extinção, convencionou-se castrar os animais resgatados para evitar que se reproduzam em um ambiente que não tem como objetivo perpetuá-los, mas sim cuidar deles até a morte. Outras convenções incluem o trabalho humano voluntário e a proibição de usar seus bens, como leite, ovos e lã. Os santuários vivem de doações e de eventos de conscientização, com os quais também podem arrecadar fundos e manter as despesas com alimentação, tratamentos, instalações e manejo.

<sup>3</sup> Santuário Vale da Rainha. Disponível em <https://svr.org.br/>. Acesso em : 02/02/2022

um mundo renovado a partir deste que conhecemos. “Mas e a criação do mundo, deste mundo, o velho mundo? Esse parece ser o território do desejo de sobrevivência”.<sup>4</sup> O mundo é feito de tudo o que cada um de seus habitantes fazem para existir nele. Cada ser, com seu modo de engendrá-lo e de viver, contribui para esta interminável compostagem de mundos que é o mundo — se assim percebido, tão diferente da totalidade universal ordenada e hierarquizada que a “monarquia ontológica” antropocêntrica tenta, e tantas vezes consegue, impor.<sup>5</sup>

Em seu secular esforço para interpretar mecanicamente tudo o que está fora de nós, mesmo o que mais brilha em traços de gênio acumulado, as obras vivas, nosso espírito sopra, de certo modo, apagando todas as luzes do mundo em benefício de sua solitária fagulha.<sup>6</sup>

O que busco fazer aqui se desdobra no território do desejo de sobrevivência. Conto histórias de bichos descartados que tiveram suas vidas radicalmente alteradas depois de resgatados: são encontros que tento traduzir. Eles pertencem a uma cadeia de produção e consumo inserida em uma indústria nociva. São animais feridos de um planeta ferido, que com suas feridas nutrem humanos. A morte é a forma mais comum de interação humano–animal hoje. Aproximadamente 88 bilhões de animais terrestres são destinados ao consumo humano. No Brasil, estima-se 5 bilhões. Se incluirmos os animais aquáticos na lista chegaremos a números inimagináveis: serão mais de 1 trilhão os mortos que nos mantêm vivos.<sup>7</sup>

O Vale da Rainha é um refúgio de vidas, sem direito a novos partos: os resgatados são castrados ao chegar. Com o tempo, são histórias que nascem. “Histórias que importam para os mundos em que venhamos a viver”.<sup>8</sup> O meu

---

<sup>4</sup> LE GUIN, U. K. **Dancing at the edge of the world: thoughts on words, women, places**. New York, NY: Grove Press, 1989. cap. World Making. São minhas nesta tese todas as traduções sem outra indicação.

<sup>5</sup> Importo a expressão “monarquia ontológica” de uma página do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (CASTRO, E. B. V. de; SZTUTMAN, R. Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, RJ: Beco do Azougue Editorial, 2008. (Coleção Encontros).p. 242).

<sup>6</sup> TARDE, G. **Monadologia e sociologia** — e outros ensaios. Organização de Eduardo Viana Vargas e tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2007, p. 74.

<sup>7</sup> Segundo a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, foram abatidos mais de 22 milhões de bovinos, 42 milhões de suínos e 4,6 bilhões de frangos.

<sup>8</sup> HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 12.

desafio é, ao pensar nas feridas, no refúgio e no toque como co-criações humano-animal, criar novas versões para as histórias inférteis desatentas às formas criativas de ser que nossas vidas práticas e nossas formas mais disseminadas de conhecer tendem a desperceber. E falo em “criar novas versões” não no sentido apresentar outros de modos de interpretar fatos exteriores tomados eles mesmos como realidades objetivas e fixas, mas antes no sentido de responder, por meio um esforço de tradução. Busco aqui evitar a atitude do pesquisador que

não reverencia nem ama coisa alguma. Ele joga uma rede sobre os objetos da realidade, ele os divide e os classifica. Ficam então organizados, controlados e purificados; tudo o que possa vir a proliferar por entre a malha é aparado. Os objetos choram, mas o pesquisador não vê suas lágrimas. Ele varre a floresta e planta um jardim livre de ervas daninhas, cultivando apenas vegetais que possam ser consumidos.<sup>9</sup>

Santuários são espaços de cuidado para cultivar vidas. Como nos remete a origem do nome, espaços que santificam e que guardam corpos que são sagrados. No Vale da Rainha toda vida é um dom e merece ser narrada.

“O velho mundo é renovado com o nascimento de cada bebê, a cada dia de ano novo, a cada manhã, e para o Budista: a cada instante.”<sup>10</sup> Quando um cachorro voa e uma búfala dança, também – aconteceu no Santuário. O mundo é recriado a cada resgate, a cada ferida, a cada toque. Não tenho a pretensão de que minhas histórias gerem soluções eficientes, nem que fixem modelos ideais, mas espero que sirvam como uma proposta de imaginar mundos co-criados com os animais. Estas páginas buscam se mover com o mote de Estamira:

Tudo o que é imaginado tem, existe, é.<sup>11</sup>

## 1.1. A pesquisa

Esta pesquisa é fruto do encontro entre meu trabalho como diretora e roteirista de audiovisual e minha jornada acadêmica. Em julho de 2020 cheguei ao

---

<sup>9</sup> DUERR, H. P. **Dreamtime: concerning the boundary between wilderness and civilization**. Reprinted. Oxford: Blackwell, 1991. p. 115.

<sup>10</sup> LE GUIN, U. K. **Dancing at the edge of the world: thoughts on words, women, places**. New York, NY: Grove Press, 1989. p. 46–48.

<sup>11</sup> Documentário brasileiro dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha, lançado em 2004.

Santuário Vale da Rainha para dirigir o último de dez episódios de uma série documental chamada *Amor de Bicho*. A série conta histórias cotidianas de como bichos e humanos podem se ajudar mutuamente em diferentes formas de relação: familiar, de resgate, de trabalho, terapêutica. Uma investigação sobre a força transformadora dessas parcerias.

O santuário é um lugar de ativismo onde as causas são claras: não comer animais nem seus derivados. Chegando lá eu queria contar as histórias de alguns dos animais que haviam se transformado depois de serem resgatados, mas as histórias narradas pelos humanos que vivem ali eram histórias de vítimas e de salvamentos, histórias que guiaram o meu olhar por um tempo. Diante de feridos foi difícil ver uma outra história. Em um lugar de refúgio são as feridas que gritam em voz alta.

Em paralelo à minha convivência com esses animais, no doutorado o meu primeiro encontro transformador foi com Donna Haraway e o conceito de espécies companheiras<sup>12 13</sup>. A partir deste contato, que modificou a minha percepção do encontro humano-animal, fui apresentada a uma rede de autoras que me fizeram começar a prestar mais atenção à atenção do outro e a me libertar da ilusão de uma narrativa completa, moralmente superior. Foi o início de enxergar o outro não mais como se estivesse em falta, como sujeito incompleto, mas como um ser capaz de produzir conhecimento. Ver os animais capazes das próprias criações me despertou um novo olhar.

Sem esquecer que esses animais são sim vítimas de violências, eu me dei conta, apenas no final das filmagens do episódio, que queria muito mais do que tratá-los somente como vítimas, prisioneiros de uma história fechada na temática da redenção. Encontrei algumas armadilhas: é muito difícil não reconhecer num animal resgatado uma disposição para a gratidão, que facilmente enobrece o humano. É sempre mais fácil procurar pelos afetos mais reconhecíveis: os nossos. Era preciso escapar do corpo vitimado, traduzido como um corpo fechado, com pouca margem para a surpresa do encontro, desprovido de potência criativa. Foi

---

<sup>12</sup> HARAWAY, D. **When Species Meet**. Londres: University of Minnesota Press, 2008.

<sup>13</sup> HARAWAY, D. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

quando comecei a refletir sobre até que ponto a série não estaria, ela mesma, comprometida com um heroísmo humano mais unilateral do que as surpresas que eu passei a desejar documentar.

Com esse novo olhar, ao olhar e ser olhada pelos bichos do santuário – outras perguntas começaram a nascer. Como manter a curiosidade e a atenção pela outra parte que não se comunica como nós? Qual é a força dos próprios animais? Como estar atenta aos afetos dos bichos, ao seu modo de ser e estar presente? Como honrar as invenções deles?

*Se todo animal inspira sempre ternura, o  
que houve, então com o homem?*<sup>14</sup>

As vivências a partir desse novo olhar estão nesta pesquisa e serão o material de um documentário que está em curso. No santuário eu encontrara sim os humanos cruéis e os humanos heroicos, os animais maltratados e os animais redimidos, mas encontrara também um lugar de interseção onde todos estavam contando juntos outras histórias: as de seus encontros criativos.

## 1.2. O Vale da Rainha

Patrícia e Vitor foram para o campo em 2011 para iniciar uma plantação de orgânicos. Lá Patrícia continuaria a dar aulas de yoga, um projeto de vida a dois. Mas chegando à nova terra encontraram alguns animais, a maioria chamados de gado, deixados pelo antigo proprietário. Com a venda da propriedade estes animais aguardavam o momento de serem levados dali, como combinado. Na primeira noite que o casal passou na nova casa um cavalo apareceu na varanda e ficou olhando para Vitor, que se balançava na rede. Vítor o olhou de volta, surpreso por ver um animal daquele porte quase dentro da casa. Estendeu a mão para a terra e pegou um talo inteiro de salsa, e o ofereceu ao cavalo. Os dois ficaram assim por um tempo, perscrutando-se, numa troca silenciosa de *estar* juntos. Não é sempre que se tem um cavalo branco entrando pela varanda, compartilhando um salsa e um entardecer com você. No dia seguinte Vitor ligou para o antigo proprietário e perguntou se, ao levar os outros animais, ele poderia deixar o cavalo branco. E desse

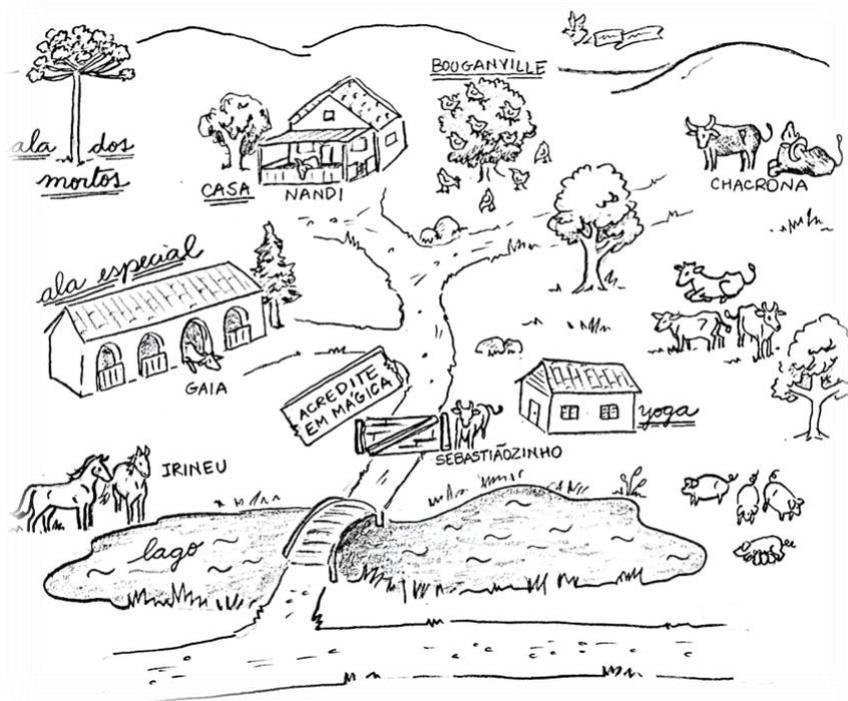
---

<sup>14</sup> ROSA, J. G. **Ave, Palavra**. 3a Ediçãoed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 122.

modo Irineu tornou-se o primeiro animal do santuário. Logo depois chegou outro cavalo, Vendaval, o primeiro animal resgatado, ao qual seguiram-se outros. Em pouco tempo, Patrícia e Vitor começaram a trabalhar em conjunto com grupos ativistas das causas animais e associações, criando uma rede de ajuda recíproca e de divulgação.

Como diz Patrícia, o santuário já existia antes mesmo do casal se mudar para lá, a terra estava à espera. Hoje são tantos, mais de 200 animais, sem considerar as galinhas, as *incontáveis*. A ideia inicial de usar aquela terra e as próprias forças para ajudar outras vidas foi aos poucos amadurecendo, até ficar claro que também era preciso resgatar o que havia de humano... nos humanos. Incluir no resgate o próprio agressor e conscientizá-lo. O projeto do santuário hoje inclui uma regeneração mais ampla: animal, humano, mundo, consciência. “Sabemos que não podemos salvar todos”, mas se faz o que se pode, dar oportunidades também faz parte do projeto, porque “dada a chance, todos lutam pela vida”.

Vitor conta que tudo ali aconteceu assim, que os animais foram chegando, foram ocupando, criando uma nova dimensão. O projeto humano de plantar, produzir e vender foi ignorado pela intenção dos bichos, que entravam e tomavam conta daquela terra que se mostrou aberta: o Vale da Rainha. “Somos nós que ocupamos o espaço deles aqui”. Subverter o rumo é isso: tirar o arreio do bicho e deixar-se conduzir por ele.



## 2. Espécies companheiras em tradução

Os trabalhos reflexivos e criativos de Vinciane Despret e de Donna Haraway foram fundamentais para pensar o encontro humano-não humano de um modo que não resvalasse nem nas armadilhas da redenção nem na indiferença ao sofrimento, e principalmente para pensar na capacidade do animal criar e produzir conhecimento. Despret e Haraway repensam as relações entre humanos e animais enquanto refletem sobre as políticas que governam essas relações, antropocentricamente atravessadas pelo especismo e pela convicção de superioridade. As autoras estão interessadas por histórias capazes de promover abertura às necessidades e perguntas do outro, histórias nas quais possamos devolver o olhar alheio e nos tornarmos mais sensíveis ao outro. Reconhecendo-os como seres criativos podemos repensar nossa relação com eles e com o planeta, fazendo desse novo modo de olhar uma forma de conscientização ambiental. Convém lembrar, com Deleuze e Guattari, que “a arte não espera o homem para começar.”<sup>15</sup>

A noção de “espécies companheiras” teve um impacto central para esta pesquisa. Donna Haraway em *O manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa*, começa contando a história de sua troca químico-afetiva com a cadela Cayenne Pepper, para afirmar que cães são “presenças carnis, materiais-semióticas, no corpo da tecnociência.”<sup>16</sup> O manifesto, descrito por Haraway como “um ato político de esperança num mundo à beira de uma guerra mundial”<sup>17</sup>, segue, a partir de sua história pessoal, traçando um programa teórico-político para a coabitação entre viventes (e não viventes), incluindo seres orgânicos como abelhas, flora intestinal, fungos, sementes, e até a bengala usada por seu pai. Os cães também são jogadores no mundo das espécies companheiras, que “menos do que uma categoria, formam um indicador.”<sup>18</sup> Esse indicador se distancia da expressão “animais de companhia” por ser mais amplo: não quer ser fusão romântica ou fruto de amor incondicional, mas inclui a

---

<sup>15</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, vol. 4. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b, p. 136.

<sup>16</sup> HARAWAY, D., 2021, p. 14.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>18</sup> HARAWAY, D., 2008, p. 16.

possibilidade de conflito e sua negociação na própria condição da relação. É também mais heterogêneo: “ninguém come seu animal de companhia (nem é por ele comido); e há uma profunda dificuldade de abandonar atitudes colonialistas, etnocêntricas e a-históricas para com aqueles que o fazem (comem ou são comidos).”<sup>19</sup>

As espécies se encontram em um lugar de compartilhamento no jogo das inter e intra-relações constitutivas, dividem a “mesa” e “comem juntas”, a palavra “companheiro” vem do latim *cum panis*.<sup>20</sup> São relações de companheirismo e dependência que reproduzem as possibilidades da nossa existência: “[a] relação é a menor unidade de análise e ela é inteiramente sobre alteridade significativa em todas as escalas.”<sup>21</sup> Para dividir a mesa com outras espécies, Haraway propõe o exercício de traduções incongruentes e falhas, necessárias para seguirmos juntos – modos de encontro “onde os truques divinos da autoconfiança e da comunhão imortal não são opções.”<sup>22</sup> O êxito desses encontros parece implicar o que, nos termos multinaturalistas de Eduardo Viveiros de Castro, descreveríamos como uma

dissociação e redistribuição dos predicados subsumidos nas duas séries paradigmáticas que tradicionalmente se opõem sob os rótulos de ‘Natureza’ e ‘Cultura’: universal e particular, objetivo e subjetivo, físico e moral, fato e valor, dado e construído, necessidade e espontaneidade, imanência e transcendência, corpo e espírito, animalidade e humanidade, e outros tantos.<sup>23</sup>

Fernando Silva e Silva, responsável pela revisão técnica e posfácio da edição brasileira de *O manifesto das espécies companheiras*, esclarece como esse ponto é trazido pela própria Haraway:

*O manifesto das espécies companheiras* é o primeiro livro a empregar o termo natureza(s)-cultura(s), ou nature(s)culture(s) em inglês. Haraway já havia escrito muitas vezes natureza/cultura em seus textos, em referência a essa cisão ontológica tradicional da metafísica moderna. Seu objetivo na época era analisar de que maneira ela era insuficiente para dar conta dos emaranhados materiais-

---

<sup>19</sup> HARAWAY, D., 2021, p. 22.

<sup>20</sup> HARAWAY, D., 2008, p. 17.

<sup>21</sup> HARAWAY, D., 2021, p. 32.

<sup>22</sup> Ibid., p. 33.

<sup>23</sup> VIVEIROS DE CASTRO, E. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar**, v. 14, n. 18, p. 225–254, 2004. p. 226.

semióticos que ela estudava. No manifesto, essa barra desaparece ou, na edição brasileira, se torna um hífen – um traço de união, como dizemos em francês.<sup>24</sup>

Ao falar em natureza(s)-cultura(s), Haraway enfatiza a indivisibilidade dos elementos desse termo, tão frequentemente entendidos como separados. Naturezas-culturas confluem em um cruzamento e ali colidem e confundem-se. Podem estar separadas apenas provisoriamente, e exigem esforço para manter-se assim. “As naturezas-culturas se tornam então um lugar de encontro: de carne e linguagem, história e mundo.”<sup>25</sup> As espécies companheiras “se comoldam até o fim, em toda sorte de temporalidades e corporeidades.” Incluem e deslocam diferentes tonalidades na vida da palavra “espécie”, tons aristotélicos, cristãos, darwinistas, freudianos, marxistas<sup>26</sup> – prometem transformar o modo como nos relacionamos com outros seres, aumentando a sintonia e a curiosidade pelos outros habitantes do mundo, a maioria menos afortunados e menos merecedores de atenção do que os animais de companhia. Mesmo estes últimos, quando participam de uma relação tantas vezes descrita como um amor incondicional, tornam-se os “escravos afetivos” de seus *donos*.<sup>27</sup>

Haraway estabelece, enfim, como pilar das relações entre as espécies companheiras novas formas de atenção e curiosidade pelos outros seres. Tal sensibilidade permite a percepção dos modos com que o outro também está atento a nós, e é esta mão dupla de atenção que desierarquiza as relações e faz com que o outro se torne importante, dividindo o poder conosco. Trata-se de saber como vive e o que faz o outro. Haraway atenta ao duplo sentido do verbo *to care* – ato de cuidar e dar importância. Cuidar como cultivo de um mundo. *I care*, eu cuido, porque *I care*, eu me importo.

Cada espécie é uma multidão multiespécies. O excepcionalismo humano é o que as espécies companheiras não podem tolerar. (...) Os parceiros não preexistem à sua relação; parceiros são precisamente o que provém do inter- e intrarrelacionamento do ser carnal, significativo, semiótico-material. Essa é a coreografia ontológica.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> SILVA E SILVA, F. **Para conhecer a obra de Donna Haraway**. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/para-conhecer-a-obra-de-donna-haraway/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> HARAWAY, D., 2021, p. 23–24.

<sup>27</sup> HARAWAY, D., 2008, p. 205.

<sup>28</sup> HARAWAY, D. **Quando as espécies se encontram**. Rio de Janeiro: Ubu, 2022. p. 231.

## 2.1. Zona de contato

Sempre enfatizando a importância da atenção, a autora introduz o tema das *zonas de contato*, zonas onde as espécies compartilham condições de atenção plena e recíproca. É o que ocorre, por exemplo, no esporte conhecido por *agility*. Nessa prática inspirada no hipismo, o cão faz um percurso com obstáculos e é acompanhado por seu condutor, comunicando-se com ele, tentando entender seus movimentos e adaptando os comandos necessários. Foi inspirando-se parcialmente nessa prática que Haraway ou o termo *zonas de contato*. Praticando *agility* com sua cadela Cayene ela pôde literalmente ver e ocupar este espaço, pois no *agility* a zona de contato é como se chamam as faixas amarelas que são indicadores de posições nas várias tarefas do jogo. A noção de zona de contato deriva também em parte da lembrança de um livro lido anos antes – um livro de Mary Pratt, no qual Haraway encontrou a expressão “línguas de contato”, em referência à comunicação espontânea que emerge entre falantes de línguas diferentes (entre nativos diversos e entre nativos e conquistadores) quando se encontravam.<sup>29</sup> Foram chamadas por Mary Pratt de “zonas de contato” as relações nas quais os sujeitos se constituem uns com os outros.<sup>30</sup> Haraway se apropria do termo para falar de uma presença comum, de um espaço onde o entendimento se dá dentro de relações radicalmente assimétricas de poder.

Haraway ressalta como o *agility* pode transformar as relações entre pessoas e cães, já que a zona de contato criada nessa prática requer constante atualização da comunicação entre as espécies participantes e da atenção que elas dão umas às outras.<sup>31</sup> O corpo a corpo neste esporte sai do campo da teoria e das ideias filosóficas, que simplesmente especulam sobre o que os animais pensam ou sentem:

Treinar juntos, a troca material-semiótica de uma determinada mulher e um determinado cão, não Homem e Animal em abstrato, é um encontro historicamente localizado, multiespécies, formador de sujeito em uma zona de contato repleta de

---

<sup>29</sup> PRATT, M. L. **Os Olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. 1ª edição. Bauru: EDUSC, 1999. p. 31–32.

<sup>30</sup> "Uso este termo para me referir a espaços sociais em que as culturas se encontram, se chocam e lutam umas com as outras, amiúde em contextos de relações de poder altamente assimétricas, tais como o colonialismo, a escravidão, ou às suas repercussões, os modos como sobrevivem hoje muitas partes do mundo". (PRATT, M. L. "Arts of the Contact Zone". In **Negotiating Academic Literacies : teaching and learning across languages and cultures** . Ed, Vivian Zamel, Ruth Spack. New York: Routledge, 1988, p.173.

<sup>31</sup> HARAWAY, D., 2008, p. 205.

poder, conhecimento e técnica, questões morais – e a chance de união conjunta e invenção entre espécies.<sup>32</sup>

No *agility* a técnica e o método são imprescindíveis, mas o alcance não se reduz a eles; é fruto de um encontro aberto, imprevisível e principalmente atento. Esta ideia de zona de contato é fundamental para as histórias com os animais do Santuário Vale da Rainha – tanto quanto a ideia de *troca material-semiótica*, noção fértil para pensar o tipo de tradução em jogo no encontro humano-animal.

Vinciane Despret também explora uma zona de sintonia nas relações, interessa-se pelo que humanos e animais evocam um no outro, criando ao mesmo tempo novas respostas para perguntas obsoletas e novas perguntas capazes de deslocar respostas arraigadas. Despret estuda práticas em que animais e pessoas se tornam disponíveis um para o outro, sintonizando-se e aproximando-se, e assim criando uma relação mais interessante, respeitosa e inventiva. Trata-se de algo a que nesta tese chamo de uma “interseção sutil”, a coprodução de um “corpo sutil” que não se vê, não se contabiliza, mas que está presente atuando e modificando estados, criando histórias, como a da dança, que, como veremos, criou-se entre Patrícia e uma búfala de nome Chacrona. São histórias que dão voz a uma matéria afetiva, sem ilusão de salvação, em uma “ecologia da Atenção e do Toque, uma ecologia que pensa os seres nos laços que eles tecem juntos, e que os tornam, com um pouco de sorte, menos perigosos uns para os outros.”<sup>33</sup> É quando entramos nessa forma de atenção recíproca com o outro, que o tiramos do papel de “escravo afetivo” ou “escravo nutricional”, e também do papel de vítima.

Diante dessas histórias, desse modo de habitar, não posso deixar de reconhecer um interesse particular por uma zona de contato criada com o *toque*, no corpo a corpo. Talvez o carinho, por ser um gesto mais facilmente reconhecível para nós humanos, nos dê uma primeira variante do toque, mas a diferença por investigar está mais além, no estado que animais e humanos alcançam juntos em um gesto multiplicador. Trata-se de pensar o toque como uma experiência do encontro no aqui-agora, onde espécies diferentes trocam e se transformam através de uma interseção sutil.

---

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> DESPRET, V. O que diriam os animais se... **Caderno de Leituras (Chão de Feira)**, n. 45, p. 1–20, 2016. p. 3.

No capítulo intitulado “C de corpo”, em *O que diriam os animais?*, Despret, comentando o que o sociólogo Gabriel Tarde chama de “interfisiologia”, fala dos corpos que em troca e proximidade permitem-se metamorfoses, não se transformando *em* outro, mas *com* o outro. O corpo torna-se aqui, a partir de uma proposta spinozana, o lugar daquilo que pode afetar e ser afetado. Na “ciência de agenciamento dos corpos” de Gabriel Tarde, a relação de troca não tem a pretensão de compartilhar sentimentos ou pensamentos “como o propõe a figura pesada da empatia”<sup>34</sup>, e inclusive abre espaço para relações muito menos harmoniosas e sintonizadas, como é o caso do parasitismo que a trepadeira desenvolve com a planta hospedeira. Sustentando a tese geral de que “existir é diferir”<sup>35</sup>, Tarde afirma que *toda* “matéria crê e deseja, é ávida”<sup>36</sup> — uma posição que de fato se afasta de uma certa ideia de empatia, afrontando o antropocentrismo nela implicado também pela extensão dos atributos de desejo e crença a todos os seres, desde os mais infinitesimais. Em espírito semelhante, Despret ressalta que o *encontro interespecies* não é nem precisa ser a fusão romântica que muitas vezes é evocada nas relações entre humanos e animais. Por isso esse conceito é fundamental aqui, para não cair na armadilha corriqueira da noção de escravos afetivos.

Sob a influência desse novo “pensar com”, as minhas idas seguintes ao santuário, já para a realização desta pesquisa, se deram com uma nova proposta: testemunhar histórias interespecies de aliança e contaminação, numa troca provisória em que humano e não humano são co-criadores da experiência. Histórias particulares de bois, vacas, bezerros, cabras e búfalas são ainda pouco contadas. Contar para criar mundos e não apenas herdar mundos violentos.

Mas como criar junto com seres que não falam, com palavras que não sei quais são? Sem a ambição de afirmar que vamos realizar o feito de uma linguagem comum, o que faço são experimentos de tradução.<sup>37</sup> Como se disse, esta pesquisa

---

<sup>34</sup> DESPRET, V. *O que diriam os animais?* São Paulo: Editora Ubu, 2021a. p. 48.

<sup>35</sup> TARDE, G. *Monadologia e Sociologia*. 1ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. p. 7.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>37</sup> Esta pesquisa se insere em um projeto mais amplo, intitulado *Tradução e perspectivismo: experimentos contemporâneos*, coordenado por minha orientadora, profa. Helena Martins. Tal projeto investiga práticas contemporâneas de tradução que se deixam caracterizar como *exercícios perspectivistas*, o que, nos termos de Martins, envolve pensar os laços possíveis entre experimentação tradutória e experimentação ontológica. MARTINS, H. *Tradução e perspectivismo: experimentos contemporâneos*. Projeto de pesquisa aprovado no Edital Chamada CNPq N° 4/2021-Bolsa de Produtividade - CNPq / 314240/2021-7. 2021.

quer frequentar este lugar limítrofe – o movimento desejado é a conversão do limite em limiar, para falar nos termos Alexandre Nodari.<sup>38</sup>

Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo - traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem.<sup>39</sup>

## 2.2. Benjamin e a tradução poética

Início com Walter Benjamin que, concentrando-se ainda na esfera (humana) da poesia, me ajudou a habitar os limiares da atividade tradutória. Voltando-se para a tradução literária, Benjamin traz algumas ideias relevantes para esta pesquisa, em especial sobre a relação entre a tradução e o incomunicável. Em suas linhas podemos reconhecer um embate entre, de um lado, a tradução para ele virtuosa, a que resulta de um encontro aberto; e, de outro, a tradução que parte do equívoco de buscar *informação* no texto – para ele por traduzir.

No ensaio “A tarefa do tradutor”<sup>40</sup> o conceito de *traduzibilidade*, ao se referir à tradução poética, inclui as próprias diferenças como fatores de criação, ou seja, as diferenças criam possibilidades ao invés de impedirem a tradução. Conforme esclarece Maurice Blanchot em leitura de Benjamin, “o tradutor é o mestre secreto da diferença das línguas, não para abolir a diferença, mas para despertar em sua própria língua, por meio das mudanças violentas e sutis que ele traz a ela, a presença do que é diferente, originalmente, no original.”<sup>41</sup>

A língua, apesar de seus inúmeros aspectos comunicáveis, encontraria na tradução da obra poética a vantagem de poder lidar justamente com seus aspectos incomunicáveis, aí estaria a sua traduzibilidade – pois a obra poética já é, de origem, *diferença* em relação ao plano ordenado e habituado das informações. A tradução

<sup>38</sup> V. p. ex. NODARI, A. **Um jagunço movido a eletricidade**. *Sopro*. N.1, 2009, p. 2. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/resenhas/critica.html> Acesso em 22/02/2023.

<sup>39</sup> LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** 18ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1995. p. 25.

<sup>40</sup> O ensaio “A tarefa do tradutor” é o prefácio da tradução da obra de Baudelaire *Tableaux parisiens*, publicada em 1923.

<sup>41</sup> BLANCHOT, M. Traduire. *Em: L'AMITIÉ*. Paris: Editions Gallimard, 1971. p. 69–73. p. 3.

é, nesse sentido, em si mesma uma linguagem e uma forma de arte, e ao mesmo tempo uma possibilidade de transformação da linguagem:

O que “diz” uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é comunicação, não é enunciado. E, no entanto, a tradução que pretendesse transmitir algo não poderia transmitir nada que não fosse comunicação, portanto, algo de inessencial. Pois essa é mesmo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado (...) não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta?<sup>42</sup>

Uma má tradução, portanto, é, sob esse ponto de vista, aquela que está aprisionada à tarefa de *transmissão de um algo*, de uma informação, de um enunciado, sendo, portanto, “transmissão inexata de um conteúdo inessencial.”<sup>43</sup> Conforme resume Haroldo de Campos,<sup>44</sup> para Benjamin seriam, assim, duas as características da má tradução: a *inessencialidade*, “que decorre da preocupação com o conteúdo comunicativo”, e a *inexatidão*, “que deriva da inapreensão daquilo que está além da transmissão do conteúdo num poema.”<sup>45</sup>

A força do poema não está na informação – o que distingue a boa da má tradução é sua capacidade de resistir ao apego pela informação em um ambiente que conspira para atirá-lo. Trata-se na boa tradução de ativar outras forças, linhas de fuga em relação a esse ambiente. O que consideramos como o incomunicável “poético” de uma obra? Seus afetos? Seus efeitos? Um devir? Parece ser mais ou menos isso o que Proust diz quando afirma que os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira, sendo, quanto a isso, tantas vezes citado por Deleuze: a escrita poética traça na língua “uma espécie de língua estrangeira que não é uma outra língua nem um dialeto regional redescoberto, mas um devir-outro da língua (...) um delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante”.<sup>46</sup> Poderíamos dizer, nesse sentido, que a obra poética é também tradução – uma tradução que, dentro de uma *mesma* língua, faz nascer uma *outra*

---

<sup>42</sup> BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Em: GAGNEBIN, J. M. (ed.). **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 102.

<sup>43</sup> Ibid.

<sup>44</sup> CAMPOS, H. de. A transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. Em: TÁPIA, M. (org.). **Haroldo de Campos: Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 49.

<sup>45</sup> BENJAMIN, 2013, p. 102.

<sup>46</sup> DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 15.

língua, ao mesmo tempo nativa e estrangeira. Sob esse ângulo, as (belas) obras poéticas e suas traduções teriam então isto em comum: seriam dispositivos potenciais de delírio e devir, linhas de feitiçaria em fuga do sistema dominante.

A crítica à ênfase na transmissão de informações, essa disposição que enfraquece não só a tradução, mas também a escrita e a leitura poética, liga-se em Benjamin, talvez, a seu diagnóstico sobre a modernidade. Ao considerar a situação das obras em prosa, em *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Benjamin faz um movimento crítico semelhante ao do ensaio sobre a tradução poética. Traz ali uma reflexão sobre o que vê como o iminente desaparecimento do narrador na história ocidental e reflete sobre a dificuldade da narrativa em permanecer fértil na modernidade, em tempos marcados pelo que reconhece como *pobreza de experiência*:<sup>47</sup> entre outras coisas, tempos de velocidade, de imediatismo e de excesso de informações que exigem verificação rápida, plausibilidade e veracidade. A narrativa de Leskov seria ainda exemplar, por resistir a essas exigências: pois não quer esclarecer-se, mas perdurar, abrir-se a versões ao longo do tempo e diante dos ouvintes-leitores que possa encontrar. Aqui está a sua fertilidade, segundo Benjamin, que compara o bom conto, ou relato, a uma semente que permaneceu guardada por milênios em um túmulo egípcio e que ainda hoje é capaz de germinar.<sup>48</sup>

Essa sugestiva comparação acompanha suas reflexões sobre um outro relato que ele apresenta como exemplar, narrado por Heródoto no décimo quarto capítulo do terceiro livro de suas *Histórias*. Heródoto narra ali a humilhação sofrida pelo rei egípcio Psamético, depois de perder a guerra para os persas e tornar-se refém do rei Cambises. Obrigado a assistir ao cortejo triunfal dos persas, Psamético vê, impassível, passar diante de si sua filha no papel de escrava e seu filho a caminho da morte. Mas é só ao ver um de seus servos entre os prisioneiros, que finalmente é tocado e demonstra fisicamente a sua angústia. Benjamin comenta assim a riqueza da narração de Heródoto: “não explica nada. Seu relato é dos mais secos”.<sup>49</sup> É

---

<sup>47</sup> “É como se tivéssemos sido privados de uma faculdade que nos parecia inalienável, e era a mais segura entre todas: a faculdade de trocar experiências. Uma causa deste fenômeno é clara: a cotação da experiência caiu.” (Benjamin, 2020, p.20)

<sup>48</sup> BENJAMIN, W. O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Em: O Contador de história e outros textos*. São Paulo: Editora Hedra, 2020. p. 25–27.

<sup>49</sup> BENJAMIN, 2020, p. 26.

justamente na secura do relato que reside a sua opulência de possibilidades: a natureza da dor do rei permanece misteriosa, negando-se a ser desvendada; sobre sua dor não prevaleceu – e ainda não prevalece – uma única versão definitiva.

Se reconhecemos em Benjamin a ideia sugerida acima de que “a escrita artística contrai com a própria língua uma relação de tradução, voltada para liberar o outro rarefeito no mesmo”<sup>50</sup>, podemos dizer que, ao construir seu relato, Heródoto deu aos fatos uma *tradução* que, por não se fechar em uma única especulação, é melhor do que outras que venham cheias de explicações para o sofrimento do rei. A sanha de ler o texto como informação pode pressionar a sua redução num veredito. Benjamin descreve a sanha, aventando possibilidades: talvez tenha razão Montaigne quando diz que Psamético sofrera apenas quando viu seu servo porque “já estava repleto de tristeza, a menor sobrecarga bastou para arrebentar todos os diques”; ou talvez o certo seja dizer que “o rei não se comove com o destino da realeza pois é o seu próprio destino”; ou ainda que “muito do que nos comove na cena teatral não nos comove na vida” e que “este servidor é para o rei apenas um ator”; ou mesmo que “a maior dor fica represada e só vem à tona quando ocorre uma distensão”, sendo que “a visão desse servidor foi a distensão.”<sup>51</sup>

O que vemos a partir das considerações feitas até aqui tanto em relação a “A tarefa do tradutor” quanto a “O narrador” é enfim isto: a força do poema ou do relato não está na informação – o que distingue a boa da má tradução, tanto quanto o bom do mau relato, é sua capacidade de resistir à tentação pela informação. Trata-se nas boas traduções e histórias de atizar outras forças. A reflexão que faço aqui é: se a tradução poética implica um encontro entre devires, como isso se relaciona com o que se passa nos atos de tradução experimental dos encontros entre humanos e animais? Algumas linhas de uma das fabulações do próprio Benjamin acerca de experiências na vizinhança humano-animal, o texto “Caçando borboletas,”<sup>52</sup> podem nos sugerir isso.

---

<sup>50</sup> MARTINS, H. Língua comum indecifrada: Grace Passô, Adília Lopes. **Revista Gragoatá**, Niterói, v. 25, n. 53, p. 972-992, 2020. p. 972.

<sup>51</sup> BENJAMIN, W. O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Em: O contador de história e outros textos*. São Paulo: Editora Hedra, 2020. p. 26.

<sup>52</sup> BENJAMIN, W. Rua de mão única. *Em: Obras escolhidas Vol 2*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 80–82.

Neste texto, Benjamin recorda temporadas de férias passadas, quando a família alugava uma casa de veraneio em Postdam. O menino Benjamin costumava então dedicar-se a caçar borboletas, e é uma dessas caçadas que ele recorda no texto. O passeio pelo bosque, a perseguição da borboleta, a sua captura e, mais tarde, sua morte e sua fixação no quadro com alfinete, o acréscimo à coleção.

Seguindo uma borboleta, o menino é levado por ela a um espaço onde os sentidos são aguçados pelas cores e pelos perfumes do jardim. Inebriado do que não é ele, ele corre, flutua, assume a fluidez da borboleta. Como se para encontrar o outro ou “entrar no antigo estatuto da caça”, fosse necessário *sê-lo*, temporariamente: “[c]om a rede levantada, esperava tão-só que o encanto, que parecia se operar da flor para aquele par de asas, cumprisse sua tarefa”.<sup>53</sup> Na perseguição rumo ao outro, a borboleta, frágil, parece zombar do menino, voando de flor em flor sem definir seu pouso e conseqüentemente sem se fixar em alvo. Para o menino, quanto mais se achegava “com todas as fibras ao inseto, quanto mais assumia intimamente a essência da borboleta, tanto mais ela adotava em toda ação o matiz da decisão humana.”<sup>54</sup> Conforme sugerido por Helena Martins (conversação pessoal), essa espécie de desfazimento, de quase perda da própria condição no encontro sensível com o radicalmente outro, talvez se compare, de alguma forma, à situação do tradutor Hölderlin diante do poema trágico de Sófocles, conforme a descreve Benjamin, referindo-se ao “monstruoso perigo originário de toda tradução”: o perigo de perder a própria língua, isto é, a própria forma de vida, o perigo de que “se fechem as portas de uma língua tão ampliada e reelaborada, encerrando o tradutor no silêncio”.<sup>55</sup>

A borboleta brinca com leveza diante da rede, escapando de seu fim. Toda borboleta está sempre perto do fim, toda borboleta já morreu e renasceu três vezes de modo radical e delicado ao mesmo tempo (ovo para lagarta, lagarta para pupa, pupa para borboleta), e o menino parece intuir sobre o talento deste pequeno ser para a metamorfose, e o acolhe como próprio. O menino borboleta. O susto e o fascínio da metamorfose é o sair de si, de um corpo conhecido, para habitar um

---

<sup>53</sup> BENJAMIN, W. Rua de mão única. *Em: Obras escolhidas Vol 2*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 81.

<sup>54</sup> *Ibid.*

<sup>55</sup> BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. *Em: GAGNEBIN, J. M. (ed.). Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 119.

outro que é e não é o mesmo.

A caça exigia do menino uma aproximação cuidadosa, um pressentir os movimentos do outro corpo, intuir seus rumos, decifrar seus afetos. A caça como forma de encontro: menino quase se funde com a borboleta e todo um mundo – uma forma de vida – fica alterada no encontro. É no imponderável do encontro que a abertura para o que nenhuma das duas criaturas havia sido até aquele momento – o outro – pode acontecer. O encontro como incorporação fugaz do outro em si, menino e borboleta criam uma experiência sensível de “confusão mimética”<sup>56</sup> que transcende espaço, tempo e linguagem. Uma história como esta atende sem dúvida à necessidade de outras histórias, histórias de outros seres, existentes e por inventar.

Partindo do entendimento benjaminiano da tradução como *forma de arte inventiva* trata-se agora, indicar linhas de avanço por meio de articulações entre esse entendimento e as noções de *fabulação especulativa*, de Donna Haraway, e de *versão* de Vinciane Despret.

### 2.3. A tradução entre humanos e animais

Como já dito, os experimentos tradutórios que faço nesta pesquisa não têm a pretensão de contribuir para uma teoria da tradução. São antes de tudo uma aposta em histórias que pedem outras histórias, histórias de outros seres, existentes e por inventar. O que faço aqui é realizar, a partir de articulações entre o conceito de *versão* de Vinciane Despret e a noção de *fabulação especulativa* de Donna Haraway, exercícios de tradução experimental. Também não desejo problematizar o uso da palavra “tradução” – se aqui comparece em sentido literal ou como metáfora. Em “Variações sobre o direito de se manter em silêncio”, Anne Carson fala, por exemplo, do pintor Francis Bacon como um tradutor: sem deixar de admitir que “em nosso sentido normal, traduzir é uma operação de linguagem, não de tinta”, Carson atribui a ele o desejo e o êxito de “criar uma forma sensível que traduza direto para o sistema nervoso do espectador”<sup>57</sup>. Esta pesquisa se atreve nessa direção. Com Anne Carson e também com Walter Benjamin, toma como tradução

---

<sup>56</sup> CASTRO, C. As Artes de cacar Borboletas. Em: SOUZA, S. J. e; KRAMER, S. **Política, Cidade, Educação. Itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

<sup>57</sup> CARSON, A. Variations on the Right to Remain Silent. **A Public Space**, v. 7, n. 174, p. 87, 2008.

uma atividade movida pelo que há de “enlouquecedor na atração que sentimos pelo intraduzível, por uma palavra que recorre ao silêncio no traslado.”<sup>58</sup> Proponho aqui, sob signo da tradução, especular sobre como humanos e animais poderiam se comunicar através de seus silêncios, loucuras, nervos, literalmente à flor da pele.

Referência fundamental nesta tese, Viciane Despret também se orienta nessa direção e busca converter em limiares os limites do termo “tradução” ao emprestá-lo às relações interespecies. Em *O que diriam os animais?*, reflete sobre quanto mais e melhor os animais responderiam se os “escutássemos”, se estivéssemos atentos a eles, se não nos colocássemos hierarquicamente como único lugar do saber.<sup>59</sup> Como escreve Bruno Latour no prefácio do livro, “questões tolas criam animais tolos, interpretados por pessoas que acabam ainda mais tolas; questões astutas nos mostram animais astutos e que, graças às transcrições de seus feitos, tornam os leitores mais inteligentes diante do mundo.”<sup>60</sup> A autora permite-se fazer novas perguntas para os animais, sem pretender obter respostas humanas. Quando o animal tem abertura para propor respostas imaginativas, os mundos não se reduzem, mas se multiplicam em mundos mais complexos e instáveis.

Para responder a esse mundo outro, ela especula sobre dois tipos de tradução, os quais chama de *thème* e *version*.<sup>61</sup> Despret parte de um artigo publicado na revista *National Geographic* sobre um curioso fato ocorrido em um santuário de reabilitação de chipanzés, nos Camarões para ilustrar essas duas figuras de tradução. Após a morte de uma fêmea idosa e particularmente querida, os cuidadores do santuário decidiram apresentar o corpo da chipanzé aos seus companheiros. Normalmente rumorosos e agitados, eles ficaram mudos diante do

---

<sup>58</sup> Ibid.

<sup>59</sup> DESPRET, V. *O que diriam os animais?* São Paulo: Editora Ubu, 2021b.

<sup>60</sup> LATOUR, B. As fábulas científicas de um La Fontaine empírico. Em: DESPRET, V. *O que diriam os animais?* São Paulo: Editora Ubu, 2021. p. 9–19. p. 14.

<sup>61</sup> DESPRET, 2021b, p. 283. Em francês, o termo *version* nomeia em geral a tradução da língua estrangeira para a língua nativa (no nosso caso, por exemplo, do inglês para o português); ao passo que *thème* se refere ao percurso inverso, da língua nativa para a estrangeira (no nosso caso, por exemplo, do português para o inglês). Os dois cognatos em português, *tema* e *versão*, são falsos amigos: não está entre os sentidos de “tema” uma modalidade de tradução; e o que nós chamamos normalmente de “versão” é o que em francês se diz *thème*. Para não ter que ficar usando os termos franceses, por comodidade, utilizaremos aqui os cognatos em português como se *não fossem falsos amigos*. Despret faz, de resto, um uso dos dois termos que deriva do uso comum em francês mas a ele não se reduz. Ao encontrar os termos “tema” e “versão” doravante, a leitora deve ter em mente os modos singulares com que Despret define respectivamente *thème* e *version*, assim como aqui explanados.

cadáver, reação que despertou uma série de reflexões controversas. Algumas pessoas lançaram a questão: chimpanzés vivem o luto? Tal pergunta desencadeou uma série de interpretações para a história. Alguns disseram que não se tratava de luto, já que este pressupõe uma consciência da morte, consciência não prevista entre animais. Outros disseram que poderia ter se tratado de uma reação de terror solene diante de um cadáver, sem que houvesse a compreensão de que aquele animal nunca mais retornaria entre o grupo. Outras pessoas lembraram dos rituais que elefantes realizam quando um membro da manada morre, depositando flores e ervas ao lado do corpo. Alguns levantaram um argumento interessante: os chimpanzés não estavam reagindo daquele modo espontaneamente, já que foram os cuidadores do santuário a incitar algum tipo de reação neles ao trazer o corpo da morta. O comportamento dos chimpanzés seria então mais uma reação à solicitação dos humanos do que ao cadáver, não configurando, assim, um luto.<sup>62</sup>

Todas as controvérsias consideravam a veracidade do luto como o ponto crucial da polêmica, mas Despret faz uma provocação mais interessante, à luz do pragmatismo de William James, sobre *o que a resposta dos chimpanzés demanda de nós*. Indo além da oposição é ou não é luto, ela se pergunta “o que isso exige de nós?” A ambição de “saber se é mesmo ‘luto verdadeiro’, se ‘isso quer dizer exatamente a mesma coisa’ remete ao exercício do *tema*”, figura de tradução que a autora associa à busca por um sinônimo absoluto e inequívoco: “os dois termos, ‘luto-dos-humanos’ e ‘luto-dos-chimpanzés’, devem dizer precisamente a mesma coisa, devem ser substituíveis um pelo outro.”<sup>63</sup> A tradução-tema busca a fidelidade e a conformidade com o texto original, busca um sentido exato e o mais literal possível: o “tema, tal qual o defino, prefere os sinônimos aos homônimos”, diz Despret.<sup>64</sup> O que parece estar em jogo é a busca da *informação* comum. Para Despret, trata-se aqui de sinônimos que, mesmo em mundos diferentes como são o humano e o animal, devem ser intercambiáveis. O tema busca preencher e pacificar as brechas com informações. Mas para a autora, o inusitado e o sucesso daquela história estava justamente na lacuna deixada aberta, que colocava o caso na condição de relato inesgotável. Também para Benjamin, como vimos, a lacuna

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 281–282.

<sup>63</sup> Ibid., p. 284.

<sup>64</sup> DESPRET, 2021a, p. 284.

aberta é condição do conto ou do poema que não se desgastam nunca – como “uma semente que permaneceu guardada por milênios em um túmulo egípcio e que ainda hoje é capaz de germinar.”<sup>65</sup>

O que os animais podem nos dizer sobre nossas próprias formas não-verbais de comunicação? O que a autora chama de *versão* nos propõe a pergunta “o que isso demanda de nós?” – e abre-se a novos significados, permitindo a multiplicidade de sentidos e concedendo à tradução a possibilidade de escolhas. A pergunta é um vetor da versão, ou melhor, sua criadora. Despret sugere abdicar do significado exato na tradução e partir para comparações, aceitando que toda tradução carrega erros e ausências. Estas ausências tornam-se brechas para *criar diferenças*, e essas diferenças *criam o lugar do encontro*. São essas versões de Vinciane Despret que me interessam, com suas deformações que permitem mundos mais abertos. O que aprendemos sobre nós nesses mundos e nesses encontros? Despret nos diz:

Traduzir, de acordo com o modo da versão, conduz, pois, a multiplicar as definições e os possíveis, a tornar perceptíveis mais experiências, a cultivar os equívocos; em suma, a proliferar as narrativas que nos constituem como seres sensíveis, conectados aos outros e afetados. Traduzir não é interpretar, é fazer experimentos com as equivocações.<sup>66</sup>

Eduardo Viveiros de Castro, citado por Despret nesse contexto, propõe a noção de “equivocação” como uma maneira de reconceituar, com a ajuda da antropologia perspectivista ameríndia, o procedimento de comparar da antropologia. Partindo do princípio de que a antropologia compara *para que possa traduzir*, e não para explicar ou interpretar, a diferença será sempre uma condição. Neste caso, traduzir é presumir uma diferença: “o que onças veem como ‘caxiri’ (a bebida apropriada de pessoas, de tipo-onça ou não), humanos veem como ‘sangue’”. Onde nós enxergamos um bloco de sal enlameado, antas enxergam sua grande casa cerimonial.”<sup>67</sup> Para o antropólogo, a equivocação é a condição limitadora de toda relação social, “não é um fracasso subjetivo, mas uma ferramenta de objetificação”.<sup>68</sup> Objetificar é aqui justamente multiplicar perspectivas: já com Nietzsche aprendemos que “quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa,

<sup>65</sup> BENJAMIN, 1987b.

<sup>66</sup> DESPRET, 2021b, p. 290.

<sup>67</sup> CASTRO, E. B. V. de. **A antropologia perspectivista e o método de equivocação controlada**. v. 5, n. 10, p. 247–264, 2018. p. 252.

<sup>68</sup> Ibid., p. 256.

quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’.”<sup>69</sup>

## 2.4. Fabulação especulativa

“Quando toco no meu cachorro *em quem e o que toco?*” – pergunta-se Donna Haraway.<sup>70</sup> Interessada em pensar quais seriam as consequências de reconhecer nessa pergunta uma questão de tradução, Helena Martins comenta:

Será que não poderíamos surpreender aqui também a tradução como meio de promover uma relação porosa e indecisa entre tempos-espacos? Wittgenstein faz uma provocação que talvez venha a calhar aqui: “O cão acredita que seu dono está à porta. Mas pode também acreditar que seu dono chegará depois de amanhã?” [*Investigações filosóficas*, p. 165]. Talvez nos ocorra pensar a pergunta de Haraway — quando toco meu cachorro, em quem e o que toco? — como análoga a: como traduzir entre si diferentes temporalidades (mundos?) em contato? Como traduzir para o nosso mundo o mundo sem depois de amanhã dos cães?<sup>71</sup>

Para Donna Haraway, Vinciane Despret, Isabelle Stengers, Anna Tsing, Marilyn Strathern, Ursula Le Guin e muitas outras é em contar histórias que reside essas promessas de tradução. Elas falam sobre regenerar, recuperar, remodelar a história, ao invés de buscar validação. Exercícios experimentais na criação de narrativas outras que vão além do discurso que pertence ao colonizador, ao dominador: “a cada vez que uma história me lembra daquilo que eu julgava já saber ou me apresenta um novo saber, exercita-se aerobicamente um músculo que é fundamental para o compromisso atento com o florescimento.”<sup>72</sup> Tais histórias têm efeitos na constituição do que somos e do que o mundo é e pode ser. Histórias locais, situadas, que nos constituem e constituem o mundo através do *devir com outros*.

*Devir-com* é um conceito criado por Despret e desenvolvido por Haraway<sup>73</sup> para falar do que humanos e animais podem fazer juntos em relações responsivas.

---

<sup>69</sup> NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2009, 12.

<sup>70</sup> HARAWAY, D. **When Species Meet**. Londres: University of Minnesota Press, 2008. p. 1.

<sup>71</sup> MARTINS, H. A tradução como ato. *Em*: Bruno Siniscalchi; Maria Borba. (Org.). **Atos de tradução**. 1ed. São Paulo: SESC, 2022, v. , p. 13-23. p.22.

<sup>72</sup> HARAWAY, D. J. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press Books, 2016. p. 29.

<sup>73</sup> O devir-com de Haraway não tem relação direta com a versão de devir-animal de Deleuze e Guattari. Haraway critica o desprezo que os autores têm pelos animais domésticos, embora

Nessas relações provisórias os envolvidos (e as próprias relações) não existem em suas condições preexistentes e se atualizam constantemente, vendo e sentindo o outro, afetando e sendo afetado pelo outro, renovando-se e tornando-se outro “com” o outro. Haraway fala do *devir-com* como uma dança que “consiste em nos tornarmos mutuamente disponíveis”.<sup>74</sup> Uma dança entre seres em “uma prática de fusão transformadora; criaturas vivas formam consórcios”<sup>75</sup> que não se encaixam nas separações modernas entre natureza e cultura e entre sujeito e objeto. Devires que, como palavras, têm efeito material porque, para Haraway, as palavras podem se inscrever na carne. A história dá forma ao mundo e produz forma no mundo.

Fui apresentada a expressão *fabulação especulativa* no encontro com o livro *Staying with the Trouble* de Donna Haraway. Senti-me imediatamente provocada pelas forças particulares que ela atribui às novas histórias – se elas podem contribuir para promover florescimentos em um ambiente cada vez mais árido e hostil, é justamente porque, como se disse, ligam-se a uma demanda de “exercitar e fortalecer aerobicamente músculos atrofiados da nossa sensibilidade”<sup>76</sup>, uma demanda de *experimentação*. Trata-se, além disso, de experimentar na própria forma da escrita uma mistura do que antes parecia incompatível: um trânsito não hierárquico entre saberes práticos, científicos, filosóficos, poéticos. Haraway e Despret estão constantemente violando demarcações gerais e disciplinares, experimentando com a imaginação o que há além dos confins radicados. Elas acreditam na importância da experimentação para buscar respostas a um mundo que ainda não está terminado.

Essas narrativas experimentais podem ter vários nomes. Ficamos aqui com *fabulação especulativa*. Pensar no que é fabulação, no que é especulação, tarefa e devir já é uma provocação, um jogo imaginativo, um salto para além do realismo,

---

compartilhe com eles o olhar para o não humano como meio de descentralizar o humano. No entanto, o devir-com de Haraway e Despret aqui vai além da animalidade como questão filosófica. É um devir de seres reais, e não de seres mitológicos ou arquetípicos. Daí Haraway trazer histórias de sua própria cadela, criatura caseira, ordinária e corpórea, enquanto Deleuze fala de lobos e de uma animalidade selvagem e distante. Entre a mulher e sua cadela o devir-com é individualizado, localizado, cotidiano e presente, enquanto a figura do lobo de Deleuze e Guattari traz um devir exemplar e idealizado. “A velha, a fêmea, o pequeno, a amante de cães e gatos: são quem e o que deve ser vomitado por aqueles que devirão-animal” HARAWAY, D., 2022, p. 47.

<sup>74</sup> Ibid., p. 43.

<sup>75</sup> Ibid., p. 49.

<sup>76</sup> HARAWAY, D. J., 2016, p. 29.

do cientificismo, e de tudo que exige ser atestado. Para pôr em movimento essas fronteiras habitadas entre o factual e o ficcional, Haraway joga com o significante *SF*. Um potente tropo material-semiótico. Porque as palavras são intensamente físicas para ela: “as palavras e a linguagem estão mais próximas à carne do que as ideias.”<sup>77</sup> Eis a deriva do significante *SF* que Haraway põe em movimento:

SF: ficção científica (*science fiction*), fabulação especulativa (*speculative fabulation*), jogo de barbantes/ cama de gato (*string figures*), feminismo especulativo (*speculative feminism*), fato científico (*science fact*) e até agora (*so far*).<sup>78</sup>

Presente de maneira transversal em toda sua obra, Haraway explora as múltiplas possibilidades das “SFs” em uma paisagem radicalmente desierarquizada de saberes em colaboração. Que, por exemplo, *fato científico* e *ficção científica* sejam assim horizontalmente dispostos, em parceria, desfaz o aparente oximoro pelo qual a *fabulação* especulativa é também *realista*. O realismo especulativo de Haraway não se liga a qualquer imperativo de representação objetiva do real, voltando-se antes para um horizonte real de interferência: buscar na ciência e nos demais domínios elementos para promover a recuperação de histórias complexas.

Para corroborar com suas fabulações, Haraway<sup>79</sup> convoca a “teoria da bolsa da ficção” de Ursula Le Guin, que parte da hipótese de Elizabeth Fisher<sup>80</sup> de que não foi uma arma, mas uma bolsa-coletora a primeira ferramenta que os pré-históricos usaram. Essa hipótese sugeriu ter sido um *recipiente* o crucial artefato humano, uma bolsa, um saco ou um cesto capaz de guardar, conservar, transportar e repassar sementes, comidas, outros artefatos e... experiências. A ideia de Fisher subverteu a hipótese, dominante na arqueologia, que dava às armas a primazia civilizatória, e chamou atenção à função coletora, basicamente feminina, que é a que interessa Le Guin em sua “teoria da bolsa”. Quando perguntei ao Google sobre

---

<sup>77</sup> HARAWAY, D. J.; GOODEVE, T. N. Fragmentos: quanto como uma folha. entrevista com Donna Haraway. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 1, p. 48, 2015.

<sup>78</sup> HARAWAY, D. J., 2016, p. 2.

<sup>79</sup> HARAWAY, D. J., 2016.

<sup>80</sup> Nos anos 70, “A Teoria da Bolsa da evolução humana” foi usada pela antropóloga Elizabeth Fisher no livro *Women's Creation*, 1979. Le Guin, uma década depois, emprestou esse dispositivo não ficcional para sua “teoria da bolsa da ficção”, “The Carrier Bag Theory of Fiction” publicado pela primeira vez na coleção de 1988 *Women of Vision: Essays by Women Writing Science Fiction*.

o “primeiro artefato humano”: de fato, não encontrei nenhuma referência a recipientes, mas um catálogo ilimitado de pontas de lança.

Ursula Le Guin, a partir de uma perspectiva decolonial e multiespécies, faz uma escrita que abandona o imaginário do “tempo tecno-heroico” e sua linear narrativa. E sugere em seu lugar, com a tecnologia que é a bolsa, o cesto ou qualquer recipiente desierarquizador na sua organização. Uma experiência, portanto, que invoca outros modos de narrar. A história dominante contada até agora – a dos caçadores, assassinos, conquistadores e Heróis maiúsculos – gera narrativas que continuam se repetindo, oprimindo, dividindo sujeito e objeto, máquina e organismo, homem e animal, o eu e o outro. “O problema é que todos nos deixamos envolver na história do assassino, e assim podemos acabar junto com ela.”<sup>81</sup> Para evitar seguir nesse rumo, é preciso começar a contar uma outra história. Nessa nova história, o herói que briga, corta e mata (qualidades associadas ao masculino) cede lugar para aquele, ou melhor, aquela que abriga, cuida, também luta e gesta. Trata-se de substituir a *killer story* pela *life story*, substituir o que vence o outro, pela que se aproxima do outro. Sem por isso abandonar uma atitude combativa, como diz Le Guin, que se coloca como uma mulher que impõe a própria bolsa na “luta contra os bandidos, sem porém sentir-se heróica por isso”.<sup>82</sup>

Na bolsa se conservam memórias e se preparam histórias de uma vida em comum, sem linearidades e hierarquias. Dentro dela o conteúdo se mistura, se sobrepõe, se chacoalha e se transforma, sempre em movimento, possibilitando a emergência de outras formas de narrar. Para Le Guin é preciso destacar-se da história dominante até agora e, “com certo sentimento de urgência” procurar “a natureza, o sujeito, as palavras da outra história, a história que não foi contada, a história da vida.”<sup>83</sup> É quando fabular modifica a realidade:

e se redefinindo a tecnologia e a ciência como primordialmente uma cesta de culturas, em vez de uma arma para a dominação, um agradável efeito colateral é possibilitar que a ficção científica seja vista como um campo muito menos rígido e estreito, não necessariamente Prometeico ou apocalíptico e, de fato, menos um gênero mitológico do que realista.<sup>84</sup>

---

<sup>81</sup> DESPRET, 2021a, p. 21.

<sup>82</sup> Ibid.

<sup>83</sup> Ibid.

<sup>84</sup> Le GUIN, U. K. L. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: N-1 Edições, 2021. p. 23.

Aqui a ficção científica amplia os limites da imaginação sobre o agora, uma forma de sugerir novas possibilidades, deslocar, ousar, e modificar o presente. Se a ficção pode criar mundos é porque implica, nas palavras de Juan José Saer, um “salto na direção do inverificável”:

Ao dar o salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento [do universo]. Não dá as costas a uma suposta realidade objetiva: muito pelo contrário, mergulha em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como é essa realidade.<sup>85</sup>

Isabelle Stengers também usa a imagem do salto para falar sobre especulação (no caso pensamento especulativo), e ilustra-o com o exemplo da professora que introduz as crianças no mundo da matemática.<sup>86</sup> Há duas opções: ou a professora confia no salto, ou experimenta o ensino sem qualquer desafio especulativo, como um caminho habitual que a criança apenas tem de seguir. Mas o caminho habitual pode ser perigoso, pois só quando há risco de fracasso é que sentimos o salto como sendo especulativo. “A imagem do salto com os dois pés fora do chão ilustra bem a dimensão do risco, separando o saltador daquele que fica no chão sentindo-se seguro com os seus hábitos comuns”.<sup>87</sup> Para saltar, diz Stengers, é preciso estar em terra firme, em contato com o solo, um salto em diálogo com o chão e vinculado a ele. A gente salta, voa e volta. O salto como uma aventura e um chamado do próprio chão – e a especulação se faz nesse movimento.

Em *The Insistence of Possibles: Towards a Speculative Pragmatism*, Stengers fala da especulação como um gesto concreto (pragmático) que subverte os sentidos correntes de especulação na modernidade: o de uma lógica que parte de um raciocínio abstrato, e o de algo que não é baseado em fatos concretos. A especulação para Stengers é um engajamento na direção do possível e do realizável diante das crises ambientais e humanas (e não humanas) do nosso tempo. Um gesto especulativo que sai do campo do utópico e se interessa por suas consequências, e que se põe diante de um “e se?” que assume as próprias responsabilidades e riscos

---

<sup>85</sup> SAER, J. J. O conceito de ficção. *Revista Sopro*, 2009. p. 2.

<sup>86</sup> STENGERS, I. Chapter 10. Speculative Philosophy and the Art of Dramatization. *Em: The allure of things: process and object in contemporary philosophy*. London: Bloomsbury Academic, 2014. p. 188–217.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 188.

ao dar o salto. “Talvez esta vida nas ruínas (do capitalismo) exija o casamento do especulativo, aberto à insistência dos possíveis, e do pragmático, como a arte da capacidade de resposta.”<sup>88</sup>

De modo análogo, para Haraway, o gesto especulativo está na urgência em fabular possibilidades de futuro e de devir-com as espécies companheiras com as quais coevoluímos. O salto está na criação de mundos “simpoiéticos”, configurados juntos, em parentescos multiespécies. *Simpoiesis* é uma palavra grega que significa “fazer-com”. O prefixo “sym” indica “junto” e o radical *poiesis*, “criação”: “nada é auto-fabricado, nada é realmente autopoiético ou auto-organizado”; ao contrário, “os bichos [*critters*] se interpenetram, se lançam uns aos outros, se alimentam uns dos outros, se digerem e se assimilam parcialmente.”<sup>89</sup>

*Simpoiesis* é, portanto, ao mesmo tempo um conceito e uma tarefa: “a tarefa é gerar parentes (*make kin*) em linhas inventivas de conexão”<sup>90</sup>; de estabelecer relações não convencionais de um tipo de parentesco que está além da ancestralidade ou da genealogia. Trata-se de novos modos de se relacionar, que alargam a imaginação e co-criam histórias nas quais “todas as criaturas compartilham uma ‘carne’ comum, semioticamente e genealogicamente.”<sup>91</sup> Trata-se de estabelecer relações conscientes de que somos o que comemos, de que parte de nosso DNA provém de outros seres, de que temos mais microbiontes alheios em nosso intestino que células em nosso corpo. Trata-se de experimentar essa mistura como uma nova narração. Interpenetrar-se com o outro colocando-se vulnerável no contato com outras espécies, pensar junto, trocar genes.

Minhas narrativas multiespécies dizem respeito à recuperação em histórias complexas tão cheias de morte quanto de vida, tão cheias de finais, e até de genocídios, quanto de começos. (...) Assim, procuro histórias reais que também sejam fabulações especulativas e realismos especulativos. São histórias em que atores multiespécies, enredados em traduções enviesadas e falhas em meio à diferença, refazem modos de viver e morrer em sintonia com um florescimento finito ainda possível, uma recuperação ainda possível.<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> DEBAISE, D.; STENGERS, I. The Insistence of Possibles. Towards a Speculative Pragmatism. *Parse Journal*, [s. l.], v. 7, speculative, p. 13–19, 2017. p. 18.

<sup>89</sup> HARAWAY, 2016, p. 58.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>91</sup> HARAWAY, D. **Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno**. Primera edición en español ed. Bilbao: consonni, 2019. p. 159.

<sup>92</sup> HARAWAY, 2016, p. 10.

Penso então a tradução enviesada e falha nos termos de Haraway, também como uma experimentação simpoiética: “a tradução como uma espécie de mergulho dentro de um mundo para apresentá-lo ou para habitá-lo, e para levar outros a se interessarem por habitar esse mundo.”<sup>93</sup> É esse o caso, por exemplo, de “As Histórias de Camille: filhos da compostagem”, uma ficção escrita em parceria com Vinciane Despret e Fabrizio Terranova para uma oficina de escrita proposta por Isabelle Stengers, em Cerisy (Normandia) no ano de 2013, chamada “Gestos especulativos”.<sup>94</sup>

“As Histórias de Camille”, defende Haraway, é um projeto-piloto destinado a receber acréscimos e ser continuado por outros e conta sobre um mundo no qual as divisões ontológicas tradicionais e as formas de vida que conhecemos hoje são rompidas e compostadas. No mundo de Camille, o problema da superpopulação humana é enfrentado não apenas com a diminuição do número de nascimentos, que passam de eventos corriqueiros a eventos preciosos, mas também com o advento dos seres “compostos”: cada criança nasce com laços genéticos com outra espécie, preferencialmente uma espécie em perigo de extinção. O corpo de Camille é em parte humano em parte Borboleta-Monarca. Camille é uma das filhas desse novo modo de gerar através da decomposição-recomposição. Um corpo simbiótico no qual a própria sensibilidade humana é enriquecida pela sensibilidade e pelas percepções da outra espécie. Ao longo da vida, esses seres compostos podem adotar transformações para diferentes áreas de suas vidas, úteis, por exemplo, para o trabalho que fazem, para a aparência que desejam ter, ou simplesmente por escolhas pessoais ou estéticas. A única condição para as mudanças é o bem-estar dos sintonistas que compostam aquele ser.

Na história de Haraway, o encontro entre a criança e a borboleta se dá renovando não apenas o indivíduo, mas o mundo que o cerca e as relações que ele tece com os outros. A ficção futurista de Haraway, comprometida politicamente com o futuro do planeta e a coaprendizagem das espécies, atualiza a memória

---

<sup>93</sup> HARAWAY, D. Entrevista publicada originalmente em versão reduzida no jornal Folha de S. Paulo, em 22 de agosto de 2021. Com a participação de Marilene Felinto, Cecilia Cavaliere e Juliana Fausto. 2021.

<sup>94</sup> “As Histórias de Camille” foi publicada no livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, capítulo 8 (2016).

passada do menino Benjamin caçador de borboletas. A mescla entre humano e animal, que Benjamin ensaiara com a borboleta, em Camille encontra a mobilidade e a fluidez que Haraway considera necessárias para a construção de um novo modo de viver. A borboleta morta do menino Benjamin transforma-se na borboleta que se é. Com essa fabulação Haraway sugere um futuro em que, para nos salvarmos, é preciso, de alguma forma, tornar-se o outro e mantê-lo vivo em si, e manter-se vivo nele. O encontro é conjunto e carnal, simbiose entre entidades que se recriam juntas. Tal experiência exige uma abdicação de parte de si de ambos os envolvidos, que buscam constantemente adaptações ao ambiente onde vivem, já que não existem soluções perfeitas nem definitivas. Histórias, a de Benjamin e a de Haraway, que falam de metamorfose, cada um no seu tempo, afinal “nada vem sem seu mundo”<sup>95</sup>

Em paralelo, Despret, inspirada na comunidade das Camille em seu livro *Autobiografia de um polvo*, fabula sobre outra comunidade de simbiontes: a dos Ulisses de Nápoles, simbiontes (sims) entre humanos e polvos. Nessas fabulações, Haraway e Despret, também se inspiraram em Le Guin, em suas histórias de um tempo em que há troca linguística entre todos os seres, no qual não existem apenas literaturas humanas e onde terolinguistas e fitolinguistas são pesquisadores para uma tradução interespecies.

Você se dá conta”, dirá o fitolinguista ao crítico de estética, “de que [houve um tempo] em que eles nem sabiam ler berinjela?” E vão então rir da nossa ignorância, alçar as mochilas e começar a escalar a face norte do Pike Peak, para ler a recém-decifrada lírica dos líquens<sup>96</sup>

Na comunidade de Ulisses de Despret os envolvidos experimentam sensorialidades uns dos outros. “Trata-se, segundo seus próprios termos (dos sims), de ‘sugestões carnavais’ que dão aos seres a capacidade ‘de provar, de sentir e de

---

<sup>95</sup> “Nothing comes without its world” é o nome de um capítulo do livro *Modest\_Witness@Second\_Millennium. FemaleMan@Meets\_OncoMouse™. Feminism and Technoscience* de Donna Haraway (1997). A expressão é utilizada aqui dialogando com a ideia de conhecimento situado: saber e pensar são inconcebíveis sem uma multiplicidade de relações que também tornam possíveis os mundos com os quais pensamos. Um saber localizado é aquele que parte de algum lugar, que é visto e a partir disso também pode ver. A partir desta perspectiva trago a expressão para dizer que todas as coisas vêm com seus mundos, mundos que acolhem “surpresas e ironias no coração de toda produção de conhecimento” HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. p. 38.

<sup>96</sup> Le Guin apud HARAWAY, 2016, p. 56.

ouvir’, não exatamente ‘como’, porém mais precisamente ‘com’ seu simbionte.”<sup>97</sup> Nessa comunidade os seres – humanos, simbioses e polvos – comunicam-se em experimentos tradutórios. Na história, os pesquisadores que estudam a comunidade chamam os experimentos de “interpretação”, mas os sims exigem que o trabalho seja chamado de “*sperimentazione di significati*”<sup>98</sup> (experimentação sobre significados). Uma experimentação entre modos de comunicar mais maleáveis que se abrem à diversidade do outro e criam interseções de mundos. “Essa língua outra, explica Ulisses, permite que as crianças não entrem rápido demais nas categorias que moldam a relação com o mundo e com os outros.”<sup>99</sup>

Despret nos convida a imaginar que ao contrário da maioria das línguas europeias, a língua dos Ulisses “é uma língua sem centro, uma língua atravessada, ou de atalhos”<sup>100</sup>, sem um sujeito poderoso, controlador e centrado que se impõe ao verbo e impõe verbos ao outro (que é objeto). As línguas europeias regem-se na distinção entre o que é sujeito dotado de ação e o que é despossuído dela. Nessas línguas as relações com o mundo e com os outros se estabelecem de modo brusco e diferenciado, enquanto que na língua dos sims Ulisses,

o sujeito é apenas o destinatário passageiro de um verbo que o agarra. Todo sujeito encontra-se em devir, não dentro de seu próprio agir, mas em uma multiplicidade de ações que o transbordam.<sup>101</sup>

Despret aqui, assim como Haraway, insiste na junção entre materialidade e semiose: carne e língua. “Nenhum verbo se sustenta sozinho”, mas é sempre “o resultado de um outro agir acolhido por aquele que garante a mediação de uma cascata de fazeres.”<sup>102</sup>

## 2.5. Sugestões escritas

Para realizar esta tese, busco materializar na própria trama da escrita o trânsito não hierárquico entre saberes preconizado por Despret e por Haraway –

---

<sup>97</sup> DESPRET, V. **Autobiografia de um polvo: e outras narrativas de antecipação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p. 100.

<sup>98</sup> Ibid., p. 103.

<sup>99</sup> Ibid., p. 106.

<sup>100</sup> Ibid.

<sup>101</sup> Ibid.

<sup>102</sup> Ibid., p. 107.

saberes práticos, científicos, filosóficos, poéticos. Somam-se a isso as minhas experiências pessoais, de mãe, de filha, de tutora de animais, minha experiência na medicina veterinária<sup>103</sup>, no teatro, na dança, no cinema, no mundo acadêmico: “o nó de mundos públicos e íntimos”.<sup>104</sup>

Ao olhar para os animais – ao experimentar traduzi-los – não reflito apenas sobre quem são eles, mas também sobre quem sou diante deles, e sobre como escrevo sobre eles, a própria escrita tornando-se instrumento desse experimento. A narrativa torna-se uma metodologia e um modo de converter continuamente uma coisa na outra. Aqui as histórias se tramam sob o impacto de encontros reais com animais sob o signo da tradução, pensada ao modo da versão despretiana.

Assim como Despret e Haraway, também busco fazer de meus exercícios experimentais de escrita uma política de “pensar com”, bem descrita por Juliana Fausto, em *A Cosmopolítica dos Animais*:

*Então, o que é política?* É um modo de intra-ção do qual resultam não apenas sujeitos, mas espaços coabitados; é abrir-se às intrusões do fora; é sair das dualidades que articulam seus termos por denegação e hierarquização; é co-constituir mundos conjuntamente, por entrelaçamentos situados; é dar voz a quem historicamente não a teve e examinar os próprios olhos; é cosmopolítica; é um tipo de feitiçaria cósmica que, ao transformar locais de habitação, visa transformar modos de habitar; é arriscar-se em arranjos provisórios; é compreender que tudo isso pode ainda falhar e começar de novo.<sup>105</sup>

Para participar da escrita e do movimento desejado de converter os limites em limiares trouxe os desenhos – e, além destes, distribuí pela tese, de modo deliberadamente paratático e graficamente distinto, fragmentos de poesia e prosa que julgo capazes de contribuir para os processos de sensibilização com que gostaria de colaborar. Ferramentas resistentes às razões que justificam porque o mundo deveria ser o que conhecemos e não outro. São ferramentas que me ajudam a traduzir seres existentes e seres ainda por existir em encontros como o do menino Benjamin e a borboleta. “O caçador havia lançado o próprio corpo atrás da rede”<sup>106</sup> e sentia em seu corpo o tremor daquele voo assustado, mas só depois começava a

---

<sup>103</sup> Frequentei o curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal Fluminense por 3 anos, entre 19 e 22 anos.

<sup>104</sup> HARAWAY, 2022, p. 371.

<sup>105</sup> FAUSTO, J.; DANOWSKI, D. *A Cosmopolítica dos Animais*. 300 f. 2017. - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017. p. 82.

<sup>106</sup> BENJAMIN, 1987b, p. 80.

entender “a comunicação entre a borboleta e as flores”.<sup>107</sup> Como falar desse estremecimento senão sendo possuído pela delicadeza daquelas asas e metamorfoseando-se poeticamente nelas?

Era uma vez um animal chamado  
escrita, que devíamos,  
obrigatoriamente, encontrar no  
caminho; dir-se-ia, em  
primeiro, a matriz de  
todos os animais; em segundo, a  
matriz de todas plantas e, em  
terceiro, a  
matriz de todos os seres  
existentes.<sup>108</sup>

Os desenhos vieram de um “diário de campo” imaginado posteriormente. Ao escrever sobre os meus encontros com os animais do santuário, senti a falta de imagens que não haviam sido feitas com a câmera. Imagens que estão nas “entre frames”. Despret aproveita-se das oportunidades oferecidas pela palavra inglesa *remember* – lembrar e recompor (*re-member*) – para pensar um tipo de memória que não apenas recupera o passado mas que o transforma, retraduzindo-o: “fazer história é reconstruir, fabular, de modo a oferecer ao passado outras possibilidades de presente e futuro.”<sup>109</sup> Animais sofridos e maltratados que voam, dançam, transcendem seus corpos feridos.

Os desenhos foram criados em conjunto com Mariana Muniz, artista que conheci ainda na faculdade de veterinária e que junto comigo largou o curso movida pelas mesmas frustrações. Mariana é também co roteirista da série *Amor de bicho*, e foi ainda, neste trabalho, parceira de muitas reflexões. Com ela recompos minhas memórias. Os desenhos também foram experimentos de co-criação, de simpoiesis e “nos convidam a reativar nossas versões apagadas, nos obrigam a repensar, põem nossos temas e versões à prova da tradução.”<sup>110</sup> Traduzir para “criar e tornar perceptíveis as relações que os outros calavam, ou às quais as versões deles davam outro sentido.”<sup>111</sup>

---

<sup>107</sup> Ibid.

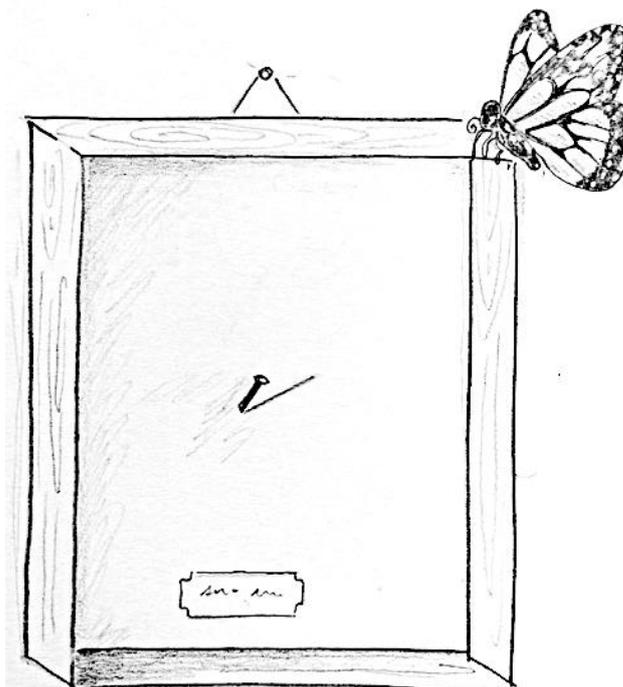
<sup>108</sup> LLANSOL, M. G. **Causa amante**. Lisboa: Relógio d’água, 1996. p. 160.

<sup>109</sup> DESPRET, 2021b, p. 259.

<sup>110</sup> DESPRET, 2021a, p. 290.

<sup>111</sup> DESPRET, 2016, p. 291.

Em sua abordagem de “antropologia gráfica”, Tim Ingold diz que o desenho é um “modo de pensar” que organiza e amplia o conhecimento em camadas.<sup>112</sup> Através do desenho um “pensar” vinculado a um “fazer”, e como consequência um renovado “conhecer” a partir desse “pensar-fazer”. O desenho como a sobreposição de vários estratos, passagens, linhas. Essas passagens também estão no texto quando eu escrevo o que vejo, o que compreendo de outros autores, o que ouço, o que sinto, o que narro, o que ficciono, esse emaranhado. O desenho então conecta tudo isso, e como diz Ingold, conecta as experiências de observação e de descrição que comumente acham-se separadas no tempo e no espaço nos trabalhos de campo.<sup>113</sup> Os desenhos que aqui entraram talvez acabem também por evocar, sem que isso tivesse sido planejado mas muito a propósito, o traço de uma naturalista amorosa no registro da fauna e da flora – ou gesto de uma ilustradora de livros infantis que sabe que “à sua maneira, a arte diz o que as crianças dizem”, que ela “é feita de trajetos e devires”.<sup>114</sup>



Por fim, com esse experimento de escrita tradutória, venho especular: como as traduções interespecies conduzidas como versões podem transverter histórias frigorificadas (animais de corte) em histórias vivas e abertas (espécies companheiras)? Como através dessas traduções é possível reviver relações emaranhadas antes apagadas, silenciadas, dessensibilizadas? Como essas histórias

<sup>112</sup> INGOLD, T. *Redrawing anthropology. Materials, movements, lines*. England: Ashgate, 2013. *Em: Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. 1ª edição Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

<sup>113</sup> INGOLD, 2015, p. 9.

<sup>114</sup> DELEUZE, G. *O que as crianças dizem. Em Crítica e clínica*. 1ª edição. São Paulo: 34, 1997b. p. 78.

podem criar, nos termos de Donna Haraway, “response-ability”, isto é, tornar-nos mais hábeis para responder de modo responsável e inventivo às vidas não humanas que nos cercam?

## 2.6. Ativismo sensível

Questões como os direitos dos animais e o veganismo aparecem de forma enfática no Santuário Vale da Rainha. Mas nesta tese meu interesse é pelas vidas dos animais e suas criações capazes de liberar futuros. Chamo essa proposta de “ativismo sensível”, um ativismo que não quer convencer pessoas mas sensibilizá-las para outras formas de pensar esse mundo que não está terminado. As artes da atenção e do cuidado são a matéria-prima desse ativismo que deseja multiplicar sensibilidades, desabituar modos de pensar fossilizados, e nos convidar a uma ação responsável avessa a dicotomias simplistas e moralistas, e assim ativar-se para ir além do que é dado como certo. Ser sensível: estar atento ao outro, atento às consequências do que fazemos e atento para atuar nas soluções parciais, sem a inocência de transformações definitivas. Um ativismo aliado à proposta cosmopolítica de Stengers, bem resumida nas palavras de Fernando Silva e Silva.

A cosmopolítica de Stengers não é uma teoria, mas sim uma proposta. Seu objetivo é “desacelerar” os raciocínios” (Stengers, 2007, p. 45) de modo que sejamos capazes de articular outramente nossas sensibilidades e prestar atenção, em uma determinada situação, em quem e o que estamos levando em conta ou deixando de lado. Sua função é colocar humanos diante das consequências ecológicas, e cósmicas, de seus atos. Se escolhas difíceis precisam ser feitas, e precisarão nos próximos anos, elas devem ser feitas com o “máximo de dificuldade, que proíbe todo atalho, toda simplificação, toda diferenciação a priori entre o que conta e o que não conta” (Stengers, 2007, p. 67). Elas devem ser feitas face a face com os humanos e não-humanos afetados. O desafio que a cosmopolítica coloca para nós é o de produzir mundos comuns sem ignorar as vítimas (passadas, presentes ou futuras) do nascimento desses mundos.<sup>115</sup>

Sabemos que é improrrogável uma mudança drástica em nossa abordagem à vida e ao modo como nos deixamos abordar por ela, e esta pesquisa é uma aposta na criação de alianças interespecies como uma reconexão com a terra, “um florescimento finito ainda possível, uma recuperação ainda possível.”<sup>116</sup> Em um mundo no qual tantos, humanos e bichos, querem escapar e migrar, no qual se constroem muros e se fecham fronteiras, o refúgio é onde efetivamente estão. “Que

---

<sup>115</sup> SILVA, F. S. E. Pensar com Gaia. **ClimaCom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte**, 2019.

<sup>116</sup> HARAWAY, 2016, p. 27.

a nossa tarefa seja cultivarmos uns com os outros novas formas de reconstruir refúgios.”<sup>117</sup>

Foi o que vi acontecer no Santuário ao passar pelo portão de entrada. Manter-se sensível é uma forma de resistência libertária. Contra as forças tiranas que aprisionam e maltratam, a força do toque e da delicadeza transverte percursos anestesiados. A delicadeza, essa força feminina, carrega uma bandeira não de pano nem de gritos, mas de pele, porque a pele, o mais vasto dos órgãos, é o reino dela.

---

<sup>117</sup> Ibid., p. 140.

### 3. Gaia não nos pede nada

Era uma vez uma galinha guia, galinha pioneira que se aventurou sozinha, fugida de uma granja ao lado do santuário. Talvez escapando dos dias intermináveis dos quais era prisioneira sob a luz que nunca se apaga? Nas granjas da indústria, o ciclo dia-noite é interrompido para que as galinhas produzam mais. Como elas botam um ovo por dia seguindo as horas de luz, nestas granjas elas vivem fechadas em ambientes iluminados 24 horas. Não há um período de repouso, cochila-se quando o corpo não aguenta mais e logo levanta-se de novo, é a cadeia de montagem dos ovos.

A primeira desertora chegou sozinha ao santuário – tudo indica que entrou pelo portão – e dormiu na ala especial, um curral onde ficam os “bozinhos quebrados e tortos”. Dormir pela primeira vez no escuro deve ter sido uma experiência diferente. E dormir no escuro, sem asas para escapar e sozinha no chão de um curral tão grande pode tê-la inspirado ainda mais. Se houvesse um poleiro... Empoleirar-se é uma das coisas que ajuda o bem-estar desses animais.<sup>118</sup> Mas quase a totalidade deles nunca viu um poleiro. Enfim, o dia raiou para a primeira desertora, mesmo sem o canto de um galo. A luz sempre se acende para uma galinha de granja, e aquela havia superado a sua primeira noite de fugitiva. Durante o dia ela desapareceu, mas ao entardecer voltou para passar a noite, foi vista por Thiago, um dos voluntários do santuário responsável pela área dos “mais necessitados”. Durante uma semana o enigma se manteve: ela chegava para dormir e durante o dia sumia. Na semana seguinte apareceram outras duas companheiras que como ela também sumiam durante o dia. Ninguém sabia o que planejavam: em segredo.

Um belo dia elas não se esconderam mais e apareceu um ovo. O primeiro do santuário. Sem resgates, sem dores, um nascimento redondinho e intacto. Thiago cuidou daquele ovo à distância, era uma raridade ali, e não queria que um porco devorasse aquele tesouro. Na segunda semana do ovo o grupo de galinhas já era

---

<sup>118</sup> Algumas informações que aparecem aqui sobre práticas de manejo e cuidados, sem outra indicação, são fruto do meu convívio com os animais e seus criadores e do conhecimento adquirido durante três anos na faculdade de Medicina Veterinária (Universidade Federal Fluminense).

composto por uma meia dúzia de aves que não conseguiam, e nem queriam, mais se esconder. Elas saíam pelo portão e no entardecer voltavam, às vezes trazendo uma nova companheira. Organizadas, caminhavam com rumo certo. Nunca ninguém apareceu para reivindicá-las, provavelmente ninguém deu falta delas entre as centenas que permaneceram na granja.

Eram só algumas centenas de galinhas, na redondeza haviam pequenas granjas. Os números da indústria não caberiam aqui. Só o Brasil, o maior exportador de carne de frango do mundo, abate em média 6 bilhões desses animais por ano.<sup>119</sup> Em 2020 exportou 4,20 milhões de toneladas de frango, mais de mil toneladas de pintos e 9 mil toneladas de ovos fecundados. E a indústria não permite fugas, pois a galinha industrial passa sua vida em edifícios chamados de gaiolas em bateria<sup>120</sup>. Ali elas comem, dormem e botam ovos. Não caminham, e nem mesmo as dos andares inferiores tocam o chão.

Estas, quando se tornaram um pequeno bando, pararam de sumir de dia.

O primeiro grupo de desertoras cacarejava o dia todo. Talvez tivessem muitas lembranças, ou talvez discutissem sobre a nova vida que teriam, o que fariam com todo aquele chão, com todo aquele céu e, ah... com o escuro da noite! Galinhas vivem com humanos há muitos milênios, é possível que sua domesticação tenha iniciado no neolítico, quando se estabeleceram os primeiros povoados fixos e a agricultura. Cederam cotidianamente ovos nas primeiras criações das grandes civilizações do passado, e, como Haraway nos lembra no capítulo intitulado “Frango”, de *Quando as espécies se encontram*, estiveram por trás da ascensão e da queda do império romano.<sup>121</sup> Elas participaram de todos os pequenos e grandes eventos da civilização humana e hoje participam de uma pesquisa pós-genômica para se tornarem a carne branca “mais bombada” do mercado. Galinhas têm muitas histórias para cacarejar. Difícil traduzi-las – sobretudo se, assim como Benjamin supôs que a tarefa do tradutor não estava em, por exemplo, germanizar o grego mas

---

<sup>119</sup> IBGE, Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9203-pesquisas-trimestrais-do-abate-de-animais.html>>. Acessado em 20 de março de 2023.

<sup>120</sup> As gaiolas em bateria são um sistema de alojamento utilizado para vários métodos de produção animal, mas, principalmente, para galinhas poedeiras. O nome deriva-se da combinação em linhas e colunas idênticas, conectadas juntas, compartilhando paredes, tal qual nas células de uma bateria.

<sup>121</sup> HARAWAY, 2022, p. 347.

antes em grecizar o alemão, assumimos como tarefa “cacarejar” o português – e toda a forma de vida que dele não se separa.

Depois de três semanas já eram dezenas as galinhas que movimentavam o santuário e de noite se recolhiam no celeiro para continuar o cacarejo. Em um mês eram mais de 50, em algum tempo seriam mais de 200. O número ia ficando incontável e estava destinado a aumentar. Diferentemente dos outros animais de maior porte, não puderam ganhar nomes individuais, e logo todas as tagarelas foram nomeadas Jurema. Estavam sempre juntas, eram um único ser feito de tantos. Juremas. Quem passeasse pelo santuário agora tinha a impressão de participar de uma espécie (anárquica?) de caça ao tesouro. Via-se aqui e ali uma luminosidade no chão: eram ovos! Aquelas galinhas fugitivas nunca haviam chocado seus tesouros, que todos os dias eram recolhidos para serem encaixotados em caminhões. No santuário as Juremas continuaram a botar seus ovos por onde passassem, onde estivessem, quando tivessem vontade. Os porcos, que circulam livremente por lá, foram os que com mais entusiasmo começaram a participar da caça ao tesouro, buscando e devorando os ovos espalhados por todos os lados e integrando a dieta com gosto. Sabe-se que porcos e humanos são muito parecidos.

### 3.1. Deserto

Chovia muito quando um trator de obra entrou no santuário carregando uma vaca em sua pá. Apesar da lama o trator subiu sem dificuldades até o primeiro platô do terreno e ali parou, descendo sua pá perto de um grande plástico azul que uma voluntária já havia estendido no chão. Foram necessárias seis pessoas para passar a vaca da pá do trator para o plástico. Soube-se que fora bege em seus tempos produtivos; agora era malhada de escaras e feridas, algumas vivas e abertas, outras escuras, já ressecadas. Depois de encontrar uma posição para a vaca, Patrícia e os voluntários começaram a arrastá-la puxando o plástico. No pasto do santuário, sob a chuva forte, aquelas pessoas pareciam arrastar uma piscina azul com uma vaca imóvel dentro dela. Tinham pressa de levá-la o mais rápido possível para o curral seco da ala especial, como se para corrigir aquela imagem inadequada, piscinas não são lugares para vacas feridas.

A vaca havia sido encontrada perto da água. Uma vizinha a vira deitada ao lado de um riacho que atravessava uma fazenda de produção leiteira. No dia seguinte, vendo a vaca na mesma posição, a vizinha ligou para o santuário. O proprietário da fazenda não se importou que tirassem a vaca dali, para ele seria uma preocupação a menos não ter que pensar em queimar aquela carcaça. Em duas horas um trator chegou, oferecido por um operário que trabalhava em uma obra próxima. Uma manhã de trabalho perdida, mas as pessoas que vivem nos arredores do santuário há tempos se deixaram encantar pela mágica do cuidado e ajudam sempre que podem.

Quando o grupo de voluntários chegou com Gaia no curral as galinhas sorratamente se afastaram. Patrícia sentou-se ao lado da vaca e começou a cantar. Era o seu modo de introduzir um animal recém chegado àquele lugar. O canto que homenageia vivos e mortos. O mesmo que alguns animais também aprenderam a entoar, como Mú, o boi cantor. Aquela vaca não pedia nada, estava inerte. Mas estava viva. Ninguém nunca soube o que ela teve, por que não conseguia ficar em pé, quando as escaras apareceram. Não era possível saber se ela caíra perto do riacho ou se simplesmente deitara ali porque não aguentava mais ficar em pé. Não havia algum histórico médico daquele animal, não havia alguma história sequer além da informação: vaca leiteira imprestável largada por aí; um dia foi bege.

O veterinário era uma das seis pessoas que ajudaram a arrastar o plástico azul com a vaca. Eu sempre me pergunto como um médico faz o seu diagnóstico em um caso extremo como esse, uma quase morte sem história pregressa. Qual foi o problema inicial? As feridas vieram antes ou depois de dias deitada na mesma posição? Fomos educados para precisar do passado para entender o presente. O veterinário apenas olhava para a vaca. Restavam as mesmas especulações de sempre, frutos de sua experiência: desidratação, subnutrição, anemia, esgotamento físico pela exploração de seu corpo, maus tratos. O veterinário precisa voltar no tempo, tornar-se um antigo médico, um observador, alguém que arrisca os melhores palpites. Intuir e confiar na própria mágica e começar a fazer alguma coisa. O edema, principalmente nas pernas e ancas, e a dificuldade em respirar eram dois indícios de que a vaca já estava sem se levantar havia muito tempo. Ele então testou sua sensibilidade à dor espetando uma agulha ao longo de sua coluna. Mais um indício. As escaras também representam pontos importantes no calendário da

queda. Os bovinos deitam-se mais que os cavalos, pois foram domesticados há mais tempo, sentem-se mais seguros, mais acostumados a não precisarem fugir, a serem presas pacíficas. Mas mesmo assim precisam levantar-se frequentemente para que seus corações sejam capazes de bombear o tanto sangue que corre em suas veias e artérias, para que seus sistemas linfáticos drenem seus líquidos, para que o metabolismo se mantenha regular e seus órgãos internos não fiquem debilitados. Seus corpos sabem o quanto é importante estar de pé e mover-se, e para estes animais não se levantar é entregar-se.

O início do cuidado é sempre o soro. O soro fisiológico, a solução hospitalar mais famosa, é sempre um oásis para todos os animais que chegam desidratados ao santuário. A vaca estava com a pele tão seca que descolava dos músculos. Eu lembro bem, da época da faculdade de Veterinária, o teste para reconhecer a desidratação: puxar a pele com os dedos indicador e polegar, como em um beliscão, se a pele não voltar logo ao normal é porque o corpo do animal está desértico. O corpo do bovino adulto apresenta em média 65% de água. Os animais podem perder até 100% de seu tecido adiposo e mais de 50% de seus músculos e sobreviver, mas perdendo mais de 12% de sua água corporal, morrem. E a água é o nutrimento mais importante para as vacas de leite, que necessitam de mais água do que todas as outras categorias de animais.<sup>122</sup> Quem já amamentou sabe da importância da água para uma boa produção de leite.

Água, a molécula mais fascinante que existe no universo, dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, a única que facilmente transita entre os três estados da matéria que conhecemos, sólido, líquido e gasoso. A substância mais comum do planeta, cobrindo cerca de 70% de sua superfície. São 97% de água salgada e 2% de água doce, sendo que 11% de toda a água doce do planeta está no Brasil. Entretanto, 70% da água doce do mundo está contaminada por agrotóxicos, remédios e produtos químicos, metais pesados, plásticos e lixos, esgotos industriais, resíduos nucleares, vazamentos de óleo. Águas desérticas, estéreis, que não saciam mais. E o desmatamento cada vez maior tem, é claro, piorado a situação, multiplicam-se os desertos. Sem a vegetação que cria chuvas, secam os rios e as

---

<sup>122</sup> EMBRAPA. Importância da água para bovinos de leite. **Instrução Técnica para o produtor de leite**, n. 2a, 2006.

nascentes. A água, em toda a sua abundância, é na verdade um recurso escasso e limitado, e, segundo um relatório da Unesco, até 2050, quando 9 bilhões de pessoas devem habitar a Terra, bilhões de habitantes não terão acesso à água potável.<sup>123</sup>

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos Xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.<sup>124</sup>

A vaca, desidratada e ferida, nos olhava de seu deserto. Olhávamos nós também, temerariamente confiantes na distância entre nossa situação e a dela. Quando conseguia abrir as pálpebras pesadas, ela anunciava, como Cidinha-Cidoca de Conceição Evaristo, que ia morrer de não viver: “[c]omo explicar a morte? Teria caído lá dentro já quase a morrer?”<sup>125</sup> Viera de uma pequena produção que não costuma reciclar seus descartes e simplesmente os abandona, pequena indústria que não cheira nem fede, dentro da qual ninguém sabe o que acontece nem se os animais sofrem maus tratos. Já na grande indústria esses animais são propriedades privadas protegidas por lei: a lei protege o proprietário e o seu direito de fazer deles o que quer, a execução de um animal não é nada anormal, é algo cotidiano e ordinário. Ao contrário dos animais domésticos que vivem ao nosso lado, protegidos por lei contra os maus tratos, na indústria são os proprietários que têm seus direitos de posse sobre seus “animais-produtos” protegidos. Tal diferença entre os direitos dos animais que nos fazem companhia e aqueles que se tornam nosso nutrimento por muito tempo não foi percebida pela sociedade, segue mal percebida.

O veterinário não tardou a começar com o soro. Seu olhar experiente captou tudo, ou quase: escaras, apatia, paralisia dos membros posteriores, falta de resposta aos estímulos nervosos da musculatura. A morte de uma vaca inerte

---

<sup>123</sup> UNESCO. **Relatório mundial das Nações Unidas sobre desenvolvimento dos recursos hídricos 2021: o valor da água; fatos e dados** - UNESCO Digital Library. 2021. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375751\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375751_por). Acesso em: 27 fev. 2023.

<sup>124</sup> Kopenawa, D. e Albert, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Epígrafe.

<sup>125</sup> EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2017. p. 159.

no chão pode ocorrer entre 2 e 20 dias, e quanto mais tempo ela permanece em decúbito, mais desfavorável é o prognóstico. Apenas os mortos restam parados. O decúbito prolongado diminui a irrigação do corpo: deserto. A vaca não conseguia levantar-se. Não *queria* levantar-se? Um corpo deprimido pode ser traduzido como uma forma de rebelião. Nas vacas a rebelião contra o sistema deixa vários indícios: falta de apetite, diminuição do tempo de repouso, períodos de rinação mais breves, cios curtos. Como entre os humanos, a maioria dos sinais passa despercebida. As vacas falam, e à medida que o tempo passa e seus corpos não são ouvidos, o quadro se agrava: deslocamento abomaso, cetose, metrite, mastite. Mas seguimos, é preciso continuar rendendo. Como entre humanos.

A síndrome da vaca caída, quando o animal cai e não consegue se levantar, chega a causar uma queda de 14% na produção de leite. Botulismo, hipocalcemia são algumas das causas mais conhecidas. É quando finalmente encontra-se um bom indício para o animal ser ouvido e ajudado. Entram em ação os remédios e os suplementos, e “quando nada funciona e elas de fato desistem, já que vaca não foge, a solução é morrer”, como disse o veterinário. Para ele, os produtores que descartam suas vacas por problemas de casco ou úbere são “covardes que jogam a culpa na vaca. Na verdade, é a vaca que está dizendo ao dono que não quer mais viver ali com ele, ou seja, é ela que o está descartando.”

Deitada de peito no chão  
 cabeça caída de lado  
 Abandono, hipotermia  
 apatia  
 Deitada de lado com as pernas para  
 frente  
 estado de coma  
 Era todo úmido o canto dos olhos de  
 quem retinha as lágrimas  
 Seria enterrada como indigente  
 Morte nunca havia tido antes  
 A falta de amor é um deserto.  
 Seria isso o morrer de não viver?<sup>126</sup>

Talvez em seu deserto, na pequena fazenda de onde viera, tenham sido oferecidas àquela vaca miragens no lugar de oásis. Para compensar o esgotamento pré e pós parto das vacas, normalmente o produtor aumenta a

---

<sup>126</sup> O poema é uma composição minha com os versos 7,8,9 e 11 de Conceição Evaristo. **Becos da memória** (Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2017), p158.

quantidade de alimentação e de suplementos. Mais proteínas, mais carboidratos fermentáveis, miragens. Mas o corpo sempre sabe onde está. O cálcio disponível para o uso vem do tecido ósseo quando o organismo entende que há carência desse mineral, e o estímulo hormonal necessário para desencadear esta oferta acontece quando se identifica uma falta, e não um excesso. Os suplementos que aumentam o cálcio em circulação na verdade desorientam o corpo e impedem que este recupere o cálcio disponível nos ossos. O excesso nutricional da indústria é uma miragem que confunde e deixa a vaca cada vez mais árida. Às vezes é preciso atravessar o contrário daquilo que se quer. Nos períodos de risco uma dieta com falta de cálcio absorvível iniciada três semanas antes do parto é o caminho para o oásis restaurador. Há tantos deles no deserto. Mas onde?

Caída em seu deserto, teria se perdido? Os bovinos guiam-se olhando para o chão, suas referências espaciais são completamente diferentes das nossas, que olhamos para os lados e para cima. Memorizamos montanhas, colinas, árvores, prédios, postes, muros. Os bovinos reconhecem as pedras, os buracos, as trilhas de formigas, os arbustos, as flores.

Porque a gente [bois] come o capim cada vez, onde o capinzal leva as patas e a boca da gente. (...) cada horinha, as coisas pensam p'r'a gente...<sup>127</sup>

Em um campo inundado, sem essas referências do terreno, eles se perdem. Será que a vaca caminhará pelo rio e se perderá? *Perder-se*, que palavra vasta. O fato é que ali ficara, vaca caída. Prostrada, desalentada, deprimida. Penso nas palavras do proprietário da maior produtora mundial de leite: “ela nunca precisou ser mimada”.<sup>128</sup> Ao longo de seus 16 anos de vida a recordista Gillette Smurf produziu mais de 225.000 kg de leite. Sem nunca ter sido mimada. Muito mais do que uma vaca média, que produz cerca de 200.000 copos de leite durante sua vida. E o orgulho de nunca ter precisado de mimos.

<sup>127</sup> ROSA, J. G. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, pp. 323-325.

<sup>128</sup> GONZÁLEZ, F. H. D. **A vaca leiteira do século 21: lições de metabolismo e nutrição**. 348 f. 2021. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Veterinária, Porto Alegre, 2021.

Quando a vaca chegou ao curral da ala especial as galinhas se alvoroçaram. Uma grande discussão iniciou entre elas, provavelmente sobre o que fazer diante do despejo iminente. A deliberação final foi que as primeiras matriarcas fugitivas continuariam dormindo ali, todas as outras procurariam novas acomodações.

Foi então que o milagre se iniciou. As Juremas começaram a ser seguidas por pintos. Pequenininhos, amarelinhos, graciosos, quem não ganhou um pintinho de feira? Quem vive na cidade e tem pais que incentivam o convívio com animais certamente ganhou. Pintinhos tem o status de bicho-brinquedo: recreativos e substituíveis. Lembro da história de uma amiga na infância. Ela deixara o seu pintinho cair na privada e o irmão simplesmente puxara a descarga. A exasperação da mãe fora com a possibilidade de um entupimento no cano da latrina, o que afortunadamente não aconteceu. O pintinho desceu cano abaixo para o esgoto. Depois disso minha amiga fantasiava sobre o percurso de suas fezes, o mesmo que o pintinho percorrera.

Os porcos não deram muita atenção aos amarelinhos, mas os gatos ficaram bem agitados. Aproximavam-se perigosamente e mais perigosamente eram afastados pelas Juremas, que começaram a por as asinhas de fora. Galinhas, gatos e cachorros começaram a disputar a companhia dos pintinhos. Era comum ver um pinto amolecer na boca de um gato ou de um cachorro. Já na primeira geração de nascidos, o primeiro galo: João. Porcos atrás de ovos, gatos e cachorros atrás de pintos e galos atrás de galinhas. Novas relações foram se estabelecendo, pois logo os próprios pintinhos aprenderam a se defender sozinhos e brincavam de correr com os gatos. Enquanto os primeiros pintos cresciam novas gerações nasciam. Agora, além de Juremas ciscando, havia também dezenas de Joãos cantando. O amanhecer no santuário havia se tornado mais pontual e caótico. Ao longo do dia, Juremas e Joãos determinam a melodia que se ouve o tempo todo ali, um problema para quem está lá para fazer um filme.

Terá sido uma surpresa para as primeiras Juremas descobrirem que de seus ovos saíam mais delas? Estava desvendado o mistério da sempre crescente comunidade de onde vieram. Na vida da granja os ovos simplesmente desapareciam depois de postos e elas nunca souberam o que havia de tão precioso dentro deles. A maioria de suas colegas nunca soube e nunca saberá sobre esse mistério. O ovo. Símbolo da origem de tudo o que existe. As Juremas agora viam tudo. A visão dos frangos é superior à dos humanos, pois sua retina possui quatro tipos de receptores

para a cor, enquanto a nossa apenas três. Elas enxergam radiações ultravioleta. E agora as Juremas viam o que nunca havia sido visto antes: seus ovos que eclodiam com suas próprias criações.

### 3.2. Nomear Gaia

Os pintinhos escalavam o corpo de Gaia, como bons rastreadores achavam trilhas entre suas feridas sem se arriscar no terreno arriscado que elas representavam.

Os pintinhos também tinham vocação para o milagre, afinal a Jurema Sagrada<sup>129</sup> é uma árvore cuja a casca é utilizada para a fabricação de uma bebida mágica capaz de fazer os mundos se comunicarem. Eles sabiam ver onde o chão era seguro e onde a caminhada não era dolorosa. Hora de olhar para as feridas daquela vaca e entender que algumas não resultavam de apenas um acontecimento, mas de um longo enredo de brutalidades. Escaras são feridas em áreas que ficam muito tempo *sob pressão*. A vaca estava repleta de escaras. O maior perigo delas são as infecções. Parecia impossível a vaca piorar ainda mais, mas sempre existe esse risco



<sup>129</sup> A Jurema Sagrada é uma religião de origem indígena do Nordeste do Brasil, também influenciada por cultos cristãos e afro-brasileiros. A jurema é uma árvore (*mimosa hostiles* ou *mimosa tenuiflora*) da caatinga e do agreste cuja casca é utilizada para o preparo de uma bebida mágica que induz experiências de contato com seres do mundo espiritual. Esta árvore, que ao mesmo tempo é elemento essencial para o preparo da bebida sagrada de feitos transcendentais psicoativos, também é elemento mitológico que compõe o centro do mundo encantado das Cidades da Jurema.

quando ainda se está vivo, penso. Estar vivo... estar viva naquele caso era realmente uma provação, uma ousadia em sondar os limites incertos entre a vida e a morte. Equilibrar-se naquela linha fininha, branda e discreta, entre um corpo que vive e de repente não mais. Um pequeno sopro de ar que ainda sai e ainda entra.

Com o folêgo em suspensão espera-se, sem saber quando chegará o último sopro. Para evitar o sofrimento pode-se tomar a decisão de interrompê-lo. O veterinário sugeriu que a melhor coisa para a vaca seria evitar mais dores. Mas Patrícia hesitava, ainda ouvia ecoar o canto da vida. O veterinário explicou que a única possibilidade para ela sobreviver seria levantá-la imediatamente, mas como fazê-lo? Patrícia também não sabia o como, mas sabia que aquele canto que ela entoava ainda era forte, então seria preciso levantá-la sim, achariam um modo. Fazer algo por aquela vaca que havia se rebelado contra o fazendeiro que a explorava. Uma rebelião que é também contra as renúncias à vida e os corpos esquecidos.

E eu tentando aqui traduzir uma outra história filiada à memória dos esquecidos e dos mortos.

Isto não é um lamento, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. O beijo no rosto morto. Eu escrevo como se fosse pra salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos, porque neles vivemos.<sup>130</sup>

No momento que se decidiu fazer a vaca viver, uma trupe em seu corpo foi convocada para a cicatrização. A cicatrização de feridas é fruto do trabalho de um mitirão perfeitamente organizado, e as causas da ferida não importam. O processo tem três fases chamadas inflamação, proliferação e remodelamento, que se concluem com a reconstituição dos tecidos. Para ajudar aquela vaca, as prioridades eram duas: levantá-la e cuidar das escaras. Também uma trupe de voluntários do santuário foi convocada para isso. Levantá-la era já cuidar das feridas, fazer com que ela mudasse de posição para que as escaras respirassem. Mas como suspender uma vaca de meia tonelada que faz o corpo mole? Sabemos que os corpos se tornam

---

<sup>130</sup> LISPECTOR, C. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.

mais pesados quando não colaboram. E além de levantá-la, era preciso mantê-la em suspensão.

A trupe de voluntários acolheu imediatamente o canto à vida e iniciou o trabalho de construção de uma talha, um suporte usado na clínica de animais de grande porte para levantá-los. Não é um suporte comum, pois esses animais raramente são tratados em hospitais. Mesmo aqueles de grande valor econômico, como reprodutores valiosos, raramente saem do espaço industrial para serem curados. A talha é um suporte que existe e não existe ao mesmo tempo, feito com cintas improvisadas vindas da náutica ou de corpos de bombeiros, que envolvem o animal pela barriga e são puxadas para cima por cordas que passam por traves, como uma marionete.

Em pouco tempo o suporte foi construído e a trupe se reuniu para o primeiro levante. O corpo mole e entregue da vaca pesava mais do que parecia, mas com muito esforço os seis voluntários insistiam em tensionar a corda para levantá-lo. A força de um exército delicado e obstinado contra a força da gravidade do universo e da situação da vaca. Puxar, puxar sem pensar em mais nada. Vida e morte, um jogo de forças. Suava-se e exultava-se como em uma partida de futebol, a vaca estava perto da trave com a bola nos pés. Mas ela era a mesma de antes, desarmada e ferida. Ela não pedira nada, mas estava ali jogando. Finalmente a vitória, a vaca ficara em pé suspensa pelas cordas. Todos fitavam o delicado limite do toque dos pés sem peso no chão, um tocar inconstante. A vaca longilínea e desconjuntada tornara-se uma marionete. Eu não ajudei no levante, mas por trás da câmera também puxava aquela corda. Foi quando ela sentiu as patas no chão e virou a cabeça para o lado, exalando uma pequena reação de surpresa com o branco de seus olhos abertos, que Vitor gritou “Força, Gaia!”, e todos surpreendidos por aquele nome também repetiram comovidos, “Força, Gaia...Força Gaia!” Gaia ganhara a (nossa?) partida – e um nome.

Na mitologia grega Gaia era a deusa da Terra e mãe de todos os seres vivos. Nos anos 70, o cientista inglês James Lovelock e a bióloga norte-americana Lynn Margulis elaboraram uma hipótese, batizada de Gaia, de que o planeta Terra era um

imenso organismo vivo capaz de se autorregular.<sup>131</sup> A hipótese de Gaia sugeria que os seres vivos eram capazes de modificar o ambiente em que vivem, tornando-o mais adequado para sua sobrevivência. Dessa forma, a Terra seria um planeta cuja vida controlaria a manutenção da própria vida. Um ser vivo composto de animais, humanos, florestas, mares, clima e terras. Um “agenciamento de relações” capaz de obter energia para seu funcionamento, regular seu clima e temperatura, eliminar seus restos e combater suas próprias doenças como qualquer outro ser vivo – a vaca Gaia por exemplo.

Isabelle Stengers nomeia de “intrusão de Gaia” os desastres que se anunciam e nos chama a atenção para as relações existentes entre os seres vivos e o meio ambiente, e principalmente para as relações existentes entre nossa espécie e os demais seres vivos:

Nomear Gaia e caracterizar como intrusão os desastres que se anunciam, é crucial salientar, depende de uma operação pragmática. Nomear não é dizer a verdade, e sim atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita.<sup>132</sup>

Stengers é categórica ao afirmar que não se trata de responder à Gaia, mas sim de postular respostas ao que causou a intrusão de Gaia. Gaia é um organismo, e ela não é justiceira, basta observar que os países pobres serão os mais afetados diante dos problemas que estamos vivendo. Não é à Gaia que devemos nos reportar, mas sim a quem agride Gaia. São eles que nos devem respostas. Gaia é um ser surdo às nossas ações. Gaia não nos pede nada.

Diante das catástrofes é preciso operar sob a lógica do cuidado, agir sem deslizar para a barbárie, com racionalidade, não para tentar eliminar os tensionamentos, mas antes para clareá-los. Buscar ideias que nos ensinem algo novo sobre o mundo, e fugir com todas as forças a qualquer resposta que assuma uma postura moral em relação à intrusão de Gaia. É preciso pragmatismo. A multiplicidade de tensões é importante para a diversidade. Não é de consenso que precisamos, as respostas virão de melhores perguntas contra a saída única do desenvolvimento. Para a intrusão de Gaia, as respostas curativas serão sempre locais.

---

<sup>131</sup> LOVELOCK, J. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

<sup>132</sup> STENGERS, I. **No Tempo das Catástrofes**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2015. p. 37.

Gaia não nos pede nada. Mas vamos cuidar dela mesmo assim, para não admitir barbaridades, para pôr a atenção em cada ser e evitar generalizar a vida e a morte, para explorar dimensões da vida que foram anestesiadas, desonradas, retiradas de nós. Para imaginar um futuro, uma vida para além do crescimento econômico, para implodir convicções e demolir evidências, para criar interrogações no interior das palavras de ordem que pretendem nos imobilizar e nos fazer calar. O ser humano não pode viver sem comer carne. Será? A pecuária é uma das atividades econômicas mais importantes do Brasil. Imprescindível? Levantar Gaia é impossível. Um fato? Interrogações no interior da modalidade *tema* de tradução. Bruno Latour, no artigo *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*<sup>133</sup> nos lembra que mentiam os que diziam que o crescimento era o único caminho e que era impossível parar. É necessário não se adaptar “com o triste suspiro que mata tanto a política como a democracia: ‘Não tem jeito, é preciso’”.<sup>134</sup> Levantar Gaia era talvez operar a tradução dessa história no modo versão.

Nos dias que se seguiram ao primeiro levante, as galinhas circulavam ao redor de Gaia, talvez curiosas por ela não se mover mesmo tendo tanto espaço só para ela. Algumas Juremas ocuparam provisoriamente o curral ao lado do de Gaia, que estava livre, e fuxicavam o tempo todo. As matriarcas fugitivas permaneceram com Gaia e adotaram uma atitude um pouco mais sóbria. Os pintos apareciam algumas vezes por dia para seus passeios atrevidos sobre a vaca. Fora dos currais, o cacarejo também continuava incessante, talvez galinhas e galos ainda se perguntassem o que fazer com todo aquele chão e com todo aquele céu. As primeiras Juremas desertoras contavam aos outros, nascidos ali, como se vivia na granja, mas, talvez um pouco como nossos filhos não acreditam que um dia houve um mundo sem telas conectadas, as novas gerações também não acreditavam que granjas existissem. Aquele absurdo todo era uma ficção apocalíptica ou uma lenda aterrorizante.

As desertoras entendiam, elas mesmas haviam ouvido outras lendas, como as dos frangos da indústria que nascem e morrem em galpões iluminados

---

<sup>133</sup> LATOUR, B. (tradução de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro) **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. 2020. Disponível em: <http://www.n-ledicoes.org/textos/28>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>134</sup> STENGERS, 2015, p. 17.

artificialmente e passam suas breves vidas confinadas em gaiolas em bateria, cada uma com um espaço do tamanho de uma folha de papel A4 para viver.

Ela passa a vida aqui.

### 3.3. Economia da atenção

Um sistema proibido em toda a União Europeia, mas que segue ativo em outros países do mundo, como o Brasil. Galpões com até 30 mil aves que não tem o que ciscar, não tem espaço sequer para abrir suas asas, e dormem sobre suas próprias fezes cuja amônia frequentemente irrita e queima suas peles. Nos anos 90, as granjas brasileiras chegavam a amontoar 40 aves por metro quadrado – 40 galinhas que vivem e morrem no box do banheiro. Hoje o grupo por metro quadrado baixou para 15. Para aumentar a produção. O estresse leva esses animais a um desequilíbrio metabólico chamado alcalose respiratória, que pode ser fatal, e assim, para garantir o lucro, hoje os frangos vivem em grupos menores – a partir de 15 num box de banheiro. A promessa da morte para estes frangos é consoladora, pois dentro do forno cada um terá uma abundância de espaço nunca vista em vida.

Sim, ciscar era algo a se fazer sempre com todo aquele chão. Remexer a terra, procurar sementes, minhocas e insetos, brigar com gatos atrevidos, procurar pedrinhas e novidades para bicar, simplesmente rolar na terra. Todas essas coisas, que fazem parte do comportamento natural das galinhas, podiam ser feitas no chão do santuário. Mas e o céu? Como usá-lo?

Voar. Era um projeto extravagante, mas tudo na longa história daqueles animais havia sido extravagante. Depois que os humanos iniciaram a domesticação, as características dos frangos foram mudando e, bem alimentados e confinados, não precisaram mais voar. Os *Gallus domesticus* de hoje não têm mais ossos pneumáticos (ocos e mais leves) como outros pássaros, nem sacos aéreos, e têm asas pouco desenvolvidas que muitas vezes ainda são cortadas. Soma-se a isso o fato de que estes frangos são hiper nutridos, gordos e pesados. Muitos deles, na indústria intensiva, não conseguem sustentar o peso do próprio corpo e passam suas vidas deitados. Suas vidas de 42 dias. Eles crescem tão rápido quanto um pé de alface. Mas uma Jurema nascida no santuário pode viver até dez anos. Precisavam conversar sobre aquilo também, sobre o que fazer com todo aquele tempo.

Sobre o tempo as Juremas não sabiam o que contar pois... não sabiam fazer contas, eram péssimas em matemática. E tudo no tempo de vida de suas

antepassadas e colegas era um modelo matemático. O que comiam, basicamente lisina e metionina, era contabilizado como quantidade de energia conversível em ganho de peso. A duração de suas vidas também era fruto de sofisticados cálculos que se iniciaram a partir dos anos 30 nos Estados Unidos. Naqueles anos uma galinha vivia em média 105 dias. Nos anos 70 elas viviam 49 dias e hoje vivem 42. Suas vidas breves fizeram delas os melhores animais com os quais experimentar inovações.

O tempo, o chão, o céu. Mas foi a novidade das noites no escuro que deu a Juremas uma possibilidade revolucionária: sonhar. Ociar de dia e sonhar de noite. Eram as condições perfeitas para se arriscarem no impossível.

A produtividade ininterrupta – o único obstáculo para ela é o sono, este estado natural que ocupa a metade escura de nossas vidas. Para o capitalismo, uma metade inutilizada, na qual não se produz e não se consome. Passivamente descansar e sonhar, sem ver nem fazer mais nada. Segundo Jonathan Crary, o “fim do sono” é um dos objetivos do capitalismo: eliminar a necessidade de dormir e instaurar um perpétuo estado de alerta no qual a vida não para diante de todas as possibilidades que o mundo oferece a qualquer hora, 24 horas por 7 dias. Eliminar a noite para os humanos seria o objetivo máximo, como já feito com as galinhas. Consumo e produção permanentes. Como para as galinhas, também para nós resta acender cada vez mais luzes por um tempo cada vez mais longo, criando uma “economia da atenção” contínua. E para alcançá-la já se desenvolvem, segundo Crary, experimentos com privação de sono. O Departamento de Defesa americano agora busca substâncias que possam abolir a demanda de sono em seus soldados. O projeto parte de um estudo com pardais da coroa branca, aves que durante a migração podem ficar até uma semana sem dormir.<sup>135</sup> O soldado sempre vigilante na guerra será o consumidor sem sono em casa, uma guerra perpétua... ainda não terminada nem vencida, pois o sono é um potente exército nativo de resistência que insiste em lutar e não se rende. Haraway também nos lembra das batalhas entre humanos e humanos, dos trabalhadores superexplorados na indústria do frango:

---

<sup>135</sup> CRARY, J. 24/7 – **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

pensar em gaiolas em bateria para galinhas poedeiras faz com que Chicken Little<sup>136</sup> se lembre de quantos imigrantes ilegais, mulheres e homens não sindicalizados, pessoas racializadas e ex-detentos trabalham no processamento de frangos.<sup>137</sup>

Em “Frango”<sup>138</sup> Donna Haraway conta sobre a preocupação do galinho Chicken Little de que o céu esteja caindo. Chicken Little: *The end is near, this time the sky really is falling* é a história de um galinho que ao advertir sobre a iminência da queda do céu causa pânico em sua comunidade. Quando tudo se esclarece (ele simplesmente fora atingido por uma avelã que caíra de seu ramo), os habitantes da cidade relaxam e o galinho perde sua credibilidade. É quando um pedaço do céu realmente cai e ele o reconhece como um invasor alienígena, e tenta salvar o mundo sozinho. É impossível não lembrar do livro *A Queda do Céu* do xamã Yanomami Davi Kopenawa e do etnólogo Bruce Albert. Os Yanomami cantam e dançam para evitar a “queda do céu”, ameaça trazida pela invasão dos brancos, o “povo da mercadoria”.<sup>139</sup> O povo que não dorme, o povo que não sonha. O povo homogeneizado do consumo que bota as subjetividades no mercado, como diz Krenak em *Para adiar o fim do mundo*.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações.<sup>140</sup>

Cantar, dançar e voltar a sonhar. Para suspender o céu.

---

<sup>136</sup> Haraway faz menção ao personagem do filme de animação estadunidense de 2005, distribuído pela Walt Disney Pictures.

<sup>137</sup> HARAWAY, 2022, p. 353.

<sup>138</sup> Ibid., p. 347.

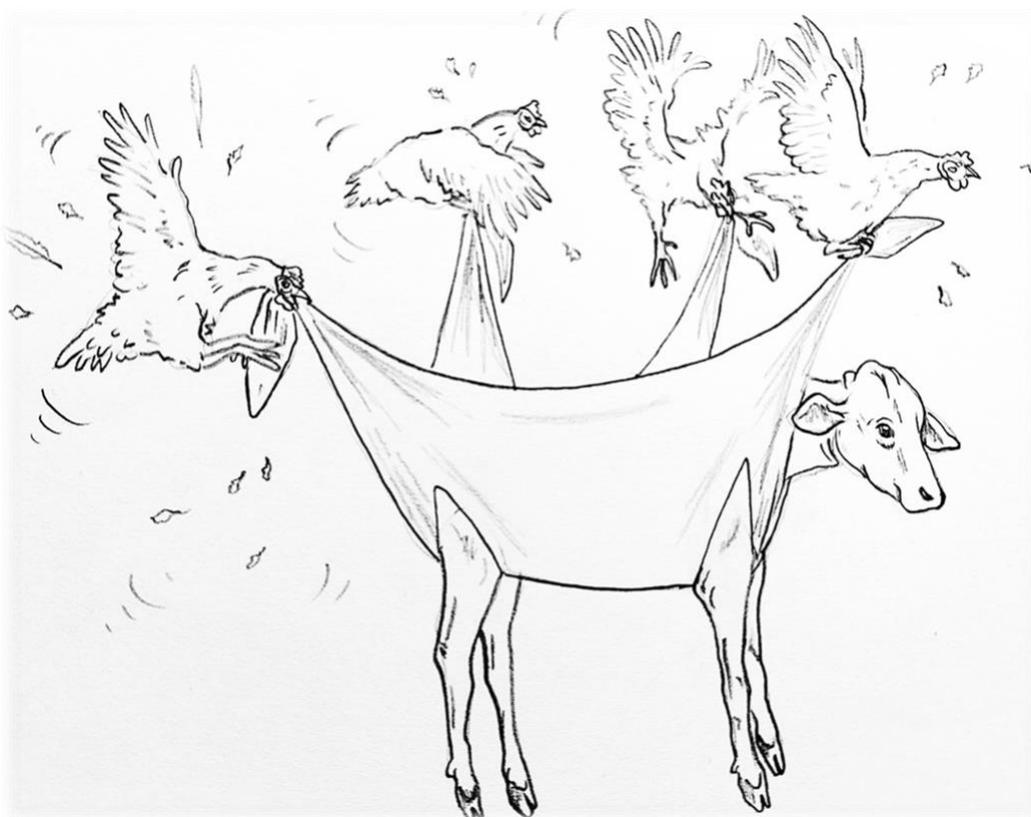
<sup>139</sup> KOPENAWA; ALBERT, 2015.

<sup>140</sup> KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 32,33.

### 3.4. A vida suspensa

Depois do entusiasmo inicial com o sucesso do primeiro levante, abriu-se um período de fadigas e dúvidas. A vaca continuava muito debilitada e sequer conseguia manter-se em pé sozinha. Era preciso levantá-la duas vezes por dia, o que exigia força e disciplina dos voluntários. Duas vezes por dia reunir a tropa e dedicar um longo tempo a suspender o animal e mantê-lo suspenso. Salvar Gaia não parecia tão possível como parecera no primeiro momento. Não se falava sobre essa dificuldade, mas ela estava no ar. A vida suspensa de Gaia estava no intervalo entre uma operação de tração e outra, uma espera onde o estar presente não se sujeita a nada a não ser ao agora. E no agora pode-se apenas seguir, fazendo-se o que precisa ser feito.

Após duas semanas, suspensos todos, voluntários e vaca, as mudanças começaram a chegar. Pela primeira vez Gaia se apoiou em suas patas e permaneceu em pé sozinha por um tempo. As galinhas estavam empoleiradas como em uma arquibancada acompanhando aquele jogo, ficaram mudas por um instante. Os voluntários soltaram um suspiro aliviado, como se por duas semanas tivessem segurado a respiração silenciosamente. Não havia no ar a euforia explosiva da



primeira vez, mas um entusiasmo mais sóbrio e maduro. Agora era continuar assim, com a disciplina dos encontros pontuais, todos juntos, duas vezes por dia a fazer força. Força, Gaia! Estava funcionando, humanos e bicho colaboravam, trabalhavam juntos, davam e recebiam.

Nessa rotina a cada dia Gaia parecia mais sólida e ficava de pé por mais tempo, como se após uma extenuante subida houvesse chegado a um platô onde pudesse mover-se mais facilmente. Com os cuidados constantes as escaras não haviam infeccionado e nem piorado. Gaia entrara em uma fase de melhora, era claro também pelo brilho em seus olhos e pelo modo como seu olhar começou a interagir com os outros.

Em um desses dias de melhora, eu conseguira filmar seus primeiros passos, passos importantes como os primeiros passinhos de um bebê. Eu devia estar tão contente que Gaia olhou pra mim com deleite também, e veio na minha direção, vacilante e cambaleando, mas empolgada como um bebê. Trêmula e sorridente, depois de alguns minutos Gaia caiu. Com leveza, não ficamos desiludidas, era algo normal no início. Cair e levantar, até caminhar, correr, viver. Na minha amena agitação, derrubei o tripé sem querer, e isso fez com que aquele filme tenha hoje, para mim, um ar familiar e amador de quem registra tudo apenas por ternura. Deixei o tripé caído e a câmera ligada e fui acariciar Gaia. Ela era um dos animais menos tocados do santuário, talvez por causa das escaras. Mas naquele momento havíamos esquecido das feridas. Foi naquele momento que ela me convidou a prestar atenção, justamente, ao seu modo de atenção.

*Volve-se, e pequenos sons lhe estalam do focinho, úmido, puro, de limpeza animal. Baba largo. As pálpebras pestanudas concluem-se, cobrindo espelhos escuros. Mas seu absorto ser devassa-me; sua presença pausa. E, sob o voo inerte das orêlhas, a cabeça dá ar de um subido coração.<sup>141</sup>*

E então, assumi o compromisso de um dia fazer algo com aquela experiência no santuário, ainda sem saber o que ela se tornaria. Depois daqueles primeiros passos promissores e da queda natural, Gaia ficou deitada pelo resto do tempo. Ela

---

<sup>141</sup> ROSA, J. G. *Estas estórias*. 7a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 111.

já havia sido levantada duas vezes naquele dia, era hora de dar repouso aos voluntários, que na verdade estavam fazendo força em outros lugares do santuário. Era hora para Gaia repousar. O dia dos ruminantes é dividido em 3 atividades de 8 horas cada: ruminar, mover-se e ociair.<sup>142</sup> Mas chamamos estes animais de ruminantes, e não de moventes ou de ociosos. A ruminação é sua marca mais significativa, e os produtores sabem disso: em apenas um dia de pouca ruminação o estômago do animal não se esvazia e o consumo cai. E cai a produção. Quanto mais confortável um bovino estiver, quanto melhor for a “cama” onde passar 8 horas de seu dia (eles preferem ruminar deitados) e quanto mais e melhores fibras longas em sua dieta, melhor a ruminação. E os produtores sabem disso também. Os melhores indicadores do bem-estar dos bovinos são o consumo de alimento e o que o animal faz com seu tempo. Monitorar o bem-estar. Monitorar o ruminar, monitorar o ociair. Não é preciso ver ou ouvir os animais, não é preciso estar ali presente. Medir o deslocamento e a ruminação através de coleiras high-tech que contêm algoritmos associados ao conforto, e que de quebra detectam o cio. A coleira faz 40 leituras por segundo da posição da cabeça da vaca, decodificando o comportamento do animal a cada hora e emitindo pacotes de dados nos quais os minutos são organizados em ruminação, ócio e atividade (comer, beber, caminhar).<sup>143</sup> Os dados são enviados automaticamente 3 vezes por dia para um programa que analisa o comportamento de cada vaca nos 15 dias precedentes e faz os cálculos: mais atividade, menos ruminação e ócio = cio; mais ócio, menos ruminação e atividade = alerta comportamental. Como em um sorteio premeditado, depois de cada ordenha, duas listas são geradas com um veredicto contendo os brincos numerados dos animais a serem examinados.

### 3.5. RuminOmics, cowcredits

O rúmen é o primeiro compartimento do complexo estômago dos bovinos. Ali o capim é digerido parcialmente por fermentação, para depois passar aos outros

---

<sup>142</sup> SALMAN, A. K. D. *et al.* Manual prático de formulação de ração para vacas leiteiras. 2020. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1123902>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>143</sup> GONZÁLEZ, 2021.

três compartimentos. A importância do rúmen responde pelo nome de batismo dos bois, búfalos e ovelhas: ruminantes. Ali, naquele cômodo do estômago, está o cerne da questão. Naquele incômodo do estômago: 95% do excesso de metano que os bovinos soltam na atmosfera é produzido ali. Arrostar é um problema ambiental. Todo ano uma vaca solta 50 kg de metano na atmosfera. No rúmen os carboidratos começam a fermentar por ação de bactérias e outros organismos unicelulares produzindo hidrogênio, que combinados ao dióxido de carbono produzem o metano.<sup>144</sup>

Ficar com o problema? Não com este. Partindo do cômodo princípio de que diminuir o consumo de carne bovina está fora de questão, a ciência está trabalhando para resolver o contratempo digestivo dos ruminantes: *ruminomics* – maior produção com menor emissão. Não se trata de um desafio automobilístico. *Ruminomics* é um projeto de melhoramento genético que visa contemporaneamente aumentar a produtividade de carne e leite e diminuir flatulências. Também não são os ruminantes os objetos do melhoramento genético, mas sim os seus inquilinos estomacais. A diversificada flora e fauna do estômago é herdada no início da vida do animal, e a ideia do projeto é inocular nos filhotes um microbioma remodelado para uma baixa produção de metano.

Além do projeto *Ruminomics*, há outras opções para lidar com os gases dos ruminantes. Opções que são ambientais, mas também rigorosamente lucrativas. Como dizem os produtores, não é fácil viver da pecuária leiteira, há sempre muitas contas a pagar. Uma das opções para incrementar o balanço é o programa inglês Mootral, de créditos de carbono. Os créditos são dados a fazendas empenhadas em reduzir a emissão de metano, dando ao produto um selo *premium* que aumenta o valor do leite no mercado, contando com a colaboração de consumidores de cafeterias de Londres atentos à questão ecológica. O aprimoramento passa pelo uso de suplementos dados às vacas, aditivos alimentares que inibem os micróbios estomacais que produzem metano. Os suplementos que financiam os chamados *cowcredits* acarretam despesas aos produtores, já que custam US\$80 cada, com 1 crédito compensando 1 tonelada de CO<sub>2</sub>. Para se ter uma ideia, com um programa

---

<sup>144</sup> Farm Animal Breeding & Reproduction Technology Platform. Disponível em <https://www.fabretp.eu/ruminomics.html>. Consultado em 28/02/2022.

de reflorestamento, os gastos são de US\$4 por tonelada de CO<sub>2</sub>. A vantagem do programa com os suplementos que inibem a fermentação está no fato de que a redução das emissões é imediata e verificável, e não depende de promessas de economias futuras. Tempo é dinheiro, todos sabemos desde pequenos.

Os bovinos produzem em média 15% dos gases considerados nocivos para a atmosfera, como todo o setor de transportes.<sup>145</sup> Sendo o terceiro maior produtor de carne do mundo e o maior exportador de carne bovina, o Brasil participa das contas do impacto ambiental como um líder, ganhando pontos extra por ser também o maior produtor e exportador de soja para alimentar animais de produção. Além das mortes e dos gases, a produção de carne, leite e ovos usa enormes quantidades de água. Um quilo de frango demanda em média 4.300 litros de água, enquanto a produção de um quilo de cereais usa 1.600 litros<sup>146</sup>. De um modo geral o nosso regime de alimentação atual é responsável por até 30% das emissões de todos os gases, de 80% do desmatamento global e de 70% do consumo mundial de água doce. A FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) reconhece a pecuária como uma das principais causas dos problemas ambientais. *Ruminomics, Cowcredits...* Por que simplesmente não comeremos menos carne?

### 3.6. Animais de criação X animais de produção

Daí entra a dizer das vacas fazendeiras, os modos, sestros. De Curica-ca, que é a preguiçosa, sempre se atrasando. De Pombinha, que finge de brava. De Boliviana, que escouceia ao ser peada. De Moeda, que tem um berrinho baixo. De Careta, que é chifradeira. De Paraguanha e Piôrra, que aprenderam a abrir cancelas. Aponta para a De-Casa, com carinho, e conta: quando novilha de sobreano, fora cedida a outro fazendeiro, e para longe levada. Tempo depois, escapuliu, entanto, e voltou, trans-trilhando o Pantanal numa linha certa, em dias de caminhada, para retornar. Atravessando fazendas, varando

---

<sup>145</sup> HUMANE SOCIETY INTERNATIONAL. Disponível em: <https://www.hsi.org/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>146</sup> HOEKSTRA, A. The Water Footprint: The Relation Between Human Consumption and Water Use. 2015. p. 35–48. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-16393-2\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-319-16393-2_3). Acessado em 02/02/2023.

cercas: - Levou p'ra mais de uns dez  
arames...<sup>147</sup>

No Brasil falamos de animais de criação e de produção como se fossem os mesmos, mas há uma grande diferença entre eles, diferença explorada por Vinciane Despret e Jocelyne Porcher em “The becoming of subjectivity in animal worlds”. Criação faz criaturas, produção faz produtos. Falo aqui das fazendas de criação, nas quais, de um modo geral, os criadores mantêm um vínculo estreito e familiar com cada um de seus animais: “[f]azendas onde humanos e animais conversam, fazem propostas uns aos outros, se entendem e apresentam modos de subjetividade uns para os outros.”<sup>148</sup> Os criadores despertaram o interesse de Despret e Porcher. Para elas, eles mantiveram vivas antigas tradições que não excluía os aspectos imprevisíveis e afetivos das relações, e assim não se encaixaram no discurso científico da superioridade e da especificidade humana. Sem hierarquia há escuta, há experimentação e há surpresas. As autoras perguntaram a vários criadores sobre a diferença entre humanos e animais, e nas respostas o discurso humano/agente – animal/objeto foi completamente subvertido. Alguns entrevistados sequer entenderam a pergunta, enquanto outros não quiseram dar-se ao trabalho de responder uma questão que lhes parecia absurda e irrelevante. Para os criadores, a diferença simplesmente não existia, não havia alguma assimetria entre humanos e animais.

Ao iniciarem sua pesquisa, Despret e Porcher, saindo do laboratório, queriam saber o que acontecia no campo, literalmente. Como eram as relações práticas entre criadores e seus bichos. Estas relações, que resistiram aos milênios, não estavam sujeitas a nenhuma teoria comportamental e se baseavam no convívio diário, nas espécies envolvidas e suas características, em cada indivíduo e suas singularidades (ou personalidades como reconhecem os criadores), e em que tipos de atividade se estabelecem entre humanos e animais, em geral e a cada dia. O fato é que na criação a relação interespecies é de contínua adaptação entre dar, receber, cuidar, perceber, prover, obter, etc. Os envolvidos estão dispostos a ser flexíveis, a transformar e ser transformados em sua subjetividade, a estar sempre alertas e em

---

<sup>147</sup> ROSA, 2015, p. 109.

<sup>148</sup> DESPRET, V. The Becomings of Subjectivity in Animal Worlds. *Subjectivity*, v. 23, n. 1, p. 123–139, 2008.

constante negociação. Os animais de criação, ao contrário dos que estão na indústria, não vêm com um manual de instruções, eles são observados por seus criadores cotidianamente. E vice-versa. “Nas melhores fazendas, a conversa é incessante. E porque há conversa, há resposta.”<sup>149</sup> Trata-se de relações que admitem o outro como sujeito ativo nas escolhas e nos fazeres, e nas quais o humano não se acha onipotente. Nesse sentido, os criadores são “perspectivistas por reconhecerem a capacidade do animal, por vezes muito superior à sua, de adotar o ponto de vista do outro.”<sup>150</sup> Um dos criadores entrevistados conta: “quando eu abro as portas, as vacas sabem que eu quero que elas saiam, mas não sei se elas realmente querem sair.”<sup>151</sup> Os criadores sabem que existe uma relação de contínua indagação entre eles e seus animais, que inclusive parecem ter mais facilidade para entender os humanos de uma forma por vezes incompreensível para nós. Como notaram Despret e Porcher, a fazenda é um espaço de atenção ao outro. “Para todos os nossos interlocutores, surge este fato: os animais ‘prestam atenção’ ao seu criador e revelam-se razoavelmente bons tradutores de intenções.”<sup>152</sup> Trata-se de

tornar-se aquilo que o outro lhe propõe, aceitar uma oferta de subjetividade, agenciar-se à maneira pela qual o outro se endereça a você e atualizá-lo, verificá-lo – no sentido de torná-lo realidade. Eis, sem dúvida, uma das razões que explica como, nesse tipo de criação, a questão da diferença toma caminhos tão inesperados e conduz a perspectivas, inteligências, intenções partilhadas, similaridades, inversões e permutas de propriedades entre os homens e os animais.<sup>153</sup>

Dar boas-vindas ao inesperado. Para isso saber *estar* – apenas e simplesmente *estar* – na espera. Entre um levante e outro, de repente algo acontece e os pés se firmam no chão. Criadores sabem estar atentamente com seus animais. Eles sabem esperar surpresas.

Despret e Porcher colocam a questão da assimetria humano-animal como uma questão disciplinar e epistemológica, determinada por metodologias. A intenção das autoras não é separar ainda mais cientistas e criadores, mas salientar que os testes comportamentais e os experimentos com animais não são verdades

<sup>149</sup> Ibid.

<sup>150</sup> Ibid., p. 136.

<sup>151</sup> DESPRET, V. Conferência de Encerramento Colóquio Entre\_Redes: Pesquisar com o outro. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte II: Ser animal, e o mais polidamente possível. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 6, n. 2, p. 246–256, 2011. p. 254.

<sup>152</sup> DESPRET, 2008, p. 134.

<sup>153</sup> DESPRET, 2011, p. 256.

científicas, porque não revelam realidades objetivas. Isso não quer dizer que os resultados das pesquisas sejam falsos, mas que são parciais. Colocar cientistas e criadores, e também Patrícia, Vitor e todos os voluntários lado a lado, nos revela que existem múltiplas verdades. Os elementos dos experimentos (as espécies, as personalidades, o quando, o onde, etc) determinam os resultados. O que se espera e o que não se espera de um animal determina um resultado. O que ele pode e não pode fazer determina um resultado. E esse discurso é válido igualmente para os cientistas-agentes que também esperam, não esperam, fazem e não fazem. Acolher a subjetividade em seu sentido mais amplo é estar constantemente atento ao que é *agora*, e a partir disso relacionar-se com o outro. Em vez de excluir certos elementos, como a afetividade, acolhê-los, pois eles podem revelar verdades que sempre estiveram ali, mas encobertas. Enfim, cancelar demarcações precisas demais, eliminar divisões muito nítidas, afastar o inconfundível. Entre os cientistas há confusão e polêmica, entre os criadores também. Os métodos são tantos quanto os humanos que os aplicam; as relações e os resultados, tão vastos quanto os animais com os quais se lida. Como escreve Despret, é preciso ajustar incessantemente as fronteiras nessas trocas,

A linguagem não se limita a “criar uma sobreposição de consciências entre dois seres falantes”. Ela “povo” cada um dos seres na presença de proposições de perspectivas que são como proposições de intencionalidades. Emprestamos palavras tanto quanto emprestamos intenções. Esta prática que inscreve o animal no mundo do “falar” e que contribui para “povoar”, contribui também para tornar menos nítidas as fronteiras entre os animais e os homens. Fazemos falar, fazemos perguntar, nós nos colocamos nesse lugar para “povoar com”. Não interpretamos; experimentamos. Isso não nos remete ao que é usualmente referido como empatia, mas sim a uma forma de conhecimento não imediata que permite construir a perspectiva daqueles que conhecemos. Não nos colocamos no lugar do outro, nós “povoamos” o lugar “com”. Não substituímos um ponto de vista por outro; ao contrário, o processo se faz pelo acréscimo de mais pontos de vista. Os criadores são perspectivistas: cada perspectiva se constitui como uma tradução de intenções.<sup>154</sup>

Um dos criadores disse que “existe um ‘nós’ que traduz um acordo sobre o que significa ‘ser criador’,<sup>155</sup> para ele, criação não é uma palavra vazia, é a forma que ele concebe o seu ofício: “tem a ver com crescimento e alegria.”<sup>156</sup> Outro conta

---

<sup>154</sup> Ibid., p. 255.

<sup>155</sup> DESPRET, 2008, p. 137.

<sup>156</sup> DESPRET, 2011, p. 256.

como, numa noite, soube que uma de suas vacas estava caída perto de uma cerca com problemas no parto. Ele saiu no escuro com uma lanterna para procurá-la e foi cercado pelos outros animais no pasto que, após o reconhecerem, o levaram à vaca com dificuldades. “Eles sabiam por que eu estava lá e acho que talvez devessem saber que eu poderia fazer algo por ela.”<sup>157</sup> Como diz Despret, “o importante para os criadores não é ter bons conhecimentos, mas sim ser bons criadores.”<sup>158</sup> E criação “é crescer e fazer feliz, mesmo que a morte, que por vezes torna as coisas paradoxais e difíceis, esteja no final da história.”<sup>159</sup>

Como a história de um estômago mal lavado que inventou um queijo. É provável que o estômago, chamado na medicina antiga de “o grande alquimista” tenha sido a primeira bolsa usada pelos humanos. O estômago, a cavidade onde se iniciam as metamorfoses. Na antiguidade os estômagos dos animais mortos, especialmente os de caprinos e ovinos, depois de retirados, lavados e secados eram usados como bolsas para carregar água e leite. Imagina-se que os primeiros queijos tenham sido descobertos por acaso em uma destas bolsas... mal lavadas. O ácido gástrico ainda presente pode ter coalhado o leite armazenado ali. Uma co-criação. Humano recebe em dom o leite e a bolsa, animal o transforma em seu próprio corpo doado. Humano experimenta a alquimia do animal na própria alquimia interior, nutrindo-se de alquimias. A bolsa e o queijo como dons que se tornam a base das civilizações mediterrâneas. Modo de conservar o leite e de transportá-lo com mais facilidade, de saboreá-lo de outra forma. O animal doa-se inteiro e indica o caminho, o humano está atento para entender e experimentar a sugestão. O animal agora torna-se um parceiro mais importante, é preciso cuidar melhor dele. A bolsa que ele dá ao homem contém outros milhões de seres que realizarão a alquimia do nutrimento e do sabor. Cabras, ovelhas, vacas, microrganismos e humanos juntos criando novas histórias.

---

<sup>157</sup> Ibid., p. 255.

<sup>158</sup> DESPRET, 2008, p. 138.

<sup>159</sup> DESPRET, 2011, p. 256.

### 3.7. Galinha cósmica

Numa manhã bem cedo, não muito longe do santuário, um pequeno criador de vacas leiteiras coloca a conversa em dia com um amigo vindo da cidade, enquanto as vacas se preparam para serem ordenhadas em um curral com vista para uma cadeia de colinas onduladas e verdes. O criador arruma o balde embaixo de uma das vacas e interrompe a conversa dizendo que o animal precisa relaxar um pouco antes que ele possa iniciar a ordenha. Os dois amigos, então, começam a acariciar a vaca silenciosamente e assim permanecem por um tempo. Cena muda de dois homens e uma vaca, uma história de queijos mimados.

Poder sonhar também é um mimo, um afago que permite voos. Sim, voar era uma boa ideia para usar o céu. Não havia pedrinhas nem minhocas lá em cima, mas uma vez lá inventariam alguma outra coisa para fazer. Juremas e Joãos nascidos no santuário foram os primeiros a se aventurar, passando do “voo batido” que caracteriza a máxima ambição destas aves (um voo rasteiro e rápido que em alguns metros traz o animal de volta ao chão) para breves voos cada vez mais altos. Em pouco tempo de prática de voo, o curral passou a ser usado apenas pelas matriarcas desertoras da granja, o resto das aves se empoleirava no alto de árvores quando chegava a noite. O poleiro mais concorrido ainda é um enorme bouganville que fica bem em frente à casa de Patrícia e Vitor. Um bouganville que ao entardecer fica repleto de Juremas: a famosa árvore de galinhas. No santuário, dormir com as galinhas é também participar de uma paisagem surpreendente. Ninguém construiu poleiros para elas, mas elas os acharam por toda parte.

De dia elas voam alto. E também voam de noite, em grupos secretos de iniciadas. Essa é a explicação para os desenhos. De vez em quando, em um terreno arenoso do santuário, aparecem desenhos circulares como mandalas feitos com as suas pegadas. Os traçados circulares na terra arenosa, feitos com as patinhas em forma de tridente, pareciam uma escrita primitiva. Seriam fruto de lembranças antigas e vivências passadas? Com o tempo os desenhos foram ficando mais rebuscados e complexos, e ninguém nunca soube como elas os faziam, nem por que. No início eram 49 traços que se repetiam com poucas alterações. Com o tempo o número de traços foi diminuindo, mas as combinações foram se tornando mais imprevisíveis e requintadas. Os traços se combinavam em zigue-zague, em triângulos, em cruces, em espirais retorcidas, às vezes em retas, outras vezes em

curvas. Eventualmente os desenhos tinham uma aparência caprichada, outras pareciam rascunhos inacabados. Minha vontade foi chamar um especialista em Linguística Archeoptérica.<sup>160</sup>

A Juremas nunca foram vistas desenhando, daí ainda se imaginar que a atividade aconteça de noite. Ninguém sabe ler aquela escrita. A imprevisibilidade do aparecimento dos desenhos também não permite que se faça um plantão noturno no terreno arenoso, como eu havia pensado em fazer com minha câmera. Esperá-las escondida para desvendar o mistério. Que talvez não se revelasse a mim, humana incapaz de certas leituras. Lembro de meu filho preparando minha câmera para flagrar o Papai Noel, e eu dizendo para ele que o Papai Noel encontraria um modo para evadi-la, pois ele só aparece em segredo. Sua técnica mais usada? O sono. Enquanto sonhamos o mistério fermenta.

Assim era para Gaia também. No mistério de seu sono, dormindo com as galinhas, ela ia fermentando sua melhora. A cada dia despertava mais alerta, mas curiosa, mais enérgica. Já conseguia caminhar um pouco e ficar em pé por um longo período. Ainda precisava da ajuda da corda para se levantar, mas os voluntários comentavam felizes e aliviados que a cada dia faziam menos força. Com menos dores, Gaia começou a interagir com os animais que passavam para vê-la e a participar da conversa das galinhas. Talvez a ela as Juremas tenham falado de seus desenhos.

A questão dos desenhos veio à tona apenas quando eu estive no santuário de novo para filmar Gaia e fazer algumas cenas aéreas usando um drone. O padrão circular e ordenado das mandalas era visto somente do alto, como nos círculos das plantações de trigo na Grã Bretanha. Um círculo ritualístico? Um modo de comunicação com o cosmos? Um campo de pouso? Todas essas ideias vieram por ter visto galinhas voando tão alto. Galinhas cósmicas.

Elas estavam se modificando geneticamente? Também isso estava gravado na evolução daqueles animais, que ao longo da história tiveram seus DNAs manipulados de todo modo, basicamente para que desenvolvessem peitorais enormes o mais rápido possível. Galinhas cósmicas deportadas diretamente para

---

<sup>160</sup> O *archaeopterix* é considerado pelos paleontólogos como o antepassado de todas as aves, inclusive a galinha.

nossas ceias de Natal. Um *Super Chest* chamado Chester — marca registrada de uso exclusivo da Perdigão, um tipo de frango fruto de uma rigorosa seleção genética. O chester é duas vezes maior do que um frango comum e tem 70% de sua carne concentrada no peito e nas coxas.<sup>161</sup>

Pássaros jovens saborosos (o suficiente) que são frequentemente incapazes de andar, bater as asas ou mesmo ficar de pé. Músculos ligados, na história evolutiva e no simbolismo religioso, ao voo, à exibição sexual e à transcendência, em vez disso, bombeiam ferro para as indústrias de crescimento transnacional.<sup>162</sup>

A seleção genética faz com que os frangos cresçam tão aceleradamente, que seus órgãos internos não conseguem se desenvolver e acompanhar o crescimento. Com corações e pulmões subdesenvolvidos e pernas deformadas, seus corpos cedem ao próprio peso e os frangos cansam-se facilmente, deitando-se na forragem suja. Hoje, mais do que em qualquer outro período da história, os filés de peito pedem uma quantidade de oxigênio que seus corações não conseguem fornecer,



fazendo com que as mortes prematuras por ataque cardíaco sejam frequentes.

---

<sup>161</sup> Todo chester é frango, mas nem todo frango é chester. **AgroSaber**, 2019. Disponível em: <https://agrosaber.com.br/todo-chester-e-frango-mas-nem-todo-frango-e-chester/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>162</sup> HARAWAY, 2022, p. 350.

Sabemos que na indústria, nas granjas e no santuário as galinhas são geneticamente modificadas. Manipuladas em seu DNA e ao mesmo tempo *naturalmente* modificadas através dos milênios para ter grandes peitos. A diferença é que as Juremas e Joãos nascidos no santuário se modificaram para o retorno ao voo. Voo cósmico talvez, ultrapassar a barreira da luz, viajar na misteriosa malha do tempo-espaço. Uma ficção científica sim, mas toda a história desses animais (e outros) também não poderia ser vista como um absurdo conto de ficção?

### 3.8. Captura sensível

Gaia foi um divisor de águas no santuário. As imagens de seu resgate, levante e melhora, divulgadas na rede, começaram a ter um alcance inesperado. Pessoas ao redor do mundo foram sensibilizadas pelo sofrimento daquela vaca e pelos cuidados que uma vida merece mesmo quando parece estar às portas da morte. Afinal, o que, estando vivo, não está às vésperas da morte? Espontaneamente, como naquele jogo do “Força, Gaia!”, nasceu o significativo slogan “Salvemos Gaia”. A vaca gerara simpatia em muitos que nunca tinham sequer olhado para uma vaca como um bicho, ou uma espécie companheira. Sentimos empatia, amor e admiração por alguns animais, enquanto por outros não sentimos nada, permanecemos imperturbáveis, simplesmente insensíveis. Vacas, bois, porcos, ovelhas, animais invisíveis. Há todo um sistema de crenças e informações muito estruturado para propagar a cegueira e a insensibilidade. Não há comoção, repugnância, desconforto, há ausência de tudo isso, indiferença. A condição destes animais é a inexistência. São construções culturais que variam com a espécie de acordo com o “esquema”.<sup>163</sup> Amamos cães e gatos e comemos vacas, ovelhas e porcos. O lucro é o que movimenta o esquema da inexistência onde vidas viram produtos. Aceitamos facilmente a proposta de que alguns animais nascem para ser parte da família e outros nascem (engordam e morrem) para nos nutrir. Nosso saber acostumado de como vivem estes animais-produtos é comodamente limitado e superficial em nome da crença (que também facilmente compramos) da nossa necessidade de comer certos animais para sobreviver.

---

<sup>163</sup> JOY, M. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo**. São Paulo: Cultrix, 2014.

“Não estamos acostumados a ver manifestações de amor de seres de uma tonelada”, reconhece Patrícia. Uma questão de costume. Mas desacostumar o próprio olhar gera efeitos surpreendentes, e foi isso o que a história de Gaia me ensinou. A força de multiplicação do cuidado: como o encontro sensorial interespécies dentro do Santuário reverbera sensorialmente no mundo. As imagens de corpos atentos uns aos outros criam um mundo que não é mais o mundo da vaca nem o mundo do humano. Nasce um corpo sutil, co-criado, vibração que viaja e atinge a sutileza de outros corpos e olhares. Este corpo é também uma imagem criada com intenção, atenção, tato, conexão. Um ativismo que nasce não pela oposição ou crítica de nossos sistemas atuais, mas que cresce da re-sensibilização das nossas relações com a terra e seus habitantes.

As imagens da melhora de Gaia pareciam ser ainda mais comoventes do que as do resgate e do estado desolador em que ela chegara ao santuário. O prazer, a beleza e a alegria eram mais fortes e comoventes do que a dor. A delicadeza era uma força mais tocante do que a brutalidade. Mas depois de uma difícil e emocionante melhora acompanhada por diversos apoiadores no mundo todo, Gaia começou a ceder e a sofrer de novo. Também dessa vez, como da primeira, ninguém soube o que acontecera. Gaia começara a ficar menos tempo de pé e abandonara totalmente seus curtos passeios diários, não saindo mais do curral. Um dia simplesmente não se alçou e os voluntários precisaram reiniciar a rotina do levante. Até as Juremas ficaram silenciosas quando a talha foi de novo trazida para o curral. Havia uma enorme imprevisibilidade no mundo, tudo estava dentro de um contínuo fluxo de ir e vir.

As imagens da vaca em luta dolorosa pela vida começaram a gerar dúvidas sobre se agora sim não fosse o momento certo para o seu sacrifício. Mas Patrícia não cedia diante da delicada questão: quando é o momento da morte? E quem o decide? Em busca de uma profunda sintonia com Gaia, Patrícia confiava que ela saberia o momento de partir. O momento de viver era sempre o agora, e agora ela estava viva. Ao mesmo tempo, Patrícia decidiu não divulgar mais as chocantes imagens do animal moribundo. O conflito de ganhar um mundo na luta e perder outro mundo nas contradições.

Sem querer apontar respostas, ou aferir soluções, Isabelle Stengers inicia o livro *No Tempo das Catástrofes*, de 2008, desejando fazer uma ‘intervenção’. Não

se trata de convencer pessoas, mas de afetá-las com uma outra forma de pensar a questão. E afirma que é preciso reinventar modos de produção e de cooperação que escapem às evidências do crescimento e da competição. É preciso recuperar a capacidade de criar as nossas próprias questões, para não ter que responder às questões que nos são impostas. A autora insiste na nossa necessidade de resistir e criar uma vida “depois do crescimento econômico”, um futuro que não seja bárbaro. “O que significa entrar em guerra contra o que atribui esse papel e aprender, concretamente, a reinventar modos de produção e de cooperação que escapem às evidências do crescimento e da competição”. Stengers aposta naqueles que “escolheram modificar sua maneira de viver, efetiva mas também politicamente: eles não agem em nome de uma preocupação culpada por “sua pegada ecológica”, mas experimentam o que significa trair o papel de consumidores confiantes que nos é atribuído”.<sup>164</sup> E dedica o livro àqueles e àquelas que vivem em suspenso entre a certeza de que é preciso fazer alguma coisa e a paralisia frente ao tamanho da tarefa, e aos que já estão de algum modo experimentando novas formas de viver.

Essa paralisia de que fala é nossa sensação de incapacidade em mudar as coisas que sabemos que devem ser mudadas. Numa “captura espiritual” que faz com que nos tornemos cúmplices covardes de uma realidade que parece esmagadora. Capturados e enfeitiçados, segundo Stengers, precisamos de antídotos mais que de rebeliões. E o antídoto seria a atenção à própria Gaia. As Gaias em sua realidade mais concreta, em suas dores e feridas. Eu vejo na vaca Gaia a vocação para ser um antídoto assim, que nos desperte a arte de prestar atenção. Atenção ao que acontece ao nosso redor, atenção aos seres humanos e não-humanos, atenção aos desvios fáceis mas bárbaros, atenção à corda que pesa as consequências de tudo que fazemos. A arte da atenção e do cuidado acorda sensibilidades e percepções, e o que antes parecia inatingível torna-se uma trilha a ser percorrida.

Isabelle Stengers, sem dizer que tudo acabará bem – afinal Gaia ofendida é cega para nossas histórias –, afirma que criar o que alimenta a confiança onde a impotência assustadora ameaça depende de nós. E é aqui que a autora alinha com

---

<sup>164</sup> STENGERS, 2015, p. 15.

fiões delicados as nossas mentes e corações, ao fazer uma ode à alegria, um convite ao encantamento, pois o mundo desencantado é um mundo manipulável:

A alegria, escreveu Espinosa, é o que traduz um aumento da potência de agir, ou seja, também de pensar e de imaginar, e ela tem algo a ver com um saber, mas um saber que não é de ordem teórica, pois não designa a princípio um objeto, mas o próprio modo de existência daquele que se torna capaz de sentir alegria. (...) Alegria do primeiro passo, mesmo inquieto. E a alegria, por outro lado, tem uma potência epidêmica.”<sup>165</sup>

No encontro com Gaia assumi o compromisso de um dia fazer algo com a experiência que me foi dada, sem saber no que se tornaria. Eu havia sido tocada por um animal de uma forma diferente, e sentia que essa experiência tinha que ser compartilhada. Essa força que nos toca e nos anima chamo de ativismo sensível. A experiência no santuário me mostrou que há sempre algo a ser feito, e as palavras podem ser sempre um início.

#### O Manifesto da Delicadeza

Intensificar nossas sensibilidades.  
 Em um território tenso e precário tentar a delicadeza.  
 Delicadeza que insiste e que não se intimida diante da violência.  
 Delicadeza força poderosa do sentir com leves toques.  
 Ser delicado é saber que o caminho ainda não está no mapa, e deve ser cuidadosamente tateado. Dentro do mapa abrem-se novos espaços a todo momento, espaços sob o território, lá onde secretamente nascem os tremores.  
 Acordar para a sensação de presença, uma passagem mínima.  
 A atenção ao detalhe.  
 Delicadeza é um estreito ponto de contato, é o gato do Giacometti se equilibrando em uma pedra robusta. O contato da pata do gato com a pedra.  
 Uma rima incompleta da Emily Dickinson, rimando soul com all.  
 A delicadeza não nega a catástrofe, mergulha nela de olhos abertos.  
 Mergulho nos olhos úmidos de Gaia.  
 A delicadeza é a casquinha da ferida, a sabedoria do corpo e sua trupe de cura.  
 Ela não nega a violência nem o trauma, irrompe na precariedade aliada ao combate: eis o manifesto.

---

<sup>165</sup> Ibid., p. 152.

### 3.9. O mundo não está terminado

Delicadamente partir. Como? Era a pergunta que todos no santuário se faziam diante da dor de Gaia. Não importava o quanto cuidassem dela, ela piorava. De novo prostrada e sem reações, em seus olhos havia sofrimento. Perguntava-se: “como?” Como acabar com aquela dor? O veterinário sugeriu uma eutanásia, reconhecendo sua (e a de todos) impotência diante daquele caso. Explicou ainda que a vaca não sofreria durante o processo. Primeiro lhe seria dado um sedativo, seguido de uma anestesia profunda. Só então seria injetado o cloreto de potássio, que, dado sozinho a um animal lúcido ou adormecido, é extremamente doloroso. Gaia seria poupada da “eutanásia informal” que consiste em uma marretada na cabeça seguida por um tiro, uma facada no coração ou pelo corte dos grandes vasos. Fiquei indignada quando ouvi o veterinário contar isso, mas ele explicou que o funcionário da fazenda também fazia o melhor que podia não tendo acesso à compra daquelas substâncias. Com a marretada ele também queria sedar o bicho antes do golpe fatal.

O sacrifício não foi necessário. Aconteceu com Gaia. Ela simplesmente foi se abandonando e de repente morreu. Nos últimos dias o veterinário lhe aplicava apenas analgésicos. Tudo aconteceu naturalmente, toda vida culmina na morte. Nascer, crescer, reproduzir, morrer – aprendemos isso ainda pequenos na escola, não é preciso se assustar. Criação “é crescer e fazer feliz, mesmo que a morte, que por vezes torna as coisas paradoxais e difíceis, esteja no final da história.”<sup>166</sup>

E vais sonhar  
que nem é preciso respirar,  
que o silêncio sem ar não é uma música  
má,  
pequeno como uma fagulha,  
a um toque te apagarás.  
Morrer, só assim. Dor mais dolorosa  
tiveste segurando nas mãos uma rosa  
e terror maior sentiste ao som  
de uma pétala caindo no chão.  
O mundo, só assim. Só assim  
viver. E morrer só esse tanto.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> DESPRET, 2011, p. 256.

<sup>167</sup> W. Szymborska e R. Przybycien, **Poemas** (Companhia das Letras, 2011), poema Repenso o mundo.

Quando Gaia foi enterrada, as Juremas ficaram dias em cima da terra batida onde o corpo de Gaia virava humus. Até que um dia o espaço amanheceu vazio e sobre a terra viu-se a escrita circular, e no centro desta nova mandala um único ovo branco. Galinhas e vaca haviam escrito uma outra história: a do ovo cósmico.



Siga Jurema e encontre o mundo.  
*O céu não caiu, ainda não.*<sup>168</sup>

---

<sup>168</sup> HARAWAY, 2022, p. 362.

## 4. Chacrona

EXT. PASTO – DIA

Foram 52 mugidos em cinco minutos. E cada cinco minutos emendavam em mais cinco. Do momento em que a búfala 52 chegou ao santuário, não fez outra coisa a não ser chorar. Era um mugido agudo, forte e repetitivo. Um mugido longo, bastante longo. Seus gritos não deram espaço para a pergunta: ela chora? A gente sabia que era choro.

O espaço destinado a ela foi um pasto cercado de muito verde e um pequeno lago. Um lugar agradável para bovinos acostumados ao confinamento. Mas a 52 não quis pastar, parou perto de uma cerca e só chorava. Seu corpo era uma nuvem escura e pesada, céu em tempestade desabando de tão denso. Mas era só choro. De onde pode sair tanto pranto? Chuvas assim alagam cidades, arrastam muita terra, casas, gente, bichos, sonhos – chuvas assim podem desmanchar contornos habitados. Seu corpo sempre fora assim tempestuoso? Daquele corpo que chovia, não temos a história pregressa, também não podemos contar com uma anamnese. Seu registro são relatórios corporais, datas de ciclos, inseminações e partos, e seu choro excede a história que temos de seu corpo.

O trauma do transporte talvez, o estresse da mudança de ambiente. O choro da 52 não se se faria ouvir naquela casa que era prisão mas que não deixava de ser casa, conhecida e certa. Ela fora separada das outras búfalas para ser descartada e, do descarte, veio o resgate. Mas quem sabe de seu desejo por resgate? Quem sabe ela não quisesse seguir o fluxo conhecido por suas ancestrais? Tirar um animal de uma vida regrada e certa pode ser assustador, assim como para nós humanos que também vivemos em nossos “cômodos” de azulejos brancos.

Por que choras, búfala 52? Depois de anos parindo e amamentando máquinas, a sua engrenagem de (re)produção ficou datada. A aposentadoria segue regras e a mais importante chama-se: infertilidade. Dizem que os bois sabem para onde estão indo quando entram na fila do matadouro. Será que você sente que aqui é o seu abatedouro? Um abatedouro incomum sem sangrias, asfixias ou disparos. Um abatedouro que justamente por ser menos óbvio lhe deixa confusa. Será?

“Vamos dar um tempo para ela, que ainda não sabe onde está, nem que poderá ser feliz aqui”, justifica Patrícia. Feliz? Patrícia incentiva a todos para que deixem a 52 em “paz” e saiam para cuidar de outras urgências e pendências do lugar.

A búfala 52 está sozinha agora, nunca esteve sozinha antes. Ela é a primeira búfala do santuário, uma novidade para vacas, bois, porcos, ovelhas, galinhas, gatos, cachorros. A 52 é única, isto também é ser só. E aqui ela não ouve o barulho familiar dos aparelhos e máquinas que conhecia, nem ouve as vozes dos tratadores, ela só ouve o próprio pranto.

Patrícia, ansiosa por estabelecer uma relação com a nova moradora, resolveu voltar ao pasto seguida por Guardiã, o cão que a acompanha aonde quer que vá. A búfala, ainda de costas, balançou a cabeça e logo a inclinou. Se fosse um cão rosnaria, penso. Lentamente, com aguda precisão, ela girou seu corpo, os chifres arranhando nossos olhos. Os seus, fixos na dupla: mulher e cão. A cabeça abaixada com o olhar por cima, a pupila desenhando uma seta em linha com o alvo. Se fossem olhos humanos veríamos bastante branco do globo por baixo. Mas os olhos da 52 são pretos e elípticos, levemente projetados. Parecem querer saltar: olhos, gritos, pranto. Sabemos que aquele é um gesto de perigo, não carece especulação. Patrícia



sai imediatamente do recinto. Mas Guardiã não, ele é curioso demais e ainda não sentira o cheiro daquela enorme novidade mais chifruda do que os outros bovinos.

Guardião se aproxima da búfala abanando o rabinho timidamente, ela não inclina mais a cabeça, mas projeta o pescoço para longe do corpo como uma girafa, lançando-se sem sair do chão. Vejo tudo em câmera lenta, aproximadamente 300 quadros por segundo, e não ouço mais nada. Guardiã provavelmente deve estar mais acelerado e seguro do que eu e se aproxima dela tentando cheirá-la. De repente a 52 levanta-o com os chifres e lança-o no ar. Voo. Tempo alargado. Fazer aquele pequeno cachorro voar pelos ares abriu um curto intervalo no choro. Guardiã faz seu salto especulativo e aterrissa sem se machucar. Ao longo dos anos no santuário sua curiosidade o ensinou a aterrar com segurança. Os golpes sofridos são amortizados porque ele mesmo é um amortizador de golpes. Destemido, ele vai desbravando os traumatizados. Como sabemos quando um animal está disposto a atacar ou pretende ficar nas advertências? Guardiã está ali para isso, para tirar a prova, fazer com que cada um mostre a que veio. Um cão para-raios. Um tradutor? É ele quem faz a triagem dos bravos. Esqueci de perguntar à Patrícia se é por isso que ele se chama Guardiã, ou se o nome veio antes que se conhecesse este seu traço, nome e bicho como unha e carne. “Que é que é um nome? Nome não dá: recebe.”<sup>169</sup>

A 52 não quis dar um golpe fatal em Guardiã, foi apenas um aviso. O pessoal do santuário atribuiu o comportamento ao trauma dos maus tratos. Todo gesto de agressividade é rapidamente lido dessa forma, nossa tradução mais acessível e literal. A ambição de saber exatamente o que “é”, remete ao exercício do “tema”,



<sup>169</sup> ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 6a ed.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 121.

aquela figura de tradução que Vinciane Despret associa à busca por um sinônimo absoluto e inequívoco.<sup>170</sup>

Outra figura de tradução: comida mais saudável. Assim é como muitos veem a búfala 52. Não apenas porque a sua carne e seu leite têm um maior valor nutricional, mas também porque sua espécie, mais rústica e resistente, requer menos cuidados médicos. Isso significa menos uso de antibióticos e substâncias químicas em sua carne. 52: um imponente alimento de qualidade. Uma imponente possibilidade de lucro. Ainda mais porque os búfalos se adaptam bem a ambientes de baixa fertilidade, tendo a capacidade de converter em carne e leite mesmo os pastos mais pobres. Vivem muito, e ainda ocupam áreas nas quais outros ruminantes não poderiam viver, como terrenos alagados.

Olho para a 52 e vejo um animal selvagem, indomável, mesmo sabendo da sua história de domesticação. E questiono o conceito de selvagem. Seus primos mais comuns, vacas e bois das mais variadas raças, são imagens mais familiares para nós, brasileiros. Mas esta familiaridade os torna menos selvagens do que esta búfala? Objetivamente falando a 52 não é uma selvagem em nossas terras. Seus antepassados foram imigrantes da raça Carabao que chegaram ao Brasil há quase cento cinquenta anos. Eram sobreviventes. Chegaram às costas da ilha de Marajó após o naufrágio de um navio da Guyana Francesa em 1890. Na época uma família comprou os naufragos e mirou longe com esses animais impressionantes, importando mais exemplares. Dessa vez os novos imigrantes eram italianos, e junto com a outra raça deram origem ao búfalo negro de Marajó, que aprendi a reconhecer na escola em um livro do ginásio. Não um livro de zoologia, mas de geografia, pois estes seres não eram então bichos, mas produtos econômicos. A partir dos anos 20 outras famílias adquiriram tais produtos, levando a produção para o sul do país e introduzindo as raças indianas Murrah e Jafarabadi. Assim se definiram as quatro raças presentes até hoje no país: Mediterrânea, Murrah, Jafarabadi e Carabao<sup>171</sup>.

Desde então os rebanhos crescem rápida e significativamente, e os bubalinos representam 1,4% dos bovinos brasileiros. O percentual parece pequeno, mas equivale a mais ou menos 3 milhões de animais. É o maior rebanho de búfalos do

---

<sup>170</sup> DESPRET, 2021b.

<sup>171</sup> O BÚFALO | ABCB. Disponível em: <https://bufalo.com.br/o-bufalo/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Ocidente. E a Amazônia é a casa de 50% deles. Talvez a búfala 52 tenha suas origens ali, na floresta que nem mesmo seus antepassados teriam visto intacta. Brasil: o maior exportador de carne do mundo. O quarto maior produtor de leite. O segundo maior produtor de proteína animal. Parte da nossa sobrevivência como nação está perfeitamente amarrada aos animais que nascem para serem ordenhados e comidos. Como fugir?

#### 4.1. Irineu

A búfala não estava só. Ao seu lado, parado desde a sua chegada, estava o cavalo Irineu. Ele mastigava capim sem dizer nada, também não tentou se aproximar. Ele estava só olhando. Cuidando dela? Irineu costuma fazer uma leitura sutil dos recém-chegados, uma espécie de passe. Diferente do Guardião que chega junto fisicamente, ele faz uma leitura energética.

O cavalo Irineu, o patriarca do santuário, de um certo modo seu fundador, também mudou sua rotina com a chegada da búfala chorona. Em vez de vagar pelos pastos como estava habituado havia anos, ficou totalmente entretido pelo pranto da recém-chegada e não saiu mais de perto dela. Sob uma árvore, ele observava cada movimento de todos os que apareciam por ali, enviesando o olhar de vez em quando. Cavalos tem a capacidade de discernir entre expressões faciais humanas positivas e negativas. Rostos irritados e preocupados fazem os cavalos enviesarem o olhar para a esquerda, além de aumentar a sua frequência cardíaca.<sup>172</sup> As preocupações de Patrícia, as reflexões de Vitor, as observações do veterinário, a curiosidade de alguns voluntários e funcionários. Eu também estava sendo vigiada por ele e pela primeira vez senti a força de Irineu. Irineu mastigava e olhava, sem sair do lugar.

Passou a primeira noite toda olhando: ela, a noite toda chorando. No dia seguinte decidiu-se chamar novamente o veterinário. Talvez a 52 esteja doente, sentindo alguma dor aguda. Talvez tenha sido maltratada, quem sabe uma costela quebrada no transporte, algum órgão machucado. O veterinário também tentou se

---

<sup>172</sup> SMITH, A. V. *et al.* Functionally relevant responses to human facial expressions of emotion in the domestic horse ( *Equus caballus* ). **Biology Letters**, v. 12, n. 2, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rsbl.2015.0907>.

aproximar, mas como Patrícia na véspera, entendeu a mensagem corporal dela. Seria preciso sedá-la para que ele pudesse examiná-la, mas Patrícia não permitiu que ele o fizesse. A contenção com cordas poderia traumatizar ainda mais a búfala. O jeito era esperar mais um pouco e ver o que aconteceria, e ficou combinado que se no dia seguinte pela manhã ela ainda estivesse chorando, o veterinário viria visitá-la de novo.

A búfala 52 passou seu segundo dia no santuário chorando em companhia de Irineu, deixando inquietos todos os que passavam por ali. Guardião não se aproximou mais. Na manhã do terceiro dia o veterinário chegou cedo.

FADE IN:

Em silêncio, ele abriu uma maleta e preparou uma pistola com um sedativo. À pistola adaptou um longo cano para ajudar na precisão. Ele não era um bom atirador. Mirou e disparou na direção da búfala, atingindo-a na anca. Depois de alguns minutos cambaleando a búfala caiu grogue no chão, levantando poeira para todos os lados, com um estrondo que causou a revoada dos pássaros que descansavam em um arbusto próximo.

FADE OUT:

No meu imaginário de menina, *isto* era relacionar-se com um búfalo. Búfalos que só existiam nas savanas televisivas da minha infância. Búfalos, elefantes, rinocerontes, zebras, gnus – todos esses animais eu já vira cambaleando e caindo com projéteis de plumas coloridas espetados em suas coxas. Forças da natureza que se encurvavam e cediam, de um certo modo implodiam, diante de nós. Os documentários das tardes em casa tatuaram a minha imaginação, provavelmente a de muitas pessoas da minha geração. Mas o santuário não é uma savana, aquela búfala não é uma selvagem, aquele veterinário também não tinha nenhuma pistola, mas só uma seringa, e simplesmente esperou um momento de distração e se arriscou numa corrida ágil, injetando na 52 uma boa dose de analgésico intramuscular. Se ela estivesse chorando por causa de alguma inflamação ou dor em algumas horas eles saberiam. Sabemos que a medicina também age por eliminação, um pouco como em todas as buscas. Mas a búfala não parou de chorar. Não deu sequer uma mínima trégua. Não se tratava de uma dor física. Patrícia intuía desde o início: “todos os animais que chegam ao santuário carregam um trauma”. Mas não é assim

para todos nós? Existe criatura sem trauma? Há uma atmosfera de salvação que resvala por todas as esferas, e como não pensar assim de um refúgio para feridos? O que é o resgate para um ser que não usa o tempo como nós? É a melhor saída para a búfala 52? Nós não estávamos tranquilos com a sua infertilidade, com a sua aposentadoria próxima, com o seu descarte. Mas e ela? Ninguém perguntara àquela búfala se ela queria ter sido levada de seu curral conhecido, se ela teria preferido seguir seu destino de leite até o fim. E sem as suas respostas às perguntas que nunca lhe foram feitas, alguém poderia questionar se o resgate não fora um sequestro repentino, um sequestro de seu abate, uma outra forma de morte. Ela estava pacificada com a vida (e a morte) de antes? Ela chorava, sabíamos apenas disso, e muito não saber acompanhava este choro. Não é preciso um estudo para saber que o choro nos escapa, nos surpreende, de repente nos transborda. Chorar, verbo intransitivo. O choro ganhara vida própria, um choro que chorava por si mesmo e que ficara maior do que a própria búfala.

Esse choro vai parar ou vamos precisar intervir? Bebês cansam de chorar se não recebem atenção. Esse é o ponto de partida de um certo método para ensinar os bebês a dormirem a noite toda. Se ele chora e você vem, ele entende que é preciso chorar. Mas se você não vem, ele desiste. Ele aprende que ninguém virá. De quantos métodos e manuais nós precisamos para lidar com o choro de nossos filhos? E ela, a 52, já tão educadinha, uma anciã dos currais, vai parar de chorar quando?

Nossos choros também são domesticados. É preciso aprender a parar de chorar para aprender a dormir. Esta necessidade de treinamento é um fenômeno novo mesmo nos países habituados ao uso de métodos. Tudo parece ter se iniciado com a ideia de que até as crianças muito pequenas precisavam desenvolver sua independência. Bebês independentes, pais que conseguem dormir independentemente de seus bebês. Dentro dos lares, o sono doméstico depende de bebês domesticados. Já no final do século XIX se falava que deixar o bebê chorar sozinho e exaustivamente era bom para expandir seus pulmões, mas foi nos anos 80 que o método de indiferença parental ao choro começou a se tornar popular. As técnicas para extinguir gradualmente o choro consistiam em deixar a criança chorando até que ela se habituassem ao fato de que seu choro realmente não provocaria nenhuma resposta por parte de ninguém.

## EXT. VARANDA - NOITE

Naquela segunda noite o casal voltou para a área da casa desanimado. Vitor como de costume deitou-se na rede e, quando viu o cavalo Irineu se aproximar da varanda, fez uma rápida viagem no tempo. Lembrou-se da primeira noite que passou naquela casa, quando o cavalo entrou varanda adentro, comeu o salsão que ele lhe trouxera da cozinha e, numa declaração muda, disse que queria ficar naquela terra junto com o casal, profetizando que juntos criariam um lugar de resgates. Aquela casa se tornaria casa de muitos. Terra de descartes rebatizados.

Dessa vez, com os gritos da búfala ao longe e com Vitor desanimado balançando na rede, foi Irineu quem entrou na varanda trazendo uma folha na boca. A primeira surpresa de Vitor foi constatar que finalmente o cavalo havia saído de perto da búfala. Depois Vitor notou que a planta que Irineu lhe trazia era uma folha Rainha. Vitor levantou-se e entendeu que precisava estender a mão, e como um cãozinho adestrado Irineu entregou a folha para ele. Ou talvez fosse Irineu que dizia para Vitor: dá a patinha.

A Rainha é um arbusto da espécie *Psychotria viridis*, da família das Rubiaceas (a mesma do café), uma planta conhecida como sagrada, sendo denominada de Rainha pelo Santo Daime e de Chacrona pelos povos originários. Junto com outra planta amazônica, a *Banisteriopsis caapi*, dita Jagube, a Rainha é utilizada para o preparo da bebida conhecida como Ayahuasca pelos indígenas e como daime pelo Santo Daime. Irineu tinha autoridade para entrar sem pedir licença na varanda de Vitor com a planta na boca. E Vitor, como seguidor do Daime junto com Patrícia, sabia disso.



O maranhense Raimundo Irineu Serra, filho de um ex-escravo, em 1930 partiu numa expedição pelas matas do Acre. Ele era um dos membros da Comissão de Limites Territoriais, entidade do Governo Federal que delimitava as fronteiras da Amazônia, ainda incertas na época. Nesta expedição Irineu assumiu o cargo de guardião do cofre, posição da mais alta confiança entre todas. Durante essa viagem pela divisa entre o Peru e a Bolívia Irineu conheceu a Ayahuasca, a bebida sagrada da floresta. Quando Irineu experimentou a planta teve uma visão. Nesta *miração* ele viu uma Virgem em cima de uma lua crescente, iluminada por estrelas ao redor da cabeça, que lhe dizia sua missão: ser o iniciador de um novo caminho sagrado,



o Daime. Dai-me amor, dar amor. E foi assim que Irineu tornou-se o fundador da religião Santo Daime, uma religião autenticamente brasileira de sincretismo entre o catolicismo popular, a umbanda e o xamanismo indígena do oeste da Amazônia. Tal encontro religioso intercontinental formou-se com as ondas migratórias que entravam pela floresta vindas do Nordeste, em busca de borracha. A busca por seringueiras abriu uma busca espiritual paralela, fruto do encontro heterogêneo entre as gentes das aldeias, das fazendas e das cidades.

Foi neste caldeirão que Irineu ferveu as suas ervas mágicas e estruturou a sua busca alquímica, fundando o Daime.<sup>173</sup>

Na poção Ayahuasca a Chacrona é o princípio feminino responsável pela *miração*: visões, revelações e insights alcançados em estado de consciência expandida. E o Jagube é o princípio masculino que dá vigor e aterramento necessários durante a travessia, também podendo trazer moleza, sonolência e náusea. Corpo que se encontra com a alma sutil. O Jagube é o plano concreto onde se entra na busca do que é santo no Daime, a Chacrona a guia neste ingresso.

Quando Irineu deixou a folha nas mãos de Vitor, este logo chamou Patrícia, que, assim que viu a planta, soube finalmente o que tinha que fazer. Ayahuasca! Assim se chamará a búfala que chora sozinha! Este será o seu nome! E mais: é preciso buscar uma companheira para ela. E se chamará Chacrona.

Eu poderia tentar explicar como Patrícia soube que teria que buscar uma companheira para a búfala 52. Mas no santuário muitas explicações se vaporizam no ar com cacarejos, mugidos, miados. Os indígenas dizem que a planta fala. Poderia ser essa a explicação. A ciência ainda engatinha em ir além das considerações que vingaram até hoje sobre os vegetais como seres sem subjetividade e intenções. Como nos lembra Coccia: “A filosofia as negligenciou desde sempre, com desprezo mais do que por distração. (...) As plantas são a ferida sempre aberta do esnobismo metafísico que define nossa cultura”.<sup>174</sup>

Sem dúvida ver as plantas através da ciência é diferente de vê-las pelos olhos dos indígenas. Em seu estudo sobre a Ayahuasca, Maicon Fecher procurou obter respostas. Quando perguntados sobre o que é a Ayahuasca, alguns indígenas dizem que é “Huni”, gente. Alguns daimistas dizem que é Jesus, ou que é um oráculo. “Outros indígenas, depois de falar que ela era gente, me falaram que era uma planta alucinógena. Falaram de princípios ativos, DMT, força masculina e feminina.”<sup>175</sup> Como sugere o autor a alquimia está presente aqui também, na mistura entre

---

<sup>173</sup> FECHER, M. do C. Fitoantropologia da Ayahuasca: A miração como processo dialógico entre o humano e a planta. 214 f. 2017. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

<sup>174</sup> COCCIA, E. **A Vida das plantas - Uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. p. 11.

<sup>175</sup> FECHER, 2017, p. 10.

oposições de conceitos. Um caldeirão onde tudo está misturado, e onde as contradições são aquecidas na expectativa de que se misturem. O santuário é esse caldeirão em fervura. Ciência e magia, etnografia e botânica, miração e aterrisagem, vida e morte. No caso de Patrícia prevaleceu a ideia xamânica de *saber* e falar *a partir* das visões, ao invés de falar *delas*.

Aprendemos as coisas bebendo o pó de yãkoana com nossos xamãs mais antigos. Nos fazem virar espírito e levam nossa imagem muito longe, para combater os espíritos maléficos ou para consertar o peito do céu. (...) Sem o apoio desses grandes xamãs, nós nos perderíamos no vazio ou despencaríamos na fogueira de mōruxi wakē.<sup>176</sup> É assim que aprendemos a pensar direito com os xapiri. É esse o nosso modo de estudar e, assim, não precisamos de peles de papel. O poder da yãkoana nos basta! É ela que faz morrer nossos olhos e abre nosso pensamento. É verdade. Com olhos de vivente, não é possível ver realmente as coisas.<sup>177</sup>

Por que e como Patrícia soube que aquela búfala se chamaria Ayahuasca? Porque Irineu veio lhe dizer. E como Irineu soube disso? Bem, ele comeu folhas de Chacrona, ele se deixou conduzir pela gruta misteriosa, ele viu, ele ouviu uma fala verde. No santuário quem senão Irineu poderia ter feito esta viagem? Nomear o outro, um ato de conhecimento, de batismo. *Baptismós*: mergulho. Uma imersão no que está além de nós. Este nós que é humano, que é bicho e que também é planta, que está fora e está dentro nessa história que miro e narro. Parte que é roteiro, parte que é sonho, parte que é ciência, parte que é vivência, parte que é fabulação, parte contada por eles, parte inventada por nós humanos-animais.

Lembro-me da minha dificuldade nos estudos de botânica do segundo grau. A diferença entre aquelas células, as inúmeras classificações e nomenclaturas que eu precisava decorar sem entender. Uma abordagem que setorizava as plantas, que as dividia em gêneros, espécies, com nomes latinos que elas não conheciam e que eu não me interessava em conhecer. Fico no *silêncio das plantas*.

A relação unilateral entre mim e vocês  
até que não vai tão mal.  
Sei o que é folha, caule, pétala, pinha e espiga  
e o que lhes acontece em abril e em dezembro.  
Embora minha curiosidade não seja recíproca,

<sup>176</sup> As armas e objetos patogênicos dos seres maléficos e dos espíritos xamânicos são igualmente designados pelo termo *matihi*, utilizado para as mercadorias. Nota retirada do livro.

<sup>177</sup> KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 458.

me debruço só para ver algumas de vocês  
 e para ver outras ergo a cabeça.  
 Dou-lhes nomes:  
 bordo, bardana, hepática,  
 urze, zimbro, visco, miosótis,  
 mas vocês não me dão nenhum.  
 Partilhamos a mesma viagem.  
 Durante uma viagem conjunta é costume conversar,  
 afinal,  
 trocar impressões, nem que seja sobre o tempo  
 ou sobre as estações que passam no trajeto.  
 Não faltariam assuntos, pois temos muito em comum.  
 Essa mesma estrela nos mantém sob seu alcance.  
 Projetamos sombras na base das mesmas leis.  
 Procuramos saber algo, cada qual do seu jeito,  
 e somos parecidos também no que não sabemos.  
 Perguntem, e eu lhes explicarei como puder:  
 o que é isso de ver com os olhos,  
 para que bate meu coração  
 e por que meu corpo não tem raízes.  
 Mas como responder a perguntas não feitas,  
 se além disso se é alguém  
 que para vocês é tão ninguém.  
 Epífetos, arvoredos, prados, juncos –  
 tudo que lhes digo é monólogo  
 e não são vocês que escutam.  
 Uma conversa entre nós é imperiosa e impossível.  
 Urgente na vida apressada  
 e adiada para nunca.<sup>178</sup>

Irineu trouxe a folha de Chacrona: Ayahuasca esperava outra búfala, uma companheira. A búfala idosa devia ser uma búfala líder, uma matriarca que se sentia angustiada por ter deixado seu rebanho para trás. Búfalas são extremamente leais e nunca abandonam seu grupo. A solução foi negociar a compra de uma companheira. Patrícia e Vitor se comunicaram imediatamente com os principais patrocinadores do santuário, pois seria preciso comprar um animal, já que no momento não havia outras fêmeas inférteis a serem descartadas. De um modo geral os estatutos dos santuários proíbem a compra de animais, apenas resgates são permitidos, mas nesse caso abriu-se uma exceção. Ou não: tratava-se da compra não de um corpo, mas de

---

<sup>178</sup> SZYMBORSKA, W. **Um amor feliz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 215–217.

algo impalpável. O ex-proprietário de Ayahuasca venderia uma búfala pelo preço *justo*. Os fundos foram então arrecadados e a compra efetuada.

#### 4.2. Búfala 44

Escolher uma búfala *de dentro* da indústria. Era uma situação inédita para Patrícia, que chegou lá sem saber o que esperar daquele momento. Talvez ela estivesse sentindo a responsabilidade de ter que escolher sozinha entre dezenas de animais *aquela* que seria a melhor companhia para a 52. Mas o proprietário amenizou o peso da escolha ao levá-la em um curral onde só havia cinco búfalas e lhe dizer que escolhesse uma entre elas.

Eram fêmeas que estavam em seu período seco, o período entre o último dia da lactação e o parto seguinte. Um período no qual a búfala torna-se inútil aos olhos do produtor, que espera renovar o retorno dos investimentos. Para evitar atrasos indesejáveis, as fêmeas devem ter uma rápida involução uterina e um rápido reinício da atividade ovariana pós-parto. O útero deve estar pronto o mais rápido possível para uma nova nidação (fixação do embrião na parede do útero configurando o início da gestação). Nestas fazendas, onde mães não podem ser mães, ironicamente predomina uma linguagem feminina e maternal, fala-se incessantemente de eventos reprodutivos como involução uterina, atividade ovariana, ciclo estral, taxa de concepção, nidação, período seco, lactação, parto, puerpério.<sup>179</sup>

O retorno dos investimentos é um dos fatores na matemática do lucro. A pecuária leiteira se baseia em uma equação muito simples: quanto maior o período de lactação, maior o ganho. O desafio desta equação elementar é o fato de que períodos de lactação muito extensos podem aumentar o intervalo entre os partos. Achando-se um equilíbrio entre estes fatores, a produção torna-se ideal. Claro que na prática isso não é tão fácil, e as fêmeas devem ser constantemente monitoradas para que se possa reconhecer com sucesso o momento de parar com o leite e preparar a próxima gestação. E mesmo não produzindo nem reproduzindo, elas continuam gerando gastos, pois é importante que não haja infecções puerperais, e

---

<sup>179</sup> URDANETA, N. S. M. Algunos aspectos reproductivos e inseminacion artificial en búfalas, 2006.

que a búfala receba alimentação e manejo corretos para o sucesso da próxima produção.

Aquelas cinco búfalas estavam numa espécie de sala de espera, e agora esperavam que Patrícia escolhesse uma delas. Patrícia também esperava: fazer a escolha certa. As búfalas eram todas bem parecidas – e qualquer escolha é sempre a escolha certa, Patrícia deve ter pensado. Isso é acreditar em Mágica. De repente uma das búfalas se aproximou do portão do curral balançando a cabeça na direção da mulher. Era a número 44, uma jovem fêmea bem mais ou menos, explicou o proprietário, parecendo satisfeito com a possibilidade de vendê-la. E Patrícia soube que a 44 era perfeita. A entrega foi combinada para o dia seguinte.

Transportar uma búfala de aproximadamente 700kg que nunca havia viajado não parecia ser uma coisa simples: foi simples. O animal desceu tranquilo no santuário e se deixou conduzir pacatamente até o recinto onde a outra chorava. Aí sim veio o esperado. Quando Ayahuasca viu a recém-chegada seu pranto se calou imediatamente. A 44 foi liberada no pasto e as duas se focinharam um pouco, mas sem demonstrações exageradas de afeto, era como se tudo tivesse voltado ao normal. Como um encontro com o vizinho no elevador. Como crianças brincando em um parquinho. A búfala idosa começou então a se distanciar da cerca e a caminhar na direção do lago, e a jovem a seguiu, como tinha de ser. Patrícia, Vitor e Irineu permaneceram em silêncio olhando as duas se afastarem, não havia o que comentar diante de tanta simplicidade. Sempre mastigando, Irineu também virou as costas e voltou para seu próprio pasto.

EXT. PASTO – DIA

Ayahuasca parou de chorar. Acalmou-se. Parecia um solzinho que nasce logo após a tempestade. Aquele raio de sol que reflete na poça de água como se sorrindo.

Parar de reclamar a torna automaticamente contente? E faz sentido esse questionamento, eu que como mãe também sempre julguei que meus bebês estivessem finalmente satisfeitos no instante em que paravam de chorar? A pergunta me remete ao livro *Pensar como um Rato*, de Vinciane Despret, no qual ela recorda que as pesquisas sobre o bem-estar animal iniciadas por volta dos anos 80 tinham

como foco, todas elas, o sofrimento e o estresse.<sup>180</sup> Tais pesquisas estavam presas à ideia dos animais como seres que reagem, ao invés de responderem. Sem dúvida o reconhecimento da reação dos animais ao medo e a situações de tensão abriu caminhos para todas as reflexões que foram feitas sobre o tema e para as perguntas que me faço agora. Mas Despret queria ir além, caminhar por uma trilha ainda não batida e pesquisar sobre um bem-estar que não precisasse ser medido pelo seu contrário.

As pesquisas que partem do sofrimento são mais apropriadas para o âmbito experimental, o estresse é facilmente mensurável por índices fisiológicos. Mas com estes dados permanecemos no campo das reações. Quando medimos somente o sofrimento de um animal estamos negligenciando suas respostas, seus protestos e sua participação no experimento. A dificuldade experimental torna-se um desafio estimulante para Despret, que pergunta se a oposição reação-resposta teria se mantido até nossos dias se outros fatores como a alegria e a felicidade tivessem sido testados, tirando o bem-estar da posição de subproduto remanescente em caso de ausência de mal estar provado. “Estar interessado na felicidade nos tornaria mais atentos, porque os experimentos exigiriam mais presença, cautela, tato, curiosidade e prudência do que a rotina de mapear o estresse.”<sup>181</sup>

É o mesmo desafio que me coloco ao saber que Ayahuasca parou de chorar imediatamente ao ver Chacrona. Sim, é irresistível achar que o encontro foi feliz e restaurador para ambas, ou ao menos para a primeira. Mas a questão aqui é pensar se o fim de um choro implica necessariamente em satisfação. Atualmente já existem pesquisas que medem o nível de serotonina, dopamina, ocitocina em cães, na fantasia de que será possível mapear a dor, mas desejando ultrapassar os parâmetros da reação, devolvo a pergunta: como medir este “estar bem”? Despret não tem respostas e conta sobre como investigou estudos publicados em revistas de psicologia e etologia animal entre 1975 e 1990 sem encontrar um único estudo dedicado às emoções animais positivas antes de 1980. Tais emoções simplesmente não eram objeto de estudo até então, elas não estavam lá, existiam apenas em nossas casas, entre nós e nossos bichos. Sim, nós *sabíamos* de suas emoções, e não

---

<sup>180</sup> DESPRET, V. **Penser comme un rat**. Versailles: Éd. Quae, 2009. (Sciences en questions).

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 62.

precisávamos de estudos ou artigos. Como Patrícia sabe. Como eu sei. Por outro lado, pergunta Montaigne — Quando brinco com a minha gata, como sei que ela não está brincando comigo?

CORTA PARA :

Essa nova fronteira da pesquisa talvez implique uma subjetividade enorme, mas como diz Despret, mais importante do que índices são novos referenciais e novos modelos que abordem a alegria ao invés do sofrimento, o prazer ao invés da dor.<sup>182</sup> E talvez mais do que isso: são necessários novos olhos, uma nova atenção. Dar atenção à atenção do outro também está, como vimos, no projeto filosófico de Donna Haraway, uma forma de se responsabilizar pelas relações estando presente diante do outro. A atenção é uma forma de resposta, e estar atento às respostas é respeitar.

Devolver o olhar dessa maneira nos leva a ver de novo, a *respecere*, ao ato de respeito. Ter em alta estima, responder, reciprocamente o olhar, notar, prestar atenção, ter consideração cordial, apreciar: tudo isso está ligado à saudação polida, à constituição da pólis, onde e quando as espécies se encontram.<sup>183</sup>

O *estar presente* é mais um ponto interessante levantado por Despret nesse mesmo livro, em que cita o trabalho de campo de Barbara Smuts com babuínos na Tanzânia, ainda na década de 80. Esta primatóloga seguiu o “método da habituação”, ou seja, tentou ficar em meio aos babuínos sem influenciá-los, sendo o mais neutra possível. Usando este método, um bom estudioso deveria se tornar praticamente invisível aos animais, estar entre eles “não estando lá”, para poder observá-los sem que eles reagissem à observação. Este método pressupõe que animais podem ser indiferentes aos humanos. Ou que animais aceitem que uma presença possa ser indiferente. Ou ainda: que animais possam ser indiferentes à indiferença. O que aconteceu foi que quanto mais Smuts “não estava lá”, mais os babuínos lhe respondiam com uma atmosfera geral de descontentamento.

Antes dessa pesquisa talvez nem mesmo Smuts soubesse como poderia ser significativa e interessante a sua própria presença. Refletindo sobre aquele encontro, a pesquisadora abandonou a terra batida e partiu para desbravar outro

---

<sup>182</sup> Ibid., p. 55.

<sup>183</sup> HARAWAY, 2022, p. 31.

caminho: decidiu estar tão presente entre os primatas ao ponto de sentir-se um deles. Foi essa presença presente que determinou seu sucesso. Smuts não pôde nunca saber o que babuíños pensavam nem pensar como um deles, mas ela estava lá, dizendo *estou aqui*. Estou aqui, dentro do desafio de “pensar com” vocês, e aceitando que este desafio é uma condição para a minha pesquisa. Smuts considerou os babuíños como seres capazes de responder, e por isso lhes respondeu, e conseqüentemente estabeleceu com eles uma relação responsável. Mas isso não foi sempre assim.

Para Derrida, todos os filósofos de Aristóteles a Lacan, passando por Descartes, Kant, Heidegger, Levinas, “todos, dizem a mesma coisa: o animal é privado de linguagem. Ou, mais precisamente, de resposta, de uma resposta a distinguir precisa e rigorosamente da reação: do direito e do poder de “responder”.<sup>184</sup> Derrida notou que Descartes usou exclusivamente exemplos de animais em situações de estresse, por exemplo durante caçadas ou submetidos à dor. Sim, os animais reagem. Gritando ou fugindo, ou simplesmente entrando em pânico. A questão é perceber que, com essas escolhas, Descartes instaurou sobre os animais um olhar através da violência e do mal-estar. O medo, emoção primária, tornou-se o único parâmetro para abordar o animal.

Só muito mais tarde outras emoções mais complexas começaram a ser consideradas nas pesquisas. E quando o discurso mudou, os animais também começaram a mudar. Despret sugere ampliar o foco do que define bem-estar, não usando apenas parâmetros de resposta ao stress, mas antes na compreensão da maneira pela qual os animais fazem experiência do seu mundo.<sup>185</sup> Deixar que outras emoções entrem em jogo nos laboratórios: vergonha, indignação, raiva, desilusão. E por que não alegria e prazer? O pesquisador Jaak Panksepp<sup>186</sup> fez cócegas em seus ratos e os ouviu rindo em ultrassons. Risos considerados parecidos aos ouvidos com aqueles observados quando os ratos brincavam entre si.<sup>187</sup> Aqui a questão não está em provar se ratos realmente riem ou não, mas no fato que Panksepp ouviu e

---

<sup>184</sup> DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 62.

<sup>185</sup> DESPRET, 2009, p. 60.

<sup>186</sup> Jaak Panksepp foi um neurocientista e psicobiólogo estoniano que cunhou o termo “neurociência afetiva”, o nome para o campo que estuda os mecanismos neurais da emoção, conhecido na imprensa popular por suas pesquisas sobre a risada em animais não humanos.

<sup>187</sup> DESPRET, 2009, p. 60.

deu atenção ao que poderiam ser seus risos. Talvez Aristóteles não tenha dado a mesma atenção:

Se o ser humano é o único animal susceptível de ter cócegas, esse fato deve-se, por um lado, à finura da pele, mas também por se tratar do único animal que ri. As cócegas produzem o riso em função de um movimento que se gera na região da axila.<sup>188</sup>

Para Despret o evento do riso dos ratos ser comentado em diversos artigos sobre bem-estar animal demonstra que algo em nossa atenção está mudando.<sup>189</sup> Claro que parte do entusiasmo dos pesquisadores refere-se à tentativa de provar se ratos realmente riem, já que esta prova facilitaria muito a avaliação do bem-estar destes animais em laboratórios. Mas para Despret preocupar-se com isso também é uma nova atenção. E a atenção pode ir ainda mais além: o que faz os animais felizes? Relações, brincadeiras, carinhos, rotina, desafios?

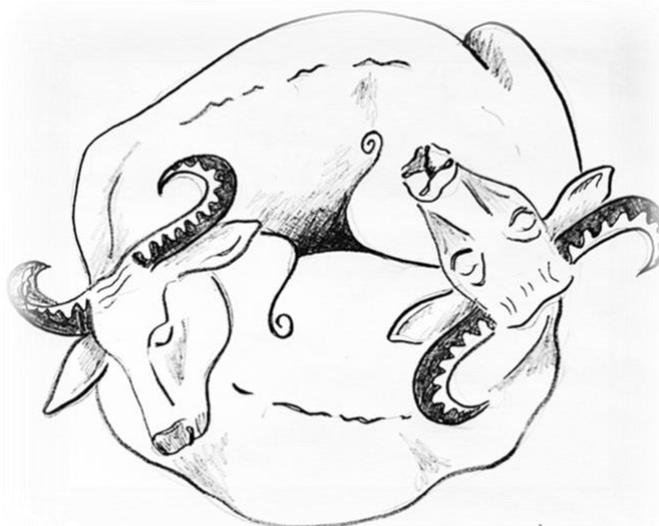
EXT. PASTO – NOITE

A búfala 44 chegou e a 52 ficou feliz.

Durante a noite elas dormiram juntas, aconchegadas uma a outra como duas pequenas gatas. Como meus gatos dormem. Búfalas enormes e pesadas podem ser tão sinuosas e flexíveis.

Me senti relativamente pronta para dar atenção

ao que podem ser seus risos – tentar traduzi-los ao modo da versão, não do tema.



<sup>188</sup> ARISTÓTELES. **Obras Completas de Aristóteles - Partes dos Animais**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010. p. 673-710 Partes dos animais III.

<sup>189</sup> DESPRET, 2009, p. 61.

### 4.3. Bem-estar industrial

Como vimos, o próprio conceito de bem-estar é dinâmico. A preocupação do bem-estar animal é tão presente hoje em dia que me pergunto o que há por trás dela, agora que também os grandes produtores e a indústria estão focados em melhorar a vida de seus produtos. Todos querem que os animais estejam bem.

No Brasil, uma norma do Ministério da Agricultura usa o termo “abate humanitário”.<sup>190</sup> Esta norma prevê melhorias em geral na vida dos animais desde o nascimento até a morte. Estas melhorias não pensam apenas no bem-estar animal como um fim em si, mas preveem agregação de valor econômico ao produto final, devido a uma maior qualidade da carne, leite e derivados. De animais mais *felizes* e menos estressados espera-se maior produção, menos gastos sanitários, maior e melhor conservação dos produtos, assim como um aspecto melhor e sabor superior.

Atualmente não sofrer faz parte do negócio. A ausência de hematomas e fraturas na carcaça pode não significar um animal que não experimentou dor, mas um animal cuja carne será aproveitada de forma rentável. No Brasil, um percentual considerável das carcaças apresenta pelo menos uma contusão significativa, o que altera a aparência da carne e diminui seu período de conservação. É um bom negócio cuidar bem dos animais. Por muitos anos comi produtos animais orgânicos pensando na minha saúde. Eu não queria consumir antibióticos e outros produtos químicos, e também não queria circulando em mim a adrenalina da angústia de vidas e mortes dolorosas.

A indústria também começou a se preocupar com a dor, entendendo que quanto mais o mercado se preocupa com o bem-estar do que come, mais os produtos aumentam de valor. Selos e certificações garantem preços melhores para produtos de animais que já no pasto são mais lucrativos. Nem seriam necessárias as leis, mas elas também chegaram. Os consumidores dentro da lei querem ter a certeza de que ninguém está maltratando os animais, mesmo sem saber exatamente por onde passa a demarcação entre mal-estar e bem-estar.

---

<sup>190</sup> Norma nº 3 de 17 de Janeiro de 2000 do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, em <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/bem-estar-animais/arquivos/arquivos-legislacao/in-03-de-2000.pdf>, acessado em 28 de dezembro de 2022.

Industrializar vidas. Considerá-las matérias primas a serem transformadas em bens de produção e consumo. Como argumenta Jocelyne Porcher,<sup>191</sup> com o processo de industrialização se acelerando, novos tipos de pesquisas começaram a surgir. De que modo os animais são biologicamente capazes de se adaptar ao sistema industrial? E os humanos que trabalham com eles como lidam com isso? Porcher destaca o fato de que nos últimos 20 anos a preocupação com o bem-estar animal cresceu de forma tão fragmentada que na verdade não ajudou a melhorar em nada a condição dos animais de produção. De um modo geral, o discurso que acompanha o bem-estar animal é permeado de questões éticas, psicológicas e ambientais, mas na prática a melhoria das condições dos animais de produção leva em conta leis, normas, redução de perdas (seja quantitativa que qualitativamente), exigências do mercado consumidor, diminuição dos gastos de produção e, basicamente, aumento do lucro.

44 e 52 foram máquinas que precisavam ser cuidadas e mantidas para seu melhor desempenho e vida útil. Máquinas lubrificadas que oferecem produtos e que, quando atingem seu ponto de desgaste, são descartadas e substituídas por versões melhores. O conceito de bem-estar é variado, sem dúvida. Ideias de felicidade e utilidade se engancham a esta notável expressão: bem-estar. Simples, essencial. Um problema de tradução – trata-se de equivocar, fazer aparecer diferenças, não de buscar entre os bichos o sinônimo comportamental.

EXT. PASTO – DIA

#### 4.4. Batizado

Nos dias seguintes Patrícia tentou se aproximar das duas búfalas: a 44 permitiu uma aproximação, mas não se deixou tocar. As três se estudavam com olhares apenas.

Um dia, pela manhã bem cedo, Patrícia organizou o ritual de retirada das plaquinhas numeradas. Nessa manhã a 44 permitiu que Patrícia a tocasse rapidamente e a retirada foi simples. Simples como naquele dia na fazenda de leite quando ela se aproximou de Patrícia para ser escolhida, escolhendo-a. Simples

---

<sup>191</sup> PORCHER, J. “Você liga demais para os sentimentos” “Bem-estar animal”, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas. *Production*, v. 14, n. 3, p. 35–44, 2004.

como ser transportada até o santuário e pela primeira vez colocar suas patas naquela terra. Já a 52 passou uma tarde inteira trocando olhares com Patrícia antes de permitir a aproximação. Aproximação rápida, furtiva, como no dia em que o veterinário se aproximou dela e lhe aplicou uma seringa de analgésico, como se faz com uma criancinha amedrontada. Usando toda a sua agilidade e uma boa dose de experiência, em 10 segundos Patrícia conseguiu, como quem não quer nada, retirar o número grampeado em sua orelha direita. As antigas búfalas leiteiras 52 e 44, agora são apenas Ayahuasca e Chacrona.

Uma das particularidades do santuário, não necessariamente uma novidade, é, como se disse, o fato de que ali os animais são batizados com um nome que deseja responder aos seus percursos, aos seus ademanos. Um nome que não é só palavra, mas histórias emaranhadas em uma rede de linhas que se nutrem e se transformam. Nomes que nos convidam a “conhecer com” e não tanto “sobre” ou “a partir de” um animal.



Em “Conversa de bois”, de Rosa, os bois têm, cada um, dois nomes.  
Os nomes dados pelo homem: Rodapião, Brabagato, Brilhante, Namorado...  
E os nomes pelos quais os próprios bois se conhecem entre si: *o-que-gosta-de-pastar-à-beira-da-cerca-do-pasto-das-vacas*, *o-que-deita-para-se-esconder-no-meio-do-meloso-alto*, *o boi-da-noite-que-saiu-do-mato*, *o-que-dorme-de-olho-aberto*

Irineu já era um morador sensível do santuário ou tornou-se tal ao ser nomeado? Guardiã já era um para-raios ou passou a encarnar esta missão toda vez que um novo animal chegava? Chacrona é o nome da folha que Irineu trouxe na boca ou a força feminina de uma fêmea que quebrou um ciclo ancestral? Ayahuasca pedia a sua Chacrona, ou foi Irineu quem quis as duas juntas? E quem era Chacrona

antes de ser escolhida naquele curral com mais 4 ofertas de búfalas? Chacrona já era Chacrona antes mesmo de ser escolhida? Estava tudo esperando em “um mundo suspenso no movimento”?<sup>192</sup>

Tim Ingold nos convida a imaginar esse mundo em movimento “no qual nomes são verbos, e no qual conhecer é semelhante a contar histórias”.<sup>193</sup> E conta como sociedades que percebem o mundo desta maneira, mais precisamente os Koyukon do Alasca, nomeiam seus bichos.

Segundo Ingold, os nomes entre os Koyukon podem ser dados de três formas. A primeira delas é descritiva: nesse caso, os nomes descrevem os comportamentos ou traços mais marcantes e visíveis, ou frequentes, do animal observado. Por exemplo, as borboletas são chamadas de “tremula aqui e ali”. Este tipo de nomear dá ênfase à presença ativa do animal no mundo, ao seu *ser verbo*, já que o animal é o que faz. O segundo modo de nomenclatura é chamado pelo autor de “histórias do Tempo Distante”, que se referem a contos da era da criação do mundo, quando os seres que se tornariam bichos ainda não tinham assumido definitivamente suas formas animais. É o caso do pássaro chamado “ele guincha” em língua Koyukon. Primordialmente este pássaro era um homem que gritou quando sua esposa ciumenta o arrastou pelos cabelos. E o terceiro modo de nomeação é chamado de “enigma” ou “charada”.<sup>194</sup> Estes nomes descrevem a impressão deixada por um animal de forma pouco óbvia, um tanto quanto arcana, e metafórica ao ponto de que o ouvinte tem que adivinhar a identidade do bicho. Antes de sabê-lo, o bicho é imaginado a partir das impressões que por sua vez seu nome pronunciado inspira. “Lá longe parece um flash de fogo” é o nome dado à raposa vermelha quando atravessa rapidamente entre a vegetação do bosque.

Para ajudar na imaginação desse mundo suspenso em movimento, Tim Ingold nos apresenta uma vida *vivida ao longo de linhas*:

A vida de cada ser, como o rizoma de uma planta, cresce no mundo conforme prossegue. Estas linhas de vida não são traçadas, como poderíamos traçar linhas em um mapa cartográfico, *através de* um mundo já estabelecido, mas *por* um mundo em formação permanente.<sup>195</sup>

---

<sup>192</sup> INGOLD, 2015, cap. 14.

<sup>193</sup> Ibid., p. 338.

<sup>194</sup> Ibid., p. 346.

<sup>195</sup> Ibid., p. 338.

Eu não poderia comparar com segurança os nomes usados no santuário com as formas de nomear do povo Koyukon, são nomes que às vezes descrevem, às vezes recuperam memórias, e quase sempre suscitam enigmas. “Nesse mundo nomes não são substantivos, mas verbos; cada um descreve um acontecimento”.<sup>196</sup> E se nomes são verbos, “conhecer é semelhante a contar histórias.”<sup>197</sup> Mais do que um espaço de bichos, o santuário torna-se, assim, um espaço onde linhas narrativas se emaranham. Mundos que criam histórias, que por sua vez criam mundos: “cada uma dessas linhas é uma história. Cada nome, então, é uma condensação dessa história. Portanto, o conhecimento que os nomes transmitem é conhecimento narrativo.”<sup>198</sup>

Irineu, Chacrona, Ayahuasca, Shapiro, Sebastiãozinho, Nandi, Gaia, Guardiã, Juremas e todos os outros nomes estão aqui para nos convidar a “conhecer-com” eles. São nomes que participam na invocação: não tanto de quem aquelas criaturas são em si, mas do que movem ao mover-se (num certo encontro). “Se os seres humanos respondem aos apelos de animais da mesma maneira que os animais respondem à sua invocação vocal pelos seres humanos, então não pode haver diferença absoluta entre vocalização animal e invocação de nomes humana.”<sup>199</sup>

#### 4.5. Manual de aproximação

Mulher e búfala criaram um código de conduta que Patrícia tenta me explicar. Como a partir de um manual, mesmo sabendo que manuais podem falhar. Ela me passa as regras: quando Chacrona te olhar por baixo você não pode se aproximar, se ela te olhar na altura dos teus olhos é sinal verde, quando ela sacudir a cabeça é hora de fugir imediatamente.

O manual de aproximação de Patrícia com todos os animais previa etapas bem conhecidas. Depois da troca de olhares, o chegar perto. Estar perto era um grande sucesso que podia se estender por muito tempo antes do sucesso seguinte:

---

<sup>196</sup> Ibid., p. 337.

<sup>197</sup> Ibid., p. 338.

<sup>198</sup> Ibid.

<sup>199</sup> Ibid., p. 349.

oferecer a mão aberta em palmo. Um gesto de abertura e disponibilidade. O passo seguinte era o toque. Mão e focinho que delicadamente, até com pudor, se buscam. Este primeiro contato é uma espécie de autorização para o encontro.

Claro que o manual não é infalível, e muitas vezes, mesmo seguido rigorosamente, não funciona. Patrícia já foi mordida, já levou coices, arranhões, já teve que fugir correndo. A partir deste funcionamento defeituoso nascem brechas para surpresas: Chacrona e Patrícia criaram algo diferente, descobriram juntas um modo de se comunicar: aos gritos. Gritos específicos que cada uma dá somente para chamar a outra. Quando Patrícia grita o nome de Chacrona com um certo timbre, a búfala vem em sua direção não importando onde estiver ou o que estiver fazendo. Da mesma forma quando Patrícia sente o seu grito, modulado especialmente para evocá-la, vai sabendo que é urgente ir, que a búfala deve absolutamente lhe dizer algo. Por exemplo: a necessidade de um banho de lama. As urgências no santuário são outras, às vezes torna-se imprescindível uma búfala deitar-se numa poça d'água.

Close para Alex:

Vinciane Despret<sup>200</sup> contando a história de Alex, um papagaio-do-gabão, e Irene sua companheira humana, nos mostra como os dois se interessam um pelo outro: Alex pelas perguntas de Irene, e esta pelas atuações de Alex. Esta interação entre os dois resultou numa longa e surpreendente conversa numa língua que não pertencia a nenhum dos envolvidos. Para isso é necessário um profundo interesse pelos mal-entendidos e requer, em seu início, propor significações a coisas que não necessariamente as têm. Uma estratégia que gera acordos e que redistribui o controle da linguagem.

Se Alex produzia por inadvertência um som significativo novo, Irene agia como se esse som fosse intencional e respondia ao novo ato de linguagem como se Alex tivesse querido perguntar ou comentar intencionalmente. Um som produzido acidentalmente pode então tornar-se, pela eficácia do mal-entendido, a eficácia do “como se”, uma palavra que significará para o papagaio porque ela significou para seu pesquisador.<sup>201</sup>

---

<sup>200</sup> DESPRET, 2008.

<sup>201</sup> DESPRET, 2011, p. 248.

Houve entre eles um *tornar-se com* que os transformou, tudo isso sem considerar o quanto a conversa se enquadrava em determinados critérios linguísticos específicos de cada espécie. Haraway volta-se para Despret e comenta o encontro de Irene e Alex: “Essas espécies companheiras tornaram-se, entre si, capazes de saberes localizados – de capacidades situadas, sejam ou não de suas naturezas antes de elas aprenderem a se reconhecer”<sup>202</sup>. Ou seja, a interação entre papagaio e humano não foi determinada pela bagagem natural-cultural que cada um trouxe, mas foi fruto de um encontro real e atento entre eles, um encontro mundano que os moldou.

#### 4.6. Gestação

Ayahuasca e Chacrona estavam sempre juntas e distantes dos outros animais e humanos. Durante os banhos de lama cotidianos era mais fácil aproximar-se delas. Foi durante um banho que fiz as primeiras imagens para o episódio da série *Amor de Bicho*, guardando a distância estipulada por Patrícia e tentando me manter discreta. O ponto fraco desses animais é a pele sensível. Escura e com poucos pelos, é muito reativa ao sol. Além disso, possuindo poucas glândulas sudoríparas, os bubalinos têm dificuldades em manter a regulação térmica corpórea. Precisam de um lago ou de um açude onde possam ficar durante as horas mais quentes do dia, precisam de banhos. Elas, na água, pareciam amolecer um pouco as suas antipatias por humanos e outras espécies.

No último dia de filmagem, como é muito comum acontecer: o inesperado. No teatro diríamos que os deuses do espetáculo sempre ajudam. Assim que liguei a câmera, Chacrona permitiu a primeira aproximação de Patrícia com as mãos. Patrícia sentou-se e Chacrona se deitou ao seu lado. O animal, surpreendentemente, foi logo colocando sua barriga à disposição, como vemos os cães fazerem. Patrícia apoiou a mão sobre a barriga volumosa da outra e antes de tentar um carinho sentiu algo se mover lá dentro. Um toque “utilitário”, o único durante toda a gravidez. Patrícia já havia notado como, com o passar do tempo, a fêmea parecia um pouco

---

<sup>202</sup> HARAWAY, D. Companhias multiespécies nas naturezaculturas. *Em*: MACIEL, M. E. (org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b. p. 389–418.

mais pesada no andar. Assim como aconteceu com Esperança, a gata adotada por mim. Aos sete meses começou a ficar cada dia mais pesada, não mais gorda, nem maior, apenas mais pesada.

Eu e Patrícia, numa manhã. Ela sentada no chão com a búfala, eu com Esperança deitada sobre a minha barriga, um ano antes. Sentimos seus filhotes se moverem dentro delas. Não havia dúvidas: Chacrona estava grávida, Esperança estava grávida. “Naquele momento eu prometi a ela que ninguém tiraria o seu bebê, nem o seu leite, e que eu me colocaria como a sua guardiã”, disse Patrícia. Naquele momento eu prometi para mim que confiaria mais nas minhas mãos. Ou: na minha barriga.

INT. APARTAMENTO – DIA

O veterinário foi à minha casa investigar uma possível gravidez, mas na palpação não conseguiu fechar um diagnóstico, seria preciso um exame de imagem. Eu sabia que Esperança estava grávida e que ao deitar-se na minha barriga quisera me contar. Ela não costumava deitar-se assim antes de engravidar. Os bebês chutam as nossas barrigas. Eu senti a filha dela como senti os meus filhos. Um momento de co-habitação. Assim como senti na hora do parto, já pronta para sair de casa, que deveria ficar. “Mãe, a Esperança está fazendo xixi na minha cama!” Era a bolsa que estourava. Em uma hora e trinta minutos, o nascimento, e não há nada mais lindo do que presenciar um ser nascendo. Eu que sonhara com um parto em casa. Eu que sonhara com um parto humanizado. Repito: parto humanizado. Um parto em que a mulher participa ativamente do ato de parir, como a Esperança. Parto animalizado. Assim também chegamos até aqui, para parir como máquinas entre azulejos higienizados e ascéticos. Eu queria parir sem anestésicos, de cócoras. Me preparara para tal. Mas desde quando existe preparo para parir como animais? A minha preparação para o parto humanizado de nada adiantou, meu filho estava sentado dentro do útero e este tipo de parto, dito pélvico, não é permitido pelos médicos: o parto *não pode ser normal*. Nos felinos a primeira parte que vemos do filhote também é a cabeça e isso significa que ele está na posição correta para nascer.

Já nas bovinas o parto normal inicia com a apresentação das patas dianteiras do bezerro logo seguidas pela cabeça, ombros, costas e membros posteriores. Estes animais de grande porte não têm a flexibilidade para assumir a posição fetal dos

bebês humanos. Nos meus exames de imagem do feto dava para ver direitinho Yuri sentado de pernas cruzadas. O médico brincou: parece o pai. E eu acrescentei: sim, com o controle remoto na mão. Como eu teria feito se fosse uma fêmea de outras épocas sem ultrassom e sem bisturis? Teria tido um parto pélvico? As cesarianas humanas também dão lucro para a indústria.

Sempre sonhei que renasceria no parto. Mas não renasci como havia imaginado, com um corpo que ao rasgar-se faria nascer um corpo novo. Yuri nasceu de cesárea e não compactuei com os nascimentos selvagens, com os gritos, os uivos, a dor que se contorce e se abre em vida. Minha barriga foi cortada em sete camadas. Eu não gritei. Mas chorando abracei meu filho no peito. Há quem diga que bebê que não sofre ao atravessar o canal uterino cresce mimado, pois foi tirado, não lutou para nascer. Mas não há quem nasça sem uma mãe nascer. Eu nasci assim também. Há quem diga que filha que nasce de cesárea tem grande chance de fazer cesárea também. O meu caso. Como nossos corpos estão marcados pelos corpos de nossas mães, avós, gatas, cadelas e búfalas. A vida que me atravessa é uma vida carregada de todas elas.

Pergunto-me em que gestação está Chacrona, quantos filhos já teve, com que idade ficou grávida pela primeira vez. Sei que a precocidade da primeira gestação é decisiva na vida destas fêmeas. Ou melhor, na de seus proprietários. Quanto mais jovem uma búfala tem seu primeiro bebê, mais lucrativa se torna. A menor idade ao primeiro parto diminui o intervalo entre as gestações sucessivas, aumenta o número de gestações e principalmente melhora o ganho genético. Os animais que nascem vêm ao mundo geneticamente mais aptos para a produção e para o lucro, de modo que geração após geração as novas búfalas são melhores que suas mães e avós que vão sendo descartadas.

Por um descuido meu, Esperança engravidou no seu primeiro cio. Tinha apenas 7 meses, e aos 9 deu à luz: Laila, um único filhote, coisa rara entre os felinos. Gatas costumam procurar um lugar seguro e isolado do movimento da casa para fazer o ninho. Mas Laila nasceu no meu pé literalmente, em um salto certo de sua mãe. Após o período de amamentação levei Esperança para fazer uma Ovário Salpingo Histerectomia, conhecida como esterilização, a cirurgia para inviabilizar novos cios e reproduções.

Já Chacrona não sabemos há quanto tempo está grávida. Não é possível obter essas informações, pois seu proprietário não perderá tempo buscando-as agora que a búfala já foi convertida em moeda. E ninguém no santuário se interessa por essa data, o momento chegará quando chegar, também como um salto certo. A duração média da gestação dessas fêmeas é de 300 dias. Chacrona já chegou grávida ao santuário, e isso não representa um grande evento. As búfalas leiteiras (e não existem outras no país) nascem para fazer nascer. O intervalo entre os partos é o fator decisivo da produção, e geralmente uma búfala “produz” dois bezerros a cada 3 anos. O objetivo dos produtores é que o intervalo entre os partos seja de 12 meses, considerado viável fisiologicamente e economicamente lucrativo. Como atletas, seus corpos são levados ao seu limite extremo para obter – corrijo-me: para dar – o melhor resultado possível.

Depois de 70 dias do primeiro sinal de que havia um bebê na barriga de Chacrona, chegou o grande dia. Foram longas quatro horas em trabalho de parto. Chacrona, inicialmente envolvida no processo, começou a se cansar conforme as horas passavam. Deitava-se, levantava-se, caminhava um pouco. Até se deitar extenuada e não se levantar de novo. Parecia não querer mais expulsar o bebê, talvez não tivesse mais forças. Deitada de lado não aguentava mais. “Vamos precisar intervir!” dizia Vitor. Uma cesárea? Lembro de ter aprendido na faculdade de veterinária sobre cesáreas em casos de gigantismo fetal, monstrosidades, feto enfisematoso e impossibilidade de correção de distocia ou fetotomia. Crias geradas por cruzamento de raças de dupla musculatura, animais que foram submetidos a manobras obstétricas sem resultado ou mesmo em animais gerados por transferência de embriões. Alguém normalmente é sacrificado no parto difícil, mãe ou bebê. Diferentemente da indústria da cesárea humana, em bovinos evita-se ao máximo fazer a cirurgia. A cesárea além de muito dispendiosa atrapalha a continuidade das gestações em cadeia, diminuindo a produtividade.

No que se refere às mulheres, o Brasil é um dos líderes de cortes de barrigas grávidas no mundo. Líder do talho: é também o terceiro maior produtor de gado de corte. A indústria do corte: cesáreas e abates. As fêmeas brasileiras realmente têm pouca autonomia sobre seus direitos reprodutivos, são coadjuvantes do próprio parto.

#### 4.7. Emaranhado

Mulher e búfala se encontram emaranhadas em histórias da indústria do leite com exames de colesterol, fábricas de muçarela, criadouros clandestinos, ativismo, direitos dos animais, veganismo e outras. Fêmeas emaranhadas em outras tantas existências. Todas nós habitamos corpos e lugares específicos, e, ao contar nossas histórias, somos convidadas a cultivar, nos termos já citados de Haraway, uma “habilidade para responder” ao emaranhado e às urgências do mundo como revela Fernando Silva e Silva.

Quantas pessoas, animais, plantas, fungos, bactérias e outros seres (para falar naqueles apenas deste mundo) estão envolvidos na produção das condições mais básicas da minha existência no cotidiano: minha alimentação, digestão, o que eu visto, a qualidade do ar que eu respiro, as condições climáticas do meu entorno. Rapidamente, se nota que o eu é material e semioticamente imbricado com tantas outras existências, que suas fronteiras não são claras; a individualidade é uma ilusão cuidadosamente cultivada.<sup>203</sup>

Donna Haraway usa a sua história pessoal como fio condutor para uma reflexão sobre a vida entrelaçada, mas nada óbvia, de pessoas e animais. Com essas histórias vemos como somos responsáveis por nossas relações com nossos parentes não humanos e pelas condições em que eles vivem. As outras espécies também vivem suas próprias histórias nestas relações, mesmo quando elas não são contadas ou ouvidas. Essas histórias importam, são detalhes imprescindíveis. Contá-las e ouvi-las é poder jogar com as possibilidades parciais, nunca totais, é recusar o desejo de uma verdade única. Buscar essas “pequenas” histórias é pensar a espécie companheira como um ser completo, um produtor de mundos: “[c]hame isso de utopia; chame isso de habitar lugares desprezados; chame isso de toque, contato; chame isso de um vírus de esperança – de mutação rápida, ou um compromisso não tão rápido de se manter com o problema.”<sup>204</sup>

---

<sup>203</sup> SILVA E SILVA, F. Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre. *Em: O Manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

<sup>204</sup> HARAWAY, D. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. 1ª edição. Bilbao, 2019. p. 177.

#### 4.8. E longe dali: Cayenne

A trama de fios emaranhados e a dificuldade de lidar com ela é o que tece a história de Cayenne. Em “Inundada de urina”<sup>205</sup>, Donna Haraway narra uma história pessoal e também muitas histórias coletivas não contadas. A partir de uma crise com sua cadela idosa, que começou a tomar estrogênios para tratar uma incontinência urinária, Haraway recupera uma outra crise, quando, tempos antes, ela mesma, feminista ativa, tomara hormônios durante a menopausa. A reflexão da autora sobre o uso desses hormônios lhe permite livrar-se de uma cegueira que por anos a acometera, e a começar a investigar o complexo e “emaranhado mundo multiescala, multimaterial e multitemporal” por trás da produção e prescrição de hormônios usados por mamíferas em idade avançada.<sup>206</sup> Donna Haraway reconhece que, mesmo como feminista e admiradora de animais, passara anos “sem saber” como viviam e morriam as éguas e seus potros de “uso único”, envolvidos na produção de estrogênios naturais. “Eu esqueci, nunca soube, não observei ... ou simplesmente não me importei?”<sup>207</sup> – ela se pergunta, depois que sua pesquisa a fez levantar dados sobre as precárias condições de vida das éguas sempre grávidas, com cuja urina as multinacionais produzem os hormônios, sobre seus inúmeros potros sempre órfãos ao nascer, sobre as condições de vida também incertas dos criadores de éguas, e até mesmo sobre a precariedade dos estudos científicos que verificam a eficácia desses hormônios (e seus efeitos colaterais!) – o que inclui na lista dos afetados as próprias mulheres e outras fêmeas animais que fizeram uso destas substâncias. “As vidas de multinacionais, fazendas, clínicas, laboratórios, lares, ciência, tecnologia e multiespécies estão emaranhadas” e são engolidas por sua cadela a cada cápsula de estrogênio que ela toma.<sup>208</sup>

Nada é inocente na trama de nenhuma história, e “Inundada de urina” coloca Haraway e Cayenne em responsabilidade por inúmeras éguas, mulheres e cientistas no processo de produção e no ato de ingestão dos estrogênios Premarin e DES, “como criaturas mortais entrelaçadas em uma miríade de configurações inacabadas

---

<sup>205</sup> Ibid., p. 161.

<sup>206</sup> HARAWAY, D. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. 1ª edição. Bilbao, 2019. p. 179.

<sup>207</sup> Ibid., p. 171.

<sup>208</sup> Ibid., p. 179.

de lugares, tempos, assuntos, significados.”<sup>209</sup> Não se trata mais de uma incontinência com poucas gotas de urina que podemos negar para nós mesmas, não se trata mais de um escape que ainda conseguimos disfarçar, estar inundada desta urina requer uma troca urgente, uma imediata mudança. “Dar DES à minha cadela me torna responsável por histórias e possibilidades contínuas de uma maneira diferente do que eu teria feito se nunca tivéssemos moldado parentesco.”<sup>210</sup>

Diante da complexidade do problema não existe uma solução, ficamos com a incômoda sensação de que o problema permanece. Mas ficar no problema e enxergar a sua complexidade já é uma forma de ser responsável. Não é possível voltar atrás, não existe *des-saber*. Ter sabido torna-se parte de um novo caminho pleno de negociações.

A “responsabilização” requer negociações entre as diferenças, não só entre as espécies, mas também das tramas e das fissuras. A negociação como experiência, já que a atenção a cada particular relação é o que conta, e as relações são únicas. Cuidado, atenção e criatividade. Permitir-se sentir o quanto é importante carregar o peso da mais íntima imputabilidade, para repensar e recriar as próprias responsabilidades pela vida. *Vir a saber* é o que importa, mesmo que com este saber se teçam inconclusões. Saber pode parecer um acontecimento mudo e estático, mas saber é já participar do jogo, é já colocar algo em movimento: “[t]omar Premarin me torna responsável pelo bem-estar dos criadores, das ecologias, das pastagens Nórdicas, dos cavalos, dos ativistas, dos cientistas e das mulheres com câncer de mama”.<sup>211</sup>

Responsabilizar-se não é isentar-se atrás de justificativas. A necessidade e as justificativas, por mais fortes que sejam, não diminuem as obrigações do cuidado e do “compartilhamento da dor.”<sup>212</sup> Tomar medicamentos de origem animal, aceitar animais em laboratórios, comer animais, são atitudes comumente justificadas com argumentos do tipo a cadela fazia xixi na cama, humanos têm canino para comer carne, é mais importante um remédio para curar o câncer que um rato de laboratório – “[d]e que outra forma a necessidade e a justiça (justificativa) poderiam ser

---

<sup>209</sup> Ibid., p. 20.

<sup>210</sup> Ibid., p. 179.

<sup>211</sup> Ibid.

<sup>212</sup> HARAWAY, D. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, p. 27–64, 2011a. p. 29.

avaliadas em um mundo mortal no qual a aquisição de conhecimento nunca é inocente?”<sup>213</sup> A responsabilidade pelo outro acompanha a responsabilidade por nossas necessidades e suas justificativas (físicas, afetivas, logísticas, ideológicas), que porém reivindicam a nossa presença plena e atenta. Justificamos e agimos como queremos, mas continuamos *com* o outro, sem sermos dispensados da responsabilidade: “[e]star atento a isso é reconhecer a co-presença em relações de uso e portanto lembrar que nenhuma planilha de custo e benefício será suficiente.”<sup>214</sup> Haraway fala sobre como nossas razões para nos justificarmos são sempre insuficientes perante a vida do outro, mas tal insuficiência é uma graça que nos mantém em constante reconsideração dos nossos sentires, das nossas histórias e das histórias dos outros seres:

Posso (ou não) ter boas razões para matar, ou para fazer OncoRatos (camundongos-modelos), mas não tenho a majestade da Razão e o consolo do Sacrifício. Eu não tenho *razão suficiente*, apenas o risco de fazer alguma maldade porque isso pode ser também uma coisa boa no contexto das *razões mundanas*. Além disso, essas razões mundanas são inextricavelmente afetivas e cognitivas quando têm algum valor. A razão sentida não é razão suficiente, mas é o que nós, mortais, temos. A graça da razão sentida é que ela está sempre aberta a uma cuidadosa reconsideração.<sup>215</sup>

Ao redor da história de Patrícia e Chacrona estão os fios entrelaçados e a responsabilidade de lidar com eles. Mas quando as histórias estão emaranhadas e a complexidade delas não é reconhecida, os olhos não as veem sequer. A ignorância é como uma conjuntivite, o emaranhado torna-se embasado. É preciso desfilar o emaranhado para poder usar cada fio como um guia que leva a mais um passo no jogo de responsabilizações. Jogo sem vencedores, aberto a uma cuidadosa e contínua reconsideração entre os jogadores multiespécies, jogo focado nos detalhes. E os detalhes importam.

A experiência pessoal de Donna Haraway e sua cachorra importa. Sua culpa e sua crise moral importam. As vidas miseráveis das éguas confinadas por causa de sua urina importam, assim como os conflitos de seus criadores. Importam as pacientes que durante décadas foram vítimas da indústria farmacêutica. Os ativistas das causas animais que sabiam e lutaram importam, e quem não lutou, mas veio a

---

<sup>213</sup> Ibid.

<sup>214</sup> Ibid., p. 37.

<sup>215</sup> Ibid.

saber também importa. Os detalhes importam. Os detalhes ligam seres reais com responsabilidades reais. Somente com a responsabilidade todos os jogadores – das multinacionais aos pacientes, das humanas às cadelas idosas – passam a existir. Cada vir a saber é uma jogada, seguindo um ou mais fios.

Por isso Donna Haraway contou essa história, que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva. Por isso conto a história de Patrícia e Chacrona, porque é preciso contá-la e fazer sabê-la. Com cada fio da história, a cada tomada de consciência, se cria um novo desenho no jogo, que é interminável. E qual o objetivo de contar uma história (ou muitas) que não leva a alguma conclusão? Talvez isso tenha algo a ver com acreditar em mágica, um imperativo hoje tão vulnerável à banalidade vaga: talvez com Guimarães Rosa, pudéssemos acreditar numa “‘álgebra mágica’, porque é mais indeterminada e, portanto, mais exata.”<sup>216</sup> A preciosidade da inconclusão é aqui o entendimento de como o mundo é complexo em suas relações, como as traduções são exitosamente falhas, e de como todos, em suas ações mais simples (como dar um remédio ao seu animal), estão envolvidos e emaranhados neste nó indissolúvel de conexões, a maioria ignoradas. Ignorância porque não se imagina sequer a possibilidade de que existam, ou porque não se queira imaginar, ou porque se imagina mas é difícil demais seguir com o problema, queremos soluções – melhor se rápidas e indolores.

Podemos aceitar que o emaranhado se torne e permaneça como um nó insolúvel, podemos aceitar mais ou menos comodamente esta palavra *insolubilidade* para ele. Ou podemos tentar desfiá-lo, encontrando seus padrões congelados. O modo como jogamos define as histórias que escolhemos viver e contar, e elas geram novas imagens, novos laços. Histórias emaranhadas que criam mundos, mundos que criam novas histórias.

#### 4.9. Nascimento

Estão todas as verdades  
à espera em todas as coisas:  
não apressam o próprio nascimento  
nem a ele se opõem,  
não carecem do fórceps do obstetra,

---

<sup>216</sup> ROSA, J. G. Diálogo com Guimarães Rosa. Entrevista cedida a Günter Lorenz, Gênova, Itália, em janeiro de 1965. Publicado na obra **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1973.

e para mim a menos significante  
 é grande como todas.  
 Que pode haver de maior ou menor que  
 um toque?<sup>217</sup>

Nasceu. Uma menina. Foi depois do longo parto de Chacrona – que rompeu com uma cadeia de várias gerações de nascimentos industriais. Foi só depois que a promessa de Patrícia se afirmou e a búfala teve seu filhote consigo e o amamentou, que começou a acontecer a aproximação de fato. Com a própria Ayahuasca a aproximação nunca se deu, a velha búfala não era flor que se cheirasse... de perto. Nada de se aproximar, no máximo olhares. Já com Chacrona o parto foi um divisor de águas e, desde o nascimento de sua filha, a búfala aceitou a aproximação humana, ela e a mulher testando as fronteiras uma da outra, mas sem se tocar.

Sabemos que as búfalas são amigas de pássaros, não de humanos. Já vimos aves descansando nas costas de búfalas, mas não uma mulher. O relacionamento estranho que estes enormes e poderosos animais têm com as frágeis aves é especial, pois ajudam-se mutuamente a sobreviver. Os pássaros limpam a pele das búfalas dos parasitas e assim se alimentam. Chacrona pode ser parecida com uma pacata vaca, mas não é uma vaca. Suas primas que vivem nas savanas do outro lado do Atlântico são tão temíveis que estão em segundo lugar na lista dos mamíferos que mais matam humanos na África, perdendo apenas para hipopótamos. No Brasil sabemos que as búfalas vêm de uma história de domesticação, mas mesmo assim a imponente aparência de Chacrona evoca uma cautela primitiva em todos nós.

EXT. PASTO – DIA

Um dia Chacrona gritou de forma mais resoluto e Patrícia veio correndo. Aquele chamado enérgico era um convite para um primeiro banho juntas na poça. Patrícia aceitou. Na água, mulher e búfala começaram a se estranhar como em um estudo de forças, examinando as distâncias entre seus corpos como se estivessem em uma arena de combate, negociando espaços e movimentos. Flertavam como em um duelo, mas nenhuma estava disposta a arriscar o primeiro passo. Coreografia de

---

<sup>217</sup> WHITMAN, W. Fragmentos III (folhas da relva): canto a mim mesmo. *Em: Close your eyes to the octopus ride.* 23 jan. 2016. Disponível em: <https://gentlyblown.wordpress.com/2016/01/23/walt-whitman-fragmentos-iii-folhas-da-relva-canto-a-mim-mesmo/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

sondagem. Reconhecer o risco daquele encontro é parte do jogo de dar e receber atenção, é estar juntas numa zona de contato.

A brisa mexendo nos cabelos da testa como nos de pessoa recém-morta, de testa ainda suada. (...) O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada.<sup>218</sup>

Caminhavam em círculos encarando-se e a cada volta o diâmetro dos giros estreitava-se. Sequência de longos *closes* nos olhos de uma e de outra, cada pequeno tremor em seus olhares não dizia tudo o que estava acontecendo com seus corpos. Essa troca era como uma zona de massa densa no universo, que puxa tudo para dentro e as fazia girar, cada vez mais lentamente, numa espécie de Tai Chi. Até que uma revoada de Juremas desconcertou Chacrona, que tirou os olhos de Patrícia. Enquanto mulher e búfala estavam dentro do embate parecia estar tudo seguro, uma cena em suspensão. Mas com a distração de Chacrona por um instante a zona de contato expirou. Percebi a possibilidade da búfala colocar Patrícia para voar pelos ares como fizera com Guardião. A mulher mediu o espaço atrás de si, com visão lateral. “Seu coração não bateu no peito, o coração batia oco entre o estômago e os intestinos. O búfalo deu outra volta lenta. A poeira. A mulher apertou os dentes, o rosto todo doeu um pouco.”<sup>219</sup> Chacrona baixou a guarda, ia ser trabalhoso demais uma chifrada agora, e para quê? A búfala 44 estava cansada de personagens heróicos, de killer stories.

Pouco a pouco a poeira entre as duas se assentou. Chacrona saiu da poça. As duas se esvaziavam, olhavam para os lados, viam a paisagem, ouviam os outros bichos que estiveram o tempo todo por ali. Aquele intervalo dilatado que não vemos no cinema. O momento em que nada acontece, entre as cenas, a vida propriamente dita. Se elas levassem toda aquela tensão adiante, o que encontrariam para além do combate? Patrícia também saiu da poça e as duas ficaram equidistantes na terra lamacenta. Um bem-te-vi pousou ao centro da arena invisível que as duas haviam desenhado e cantou mais baixo do que de costume. Ele parecia saber que estava fora de cena, num intervalo entre as filmagens. Todos sabiam estar entre um *corta*

---

<sup>218</sup> LISPECTOR, C. **O búfalo**. In **Laços de Família**. 1ª edição: Rocco, 1988.

<sup>219</sup> Ibid.

e um *ação*, numa pausa nos papéis, nos giros, nas dominações. Então Chacrona moveu a cabeça para baixo e riscou o chão com os chifres. O que significava aquele movimento tão preciso? Haveria em algum lugar uma pesquisa sobre esse comportamento. Patrícia encarou Chacrona e caminhou na direção do animal, e as duas começaram a se mover, com mais molejo dessa vez. Apareceu um gingado nos deslocamentos, elas pareciam estar buscando o mesmo ritmo. “Corre, liga a câmera!” Não dessa vez, ninguém podia sair daquele entre cenas, era nele que tudo acontecia. O nascimento de uma dança.

Aquela dança me remete à ideia de “string figures”, o jogo de barbantes de Haraway. Corpos que sem se tocar criam figuras, configurações que mudam a cada instante. Figuras incertas sobre o chão de terra caoticamente desenhado pela coreografia das duas. Quando corpos são usados como um instrumento para *saber* o outro, nada é neutro. Não há condições imparciais nesse encontro que eu ousou enxergar como um convite à intimidade entre estranhos.

Close para:

De volta à poça os corpos das duas fêmeas se tocam pela primeira vez. Por um instante uma mão vira flanco, um rosto se perde na curva de um pescoço, uma orelha some sob outra. Búfala e mulher se camuflam para se derramarem no mundo. Dançando se realiza o milagre: tornam-se uma paisagem movediça naquela poça. Brincavam de se misturar, de fazer partes



próprias virarem partes do outro. Adaptar-se ao outro é um ato de criatividade. Brincar é fabular livremente. Elas pareciam fluidas como a poça, seus corpos escorregadios deslizando. Nesta dança uma tornava-se algo corpóreo com a outra. Como Haraway e Cayene em seus atos comunicacionais “criando uma à outra na carne”.<sup>220</sup>

Quem sabe aonde meus receptores químicos levaram suas mensagens ou o que ela tirou do meu sistema celular para diferenciar eu e outro e ligar o fora ao dentro? Tivemos conversas proibidas; tivemos trocas orais; somos obrigadas a contar histórias e mais histórias compostas apenas de fatos. Estamos treinando uma à outra em atos comunicacionais que mal entendemos. Somos, constitutivamente espécies companheiras.<sup>221</sup>

Elas criavam na carne, no grito, no toque e na dança. Chacrona sabia quando Patrícia chegava com tempo para dançar e a acolhia somente quando não havia futuro além desse tempo da performance. Se Patrícia chegasse pensando no que faria depois, nos afazeres do santuário ou nos próprios, o ato não acontecia.



<sup>220</sup> HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 8.

<sup>221</sup> Ibid.

Uma vez, querendo filmar o nascimento daquela dança para o novo documentário, pedi para Patrícia levar Chacrona para a poça. Mas a minha presença no cenário não foi aceita. Chacrona definitivamente não consente espectadores e me colocou para correr. Patrícia aventa que a búfala talvez tenha medo de tripé, mas eu acho que o que ela não quer mesmo é virar imagem fixa. Voltei para casa com a perna toda roxa de pular a cerca e frustrada de não ter registrado aquele momento.

#### 4.10. E longe dali o cavalo Hans

Vinciane Despret<sup>222</sup> conta sobre a surpresa que o cavalo Hans representou em 1904, quando se demonstrou capaz de resolver contas matemáticas corretamente batendo com uma das patas no chão. O caso despertou tanto interesse que especialistas de diversas áreas foram chamados para indagar. Todos declararam que nenhum truque estava sendo usado, ainda mais porque Hans respondia corretamente mesmo a outros interrogadores e na ausência de seu dono e treinador. A conclusão mais interessante veio quando o psicólogo Oskar Pfungst entrou em cena. Ele sugeriu que o cavalo deveria estar lendo pistas que humanos não eram capazes de perceber. E mais, pistas que os próprios humanos davam a ele sem saberem que as davam! Decidido a decifrar o enigma, Oskar preparou uma série de hipóteses e as testou por horas e horas. O cavalo acertava mesmo quando não ouvia a pergunta. O cavalo também acertava mesmo quando não via o rosto do interrogador. Mas o cavalo errava quando não via seu *corpo*. O corpo era a chave do enigma; a proeza do jovem cavalo Hans não eram as contas, mas a capacidade de ler corpos humanos. Hans lia “os movimentos mínimos não intencionais (tão mínimos que não tinham sido percebidos até agora) que são realizados por cada um dos humanos para os quais tinha respondido com sucesso às perguntas.”<sup>223</sup>

Oskar notou que os corpos de cada um dos interrogadores que obtiveram respostas corretas faziam sutis e quase imperceptíveis movimentos que indicavam ao cavalo quando parar e quando continuar avançando em suas batidas com o casco no chão. E o mais incrível é que nenhum dos humanos “sabia que estava fazendo

---

<sup>222</sup> DESPRET, V. The Body We Care for: Figures of Anthro-zoo-genesis. **Body & Society**, v. 10, n. 2–3, p. 111–134, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1357034X04042938>

<sup>223</sup> *Ibid.*, p. 113.

isso, ninguém entre eles notou que seus corpos estavam falando com o cavalo.”<sup>224</sup> Hans sabia o que os humanos não sabiam: que “seus corpos estavam falando e se movendo contra sua vontade, fora do quadro de sua consciência.”<sup>225</sup> Corpos que falavam por conta própria. Corpos que se relacionavam com o outro espontaneamente.

Deve ter sido uma decepção geral descobrir que o cavalo não era um gênio da matemática. Mas a perspicácia de Oskar abriu uma brecha a um estupor muito maior do que um cavalo genial: um cavalo que “não só podia ler corpos, mas podia fazer com que corpos humanos fossem movidos e afetados, e movimentar e afetar outros seres e realizar coisas sem o conhecimento de seus donos.”<sup>226</sup> Com a ajuda de Hans, Oskar demonstrou que o corpo fala o tempo todo; que o corpo fala com uma linguagem sutil; que esta linguagem independe das espécies envolvidas; e que os humanos não tem consciência de quando e como eles mesmos se comunicam através dela. Ou seja (e este foi o estupor, e ainda é!): Hans “encarnou a chance de explorar outras formas pelas quais os corpos humanos e não humanos se tornam mais sensíveis uns aos outros.”<sup>227</sup> Em seus encontros de poça e chão Patrícia e Chacrona estavam falando sutilmente e fazendo a mesma coisa mais de um século depois.

Patrícia já nasceu em um mundo onde as observações de Oskar estão muito mais consolidadas: que os elementos cruciais no sucesso da comunicação com os animais são a confiança e o interesse por parte dos humanos. Partindo do princípio que Hans também estava interessado e confiante, e que sim, talvez tivesse algum talento, o que mais o ajudou foi simplesmente ser um cavalo. Como Oskar explicou, cavalos são ótimos “leitores de músculos emprestados”<sup>228</sup> que, montados, leem a mente dos cavaleiros pela pressão que estes colocam sobre eles, seja em suas barrigas que em suas rédeas. Os bons cavaleiros estão concentrados no que esperam que os cavalos façam, e esta expectativa parece ser suficiente para fazer com que os cavalos as realizem. Os bons cavaleiros se comportam como cavalos, o que

---

<sup>224</sup> Ibid.

<sup>225</sup> Ibid.

<sup>226</sup> Ibid.

<sup>227</sup> Ibid., p. 114.

<sup>228</sup> Ibid.

explica a sintonia criada entre os dois. “Os corpos humanos foram transformados por e para o corpo de um cavalo. Quem influencia e quem é influenciado, nesta história, são perguntas que não podem mais receber uma resposta clara.”<sup>229</sup>

A partir do encontro entre Hans e Oskar, Despret nos chama a atenção para o fato de que humanos e animais “são causa e efeito dos movimentos um do outro. Ambos induzem e são induzidos, afetam e são afetados. Ambos encarnam a mente um do outro.”<sup>230</sup> Animais aprendem com humanos na mesma medida em que humanos aprendem com animais, mesmo que este aprendizado aconteça involuntariamente. E este aprendizado faz com que seus corpos *façam*. Corpos que juntos, de um certo modo fusos em um espaço de encontro, realizam coisas e atuam no mundo. Ao se negar ao banho na presença da minha câmera, Chacrona talvez tivesse percebido que o desejo de banho era meu e não de Patrícia. Naquele não fazer também se realizava uma comunicação sutil entre mulher e búfala. A sintonia que fez nascer esta história.

De um certo modo pode-se falar o mesmo do encontro entre Hans e Oskar, um encontro ainda vivo, do qual falo aqui 118 anos depois. O encontro expandiu fronteiras de mundos interiores palpáveis. Territórios que ainda hoje não estão totalmente conquistados. Havia entre Hans e os interrogadores um acordo velado onde um e outros se davam indícios de como se fazerem compreender. E seus corpos, todos eles, iam se adaptando ao jogo, iam se compreendendo mesmo que suas mentes não tivessem a mínima ideia do que estava acontecendo e nem sequer de que estavam jogando. Mas estavam jogando em total cumplicidade, como mulher e búfala.

#### 4.11. Também os ratos

EXT. LABORATÓRIO – DIA

Sessenta anos depois do encontro entre Hans e Oskar Pfunst, o psicólogo Rosenthal<sup>231</sup> realizou um experimento com ratos de laboratório. O experimento

---

<sup>229</sup> Ibid., p. 115.

<sup>230</sup> Ibid.

<sup>231</sup> Ibid., p. 119.

queria demonstrar o empenho melhor ou pior de ratos em labirintos, levando em conta a consanguinidade que determinava o sucesso de alguns e o fracasso de outros. Os roedores foram divididos em duas categorias, os “brilhantes” e os “monótonos”, categorias que eram por sua vez divididas entre os estudantes. O resultado foi que os estudantes confirmaram as diferenças: os ratos brilhantes eram bem-sucedidos e os monótonos não. Ou seja, cada animal teve o desempenho que se esperava dele. O que os estudantes não sabiam é que a divisão dos ratos nas duas categorias era um blefe de Rosenthal, e não houvera seleção alguma para distingui-los como brilhantes ou monótonos, eles eram todos iguais. Despret nos conta que mais tarde Rosenthal explicara que havia procurado encontrar no experimento as pequenas coisas que produzem diferenças. Coisas minúsculas, que afetavam os sujeitos a reagir de modo diferente do esperado.

Rosenthal não conseguiu explicar de que modo os envolvidos, ratos e humanos, se afetaram, mas falou de “fatores emocionais”. Para ele os ratos brilhantes tinham sido tratados com mais ternura e atenção, talvez encorajados. No questionário que os estudantes preencheram após o experimento, no qual analisavam suas relações com os ratos, aqueles que lidaram com os animais brilhantes os definiram mais agradáveis do que os experimentadores dos ratos monótonos.

Um grande jogo de expectativas, onde os ratos cumprem as dos estudantes e estes as de seu professor. Jogo sofisticado, que requer blefes refinados; reconhecer a expectativa do outro involuntariamente, introjetá-la e atuá-la clandestinamente a si mesmo, e sem saber que se está atuando sugeri-la ao outro. Acordos velados, mas determinantes para a partida, cujas regras Oskar Pfungst estava apenas iniciando a entender no início do século.

Os ratos não eram *realmente* monótonos ou brilhantes, mas Rosenthal disse que se tornavam um ou outro na “pseudo-realidade” do experimento, “campo irreal dos subprodutos das crenças.”<sup>232</sup> Entrava-se no campo das influências, da confiança e do interesse, como já dissera Oskar. “Subjetividade, construção, expectativas, ilusões”, acrescenta Despret. “Nem os ratos nem os estudantes estão na realidade

---

<sup>232</sup> Ibid., p. 123.

do mundo, como ambos estão na realidade do sujeito (ratos sendo produzidos pelas expectativas dos estudantes, estudantes sendo produzidos pelas expectativas de Rosenthal).”<sup>233</sup> Jogos (entre ratos, cavalos, búfalos e humanos) nos quais os sujeitos concordam secretamente o resultado ao qual querem chegar. Concordam com seus corpos, numa linguagem que mais do que conhecerem (pois não conhecem), *sabem*.

Todas estas reflexões levam a uma questão muito interessante para nós humanos pretensiosamente (ilusoriamente) onipotentes e oniscientes: a de que também somos constantemente influenciados pelas outras espécies, condicionados por aquelas que adestramos, manejados até por aquelas que pensamos submeter. Manobrados: dobrados pela mão do outro, moldados por outros corpos que por sua vez se moldam aos nossos. Dar este papel ativo ao outro, ao animal, foi o estupor no experimento de Rosenthal. Foi ele próprio quem em determinado momento fez uma pergunta que ressoa até hoje: será que foram os ratos a influenciar os estudantes?

Como diz Despret, o jogo é uma questão de confiança. A confiança e a atenção entre o cavalo e seus interlocutores, entre os estudantes e seus ratos, e entre Patrícia e Chacrona é que cria a outra realidade. Sondar no outro a vontade de dar o passo, aprender com o outro como fazê-lo, ir sem saber exatamente como se está indo, mas sentir que sim, que se está em busca. Lugar de sintonia entre crenças e sujeitos. Este é um lugar de *domesticação*, segundo Despret. Um encontro íntimo, um sentir-se em casa. Visitar a *domus* do outro e retribuir a visita abrindo as portas da própria *domus* para o outro entrar: domesticar. “Uma chance de revelar novas formas de ‘estar junto’.”<sup>234</sup> O lugar onde os sujeitos não apenas descobrem outros, mas principalmente se descobrem outros.

“Esta confiança que une estudantes e ratos, esta confiança que produz oportunidades e domesticação, pode agora nos permitir redefinir a crença.”<sup>235</sup> O encontro que permite chegar ao *saber* sentido pelo corpo, este conhecimento delicado e refinado que acontece quando nos disponibilizamos. De fato, Despret cita a disponibilidade dos sujeitos como condição fundamental para este novo “estar

---

<sup>233</sup> Ibid.

<sup>234</sup> Ibid., p. 129.

<sup>235</sup> Ibid.

junto”. Disponibilidade a estar curioso pelo outro e a confiar no outro. E não menos importante: a se responsabilizar por ser confiável o suficiente para que o outro se entregue. Confiança, disponibilidade e entrega: afetar e deixar-se afetar. Sintonia-centauro: fazer o que o outro quer que façamos e acolher o que o outro faz como queremos que seja feito. “Esta é, em minha opinião, a característica mais interessante das práticas que podem ser definidas como práticas de domesticação, as práticas que se deixam permear pelo ser humano: são práticas que criam e transformam através do milagre da sintonia.”<sup>236</sup>

#### 4.12. O milagre da sintonia

Agora eu finalmente entendia por que Chacrona não se deixara filmar antes. Eu precisava de um olhar sem filtros sobre aquela cena. Mulher e búfala confundindo-se em movimento, o corpo de uma languidamente enlaçado ao da outra. Mas nunca estáticos. Buscavam uma posição, mas não para encontrar uma posição em si. Buscavam o movimento. O corpo de Patrícia que facilmente parecia suportar qualquer peso, o da búfala tênue sobre a mulher. Improvisava-se com fluidez e aparente simplicidade. As duas pareciam esquecer quem eram e viam-se inéditas para aquele encontro.

“Elas estão criando”, sussurro encantada para Vitor. Moviam-se em uma improvisação aveludada, ambicionando um encaixe que não vinha e que justamente por não vir as mantinha naquela dança. Sim, Patrícia e Chacrona dançavam. Observando-as lembrei da época em que eu trabalhava com teatro e dos exercícios de “contato improvisação”. Neste tipo de diálogo, os corpos se investigam com um vocabulário sensorial, se apoiam um no outro, revezam seus pesos e indagam suas formas. Elas estão realizando um estudo de corpos que é fim e meio. Uma pesquisa com a inércia, o desequilíbrio e o inesperado, podendo ir de um ritmo intenso à uma quietude física. Elas brincam com a velocidade do tempo, com fluxos de energia, e com os princípios da física: peso, gravidade, queda, rolamento, ação e reação. Querem saber da outra e saber de si pela outra, mas não querem saber *logo*, porque antes querem dançar na busca. Nesta busca uma e outra vão se transformando.

---

<sup>236</sup> Ibid., p. 133.

“Ambos são articulados pelo que o outro "faz com que ele faça".”<sup>237</sup> “Experiências ambíguas, corpos ambíguos, experiências fazendo corpos e corpos fazendo experiências; sinais que vagueiam, hesitam em fixá-los.”<sup>238</sup>

Despret chama este tipo de negociação de “prática antrozo-gênica”<sup>239</sup>: prática na qual animais e humanos se constroem juntos. A búfala sugere a Patrícia as próprias possibilidades e vice-versa. Possibilidades de novos *seres*, de novos modos de estar junto. Como entre o cavalo Hans e seus interrogadores humanos uma linguagem sutil fala através de seus corpos. Funciona porque todos os envolvidos confiam uns nos outros durante aquela troca. “De fato, toda a questão é uma questão de fé, de confiança”<sup>240</sup>, diz Despret sobre o experimento de Rosenthal. Os estudantes confiaram na capacidade de seus ratos que por sua vez confiaram em seus estudantes. E tal confiança recíproca transparecia nos seus fazeres, nos gestos, nos timbres. Corpos que na confiança mútua agem em autonomia, em um “deixar fazer”, e se entregam, se mesclam e se consubstanciam.

A confiança tem papel fundamental também na dança que assisto, pois produz um estado de disponibilidade. “Uma crença é o que torna as entidades 'disponíveis' aos eventos.”<sup>241</sup> Crenças não no que *são*, mas no que *fazem* juntos. A disponibilização como uma troca “pela qual tanto o corpo quanto o que o afeta produzem um ao outro”.<sup>242</sup> Humana e búfala vão se experimentando no que Despret chama de “milagre da sintonia”. Sintonizar-se no outro. Vibração sutil entre o cavalo e seus questionadores, entre ratos e experimentadores, entre a búfala e Patrícia. Isto é aprender “a sentir a ‘presença’ das coisas que os cercam por meio de efeitos vibratórios”.<sup>243</sup>

Depois de algum tempo desta dança eu não via mais ossos, músculos, gordura, sangue, mas via centenas de camadas interligadas que *pensam* independentemente e podem coexistir por um período e sumir logo depois. Mesmo

---

<sup>237</sup> Ibid.

<sup>238</sup> Ibid., p. 136.

<sup>239</sup> Ibid., p. 129.

<sup>240</sup> Ibid., p. 127.

<sup>241</sup> Ibid., p. 129.

<sup>242</sup> Ibid., p. 136.

<sup>243</sup> Ibid., p. 114.

sem uma câmera eu via um reflexo, tipo *lens flare*, circundando mulher e búfala. Uma luz forte invadia a cena e atingia os nossos sensores, expandindo-se para fora, gerando uma perda de contraste na imagem e na presença delas. No corpo sutil apenas clarões, manchas, halos... “Devem acontecer muitíssimas coisas nos interstícios dessas existências”<sup>244</sup>

De repente, sem alarde, elas se dissiparam. Cada uma abandonou o palco do seu jeito, sem explicações, sem desfechos e aplausos. E nas coxias, se mulher e búfala pudessem simplesmente falar a mesma língua, não o fariam. Porque era a dança o sentido daquele encontro na terra, amor urgente de chão. “A gente compõe de corpo e corpo a úmida trama”.<sup>245</sup> Elas criaram corpos que são histórias, gramáticas, poesias, mitos, línguas, fabulações. São artistas pesquisadoras, falo baixinho sorrindo.

Hoje lembro de Patrícia e Chacrona dançando e tenho a sensação de que tudo se dera com uma música de fundo. Eu sei que não fora assim, e que tal música era impraticável ali, no pasto repleto de cacarejos. Mas eu ouço esta música impossível de narrar e me sinto também a compositora daquele ato performático. “O ar será nosso palco, e o vento, nosso regente. Escreveremos finalmente a poesia de um silêncio trêmulo e quase sussurrado.”<sup>246</sup>

Para “enxergar com a pele”  
 Para “provar a forma das coisas”  
 Para “distinguir a espécie da árvore  
 (...) apenas pelo ruído de sua sombra”<sup>247</sup>

#### 4.13. Pesquisadores artistas

Ao criticar a ciência contemporânea Despret, no livro *Autobiografia de um polvo*, enfatiza a importância de nós, pesquisadores, prosseguirmos com nossos trabalhos, mas conduzindo-os como artistas. Precisamos experimentar novos estudos e novas pesquisas, e precisamos afrontá-los não como pesquisadores convencionais, mas como artistas que encontram outros artistas.

<sup>244</sup> Ibid., p. 135.

<sup>245</sup> ANDRADE, C. D. **O amor natural**. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<sup>246</sup> DESPRET, 2022, p. 35.

<sup>247</sup> Ibid., p. 113,114.

Despret segue dizendo que é preciso ouvir a vibração do outro e reverberá-la. Tornarmo-nos “músicos e musicistas de acordos sinestésicos, inventoras e inventores de histórias verdadeiras cuja autoria não seria apenas nossa.”<sup>248</sup> A autora fala da comunicação e da poética de diferentes animais, num tempo futuro que ousou trazer para o agora do santuário. Ali somos todos “terolinguistas”, campo de estudo controverso imaginado quando “os linguistas perceberam que os humanos não eram os únicos a terem criado línguas dotadas de estruturas originais, que evoluem ao longo do tempo e que permitem a comunicação entre falantes de reinos diversos.”<sup>249</sup>

O termo “therolinguística” nasce a partir do grego *thèr* que significa animal selvagem. Uma linguística que busca uma tradução possível (ou impossível!) das produções escritas, sonoras, artísticas e expressivas em geral dos animais (e plantas), confiando no fato de que eles têm algo a comunicar entre si, entre todos, e conosco. O termo aparece pela primeira vez no texto “A autora das sementes de acácia e outras passagens da Revista da Associação de Therolinguística”<sup>250</sup> de Ursula K. LeGuin.

Penso com Despret que talvez em um passado remotíssimo as artes animais fossem atentamente estudadas e até mesmo traduzidas. Mas com a ciência iluminista e a biologia moderna muitos dos feitos zoológicos passaram a ser explicados de modo funcional. Por exemplo, considerar o mimetismo como “mera estratégia de camuflagem sem qualquer valor expressivo”.<sup>251</sup> Uma técnica de defesa visando apenas escapar, confundir e iludir o predador. Mas agora, com a therolinguística, queremos saber, para além da sobrevivência, que vivências há nas criações dos animais. Que vivências há nas criações de Patrícia e Chacrona? E se as formas e as cores de seus corpos fossem também instrumentos de escrita?

Entram em campo os terolinguistas, cujo objetivo é abrir brechas para novas possibilidades de entender o outro. Voltemos às figuras do *tema* e das *versões* da mesma autora, creditando à therolinguística uma tradução em *versões*. “A tradução

---

<sup>248</sup> Ibid., p. 35.

<sup>249</sup> Ibid., seq. glossário.

<sup>250</sup> LE GUIN, U. K. A autora das sementes de acácia. Laboratório de Escritas Etnográficas, p. 1–8, 2020.

<sup>251</sup> DESPRET, 2022, p. 83.

descortina mundos”<sup>252</sup>, inventa novos sentidos, intensifica os significados. Uma cosmologia que dê conta do que a biologia ainda não sabe fazer. A camuflagem como um meio de defesa, ataque ou acasalamento, mas por que não também um meio para criar e escrever um poema? Até mesmo os corpos, através do mimetismo, têm essa múltipla função. Esconder-se do outro para não ser pego ou para pegá-lo. “Confundir-se como o meio, ser visto como um outro para não ser visto como si mesmo”.<sup>253</sup> O importante aqui é que não se trata de pura imitação, mas de um toque a mais, uma “cosmética cósmica”<sup>254</sup> como diz Bertrand Prévost.

A capacidade de um animal perder a sua individualidade orgânica para transformá-lo em uma aparência autêntica, talvez seja para Bertrand onde os animais abram as possibilidades mais extraordinárias, tamanha é sua capacidade de se despersonalizar, de assumir as formas, cores e posturas mais improváveis, uma forma que não se assemelha a nada, que não tem mais nenhuma relação de coerência formal com o corpo original, chegando a romper qualquer forma reconhecível como animal, totalmente desvinculado de qualquer individualidade orgânica. Uma fusão com o mundo.

Os animais são como Atlas: carregam o mundo, não nos ombros mas na própria pele. (...) Os animais camuflados vestem-se com o seu ambiente, fazem roupas do mundo, não usando moldes ou materiais como flores, cascas, caules, raios de luz, folhas, rochas, algas, mas envolvendo-se em formas e elementos para torná-los expressivos: camuflagem cosmológica ou ontológica.<sup>255</sup>

Trabalho para os terolinguistas: ir além da mera adaptação evolutiva e chegar à capacidade de criação. Finalmente reconhecê-la em todas as criaturas, mesmo nas mais inesperadas. Sim, Chacrona e Patrícia são artistas pesquisadoras.

O mimetismo dos animais traz ainda outra questão: a comunicação em via dupla. O animal que ao se camuflar “se apropria de elementos de seu meio”<sup>256</sup>, mas que também se coloca como elemento da constituição deste meio. Gesto adaptativo,

---

<sup>252</sup> Ibid., p. 104.

<sup>253</sup> Ibid., p. 89.

<sup>254</sup> Ibid.

<sup>255</sup> PRÉVOST, B. Camouflage élargi. Sur l’individuation esthétique. **Aisthesis : Pratiche, Linguaggi e Saperi dell’Estetico**, v. 9, 2016. p. 11,12. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/310673860\\_Camouflage\\_elargi\\_Sur\\_l'individuation\\_esthetique](https://www.researchgate.net/publication/310673860_Camouflage_elargi_Sur_l'individuation_esthetique)

<sup>256</sup> DESPRET, 2022, p. 89.

mas também criador. Um gesto *conformador* como sugere Despret. O animal é mundo, e o mundo é animal. Eles são *com*. “E esse mundo poderia então (novo desvio criador) se tornar objeto material e semântico de escrita – não apenas seu simples suporte.”<sup>257</sup> Citando Peter Godfrey-Smith “‘uma linguagem visual’, com uma gramática, uma semântica própria e as infinitas possibilidades de contar alguma coisa.”<sup>258</sup> Que tipo de coisa? Despret nos lança o desafio: os animais contariam também fabulações. Fabulações como jogos, porque jogar é uma “manifestação de uma relação livre e criadora com o mundo e as coisas.”<sup>259</sup>

#### CHACRONA

Estou tentando escrever-te com o corpo todo<sup>260</sup>



<sup>257</sup> Ibid., p. 90.

<sup>258</sup> Ibid., p. 91.

<sup>259</sup> Ibid., p. 94.

<sup>260</sup> LISPECTOR, C. *Água viva*. Edição com manuscritos e ensaios inéditos, ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2019. p. 29.

## 5. Nandi

Nandi não consegue se deitar: quando deita, levanta imediatamente. Tem um corpo inquieto que não acha trégua.

Suas patas ensaiam dobrar-se na tentativa de repouso, mas são tão rígidas que retornam logo à posição em pé. Mas Nandi também não está bem em pé. Nandi não encontra sossego em nenhuma posição, o seu corpo está retesado, suas patas tortas, o cordão umbilical infeccionado, o rabo de tão tenso faz uma curva, como o rabo de um porco. Mas é nos olhos arregalados que querem escapar das próprias órbitas que ele me diz querer fugir. Ainda não sei se quer fugir dali ou de si, nem se há uma diferença entre estas fugas. Nandi é o novo órfão do Santuário.

Era dia 15 de setembro de 2021 quando Nandi chegou quase morto. Os filhotes machos já nascem órfãos nas grandes indústrias de “fazer leite”, para as quais sua utilidade é virar vitela na indústria parceira, a da carne. Animais devem ser úteis. Os bezerros do leite assim que nascem são afastados de suas mães, mas mantidos sob seus olhares desorientados para estimular a produção de leite enquanto ordenhas artificiais são colocadas em suas tetas. Por não tomarem o colostro, mesmo amamentados artificialmente, esses bebês correm o risco de ter sequelas por desnutrição (ossos fracos, porosos, quebradiços). Como Nandi, mal se movem ou ficam em pé, e isso também é útil: contribui pra a maciez de suas carnes. Dos bezerros órfãos pede-se ternura, *baby beef*. Mas esses desnutridos das grandes indústrias são os que ainda têm um papel na cadeia alimentar humana, pois nas pequenas indústrias os recém-nascidos machos são seres invisíveis. Nandi é um deles. Por vir ao mundo como macho numa fazenda clandestina de produção de leite, Nandi foi descartado após o parto. Ficou abandonado no chão por uma inteira semana, sem receber nutrição, nunca mamou de sua mãe. E como cresce um bebê sem nutrição? Cresce torto.

O colostro da mãe de Nandi continha todos os anticorpos que garantiriam suas defesas imunitárias até o 4º mês, uma primeira urgência entre mãe e filho. Mas Nandi ficou largado no pasto, literalmente indefeso. Seu umbigo também precisaria ser tratado por humanos até o 5º dia de vida, o cordão umbilical se rompe sozinho

um pouco abaixo do umbigo e passa a ser um tecido morto ao deixar de se comunicar com a mãe. Nos recém-nascidos esta parte não cicatrizada pode tornar-se porta de entrada para microrganismos, principalmente nos filhos da fertilização *in vitro*, que têm umbigos maiores, mais sensíveis, e exigem mais cuidados. Quanto menos mãe maior a cicatriz deixada. Sei que como outros animais os bovinos também lambem seus recém-nascidos, e me pergunto em que momento na antiquíssima história de convivência entre humanos e bovinos as vacas pararam de



cuidar dos umbigos de seus bezerros. Hoje a onfaloflebite, a inflamação do umbigo, é a maior causa de morte de bezerros no Brasil. Nem mesmo a imprescindível participação humana nos cuidados do umbigo conseguem sanar a ferida do *omphalus* - o centro do mundo e dos seres.

A onfaloflebite de Nandi foi porta para uma infecção em todas as suas articulações, principalmente nas das patas. “Poderia ter sido pior, muitos bezerros morrem de septicemia”, disse o veterinário. A parte do corpo que nos diz “eis que você teve uma mãe, eis que por um tempo você esteve atado a ela, eis que você não poderá nunca esquecer disso por causa desta cicatriz chamada umbigo.” Relação marcada

no corpo de quem nasce, cadeia umbilical de geração em geração.

A inutilidade da vida de Nandi na fazenda em que nasceu fez com que prevalecesse a indiferença, como se Nandi fosse um animal que “não nasceu vivo”. Uma história desatenta às formas criativas do ser. Poderia remetê-la ao exercício do *tema* de Vinciane Despret? Uma tradução que passa em linha reta, sem deformações. Ou chamá-la de *má tradução* no sentido de Walter Benjamin.

O rabinho de porco de Nandi não era um detalhe inocente. Nos porcos, ao contrário dos bovinos, é natural que a cauda enrole por não apresentar ossos, apenas músculos. Músculos que são mutilados já nos primeiros dias de vida para evitar o canibalismo, comportamento típico destes animais confinados em baias minúsculas: um come o rabo do outro. O corte é feito sem anestesia com um alicate de corte, por esmagamento, ou com um machado quente que cauteriza logo a ferida. Mas o rabo de porco de Nandi era mais uma sequela de suas articulações deformadas. Embora as articulações da cabeça e da coluna parecessem ter sido menos atingidas pela artrite, seu rabo ficara contorcido, como que quebrado. Como para outros animais, o rabo ou cauda tem muitas utilidades importantes. Caudas ajudam peixes a nadar, ajudam muitos animais a equilibrar seus movimentos, a pendurarem-se em galhos, funcionam como sinalizadores sociais para indicar perigo e emoções, algumas caudas venenosas são ferramentas de defesa e ataque, nas aves as penas das caudas operam como um leme que manobra o voo. Caudas são também um acessório de atração sexual, ou seja, literalmente garantem as escolhas. Em alguns animais como lagartos e ratos elas podem ser usadas como objetos de distração, destacando-se do corpo em momentos de apuros para desviar a atenção dos predadores. Caudas salva-vidas. Já o rabo contorcido de Nandi não lhe permitia nem sequer espantar moscas, ou exprimir outra coisa a não ser rigidez.

Nandi inteiro era um ser contorcido. *Articular* quer dizer comunicar as partes entre si. As articulações permitem que os ossos do corpo se relacionem e interajam durante os movimentos e durante o repouso. Mas se uma parte do corpo não se articula com a outra, como mover-se, como deitar-se, como ficar? O corpo rígido de Nandi nos remete às histórias calcificadas do sistema de produção. Aceitar isso é se enrijecer nas nossas próprias desarticulações. “As versões apagadas nos obrigam a repensar, põem nossos temas e versões à prova da tradução”.<sup>261</sup>

Nandi, o que você vê de dentro do teu susto? Teus olhos te permitem ver ao redor, no agora, ou estão fixados no fugir? Você vê alguma coisa desse teu ponto de fuga? O lugar do impossível onde as linhas paralelas se encontram. Eu sei que esse encontro é uma ilusão da paisagem. Eu sei que a minha leitura do teu susto será sempre um erro. É inevitável a comparação para traduzir, “a comparação é

---

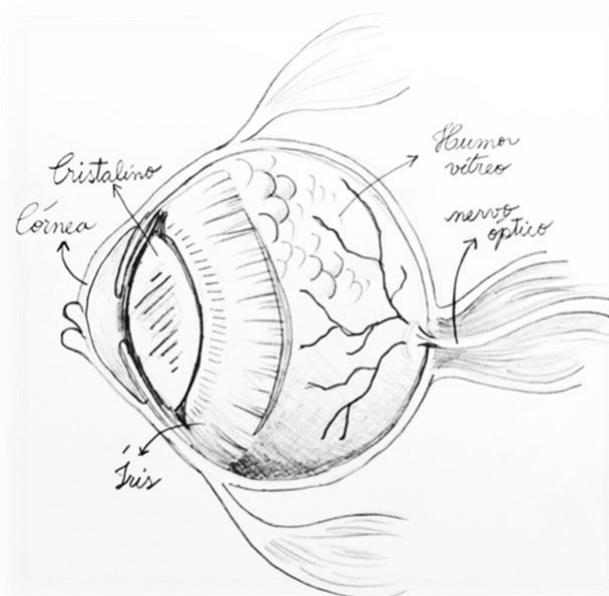
<sup>261</sup> DESPRET, 2021a, p. 290.

nossa matéria-prima e nossa fundamentação suprema, porque o que comparamos são sempre e necessariamente, de uma forma ou outra, comparações.”<sup>262</sup> Nossas diferenças serão sempre uma condição, nos resta colocar o que experienciamos à prova do que você experiencia, fazendo uma ode ao erro.

o que nos fascina quando fazemos poesia é um erro,  
a consciente invenção do erro,  
o deliberado ímpeto e complexificação dos erros  
dos quais pode sobrevir  
o imprevisível.<sup>263</sup>

Ah, poder correr para o ponto de fuga: cair para trás do horizonte, onde vivem os monstros, onde tudo repentinamente acaba, onde todas as águas se encascatam no nada. Os olhos fixos de Nandi no ponto onde o encontro impossível das paralelas se realiza. Nandi mal consegue se mover, mas mesmo assim escapa, todo o seu frágil ser me ocupa e me foge.

Na faculdade de Medicina Veterinária aprendi durante as aulas de embriologia que olhos e cérebro se formam juntos. Os dois são parceiros na captação da luz e na composição das imagens do mundo. Isto é *ver* para a fisiologia.



Esta parceria tem vários aliados, entre eles os pequenos músculos oculares, que no caso de Nandi não sabemos se também estão retesados. E talvez isso explique o olhar parado. Não um olhar parado em atenta concentração, como o que antecede a iminência do pulo do gato. Não o olhar

pleno de curiosidade infantil descrito por Baudelaire: “o olho fixo e

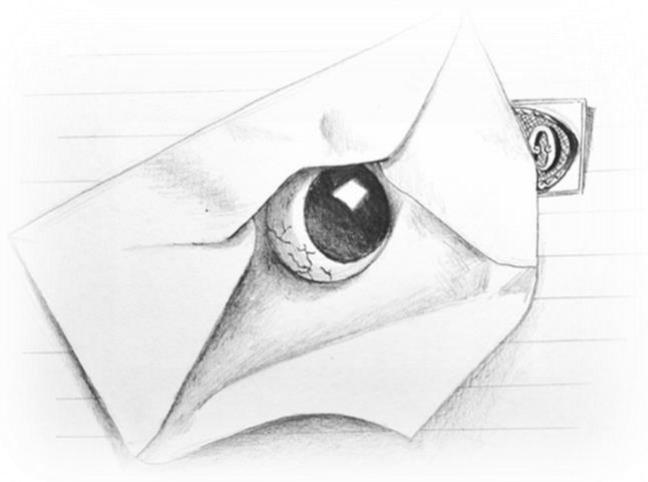
<sup>262</sup> CASTRO, 2018, p. 249.

<sup>263</sup> CARSON, A. **Ensaio Sobre Aquilo em Que Mais Penso**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/358309597/CARSON-Anne-Ensaio-Sobre-Aquilo-Em-Que-Mais-Penso>. Acesso em: 14 mar. 2023.

animalescamente extático das crianças diante do novo, qualquer que seja ele.” O olhar é um corpo inerte, como um peixe no fundo de um barco.

Eu sei como é olhar esse peixe, ele ainda está vivo mas não se debate mais. Aos poucos vai faltando oxigênio em seu cérebro, que começa a ceder na parceria com os olhos. Talvez o peixe nem sequer enxergue mais depois de tirado da água. Busco essa informação, mas que cientista já esteve dentro do olhar de um peixe fora d’água? Sei que a pupila de Nandi é oval, e não circular como a minha. Mas esta informação não me diz muito, sinto-me voltando no tempo quando ainda na beirada do lago eu folheava tratados de anatomia. O que sei e o que me toca é que o olho de Nandi é um peixe parado, sim, e não um lago como o olho de Sebastiãozinho.

Lembro-me de meu material para a aula de anatomia em que seria dissecado o olho de um boi. Um prato ou bandeja descartável, pinças, bisturi. Cada grupo era responsável por levar o seu próprio olho de boi, obtido em um abatedouro ou simplesmente no açougue. Olhos manuseados com luvas, de forma corriqueira, como se fazia com todas as outras *peças* conservadas em formol. O formol não faz bem para a pele dos vivos. Mas os olhos daquela aula não estavam no formol, eram olhos frescos que depois da lição seriam simplesmente jogados no lixo. Olho de boi no lixo, uma ironia, penso. O olho de boi, o mais precioso selo do Brasil, a terra do gado. Eu conhecia a sua fama desde menina pelas histórias de meu irmão que colecionava selos. Um abismo de valores entre um olho de boi e outro. Selos manuseados delicadamente com uma pinça, arrumados cuidadosamente no álbum, valorosos. Eu nunca vi um olho de boi.



### 5.1. A gente quer entender uma outra coisa

Sebastiãozinho. Foi com os olhos dele que tudo começou, o primeiro bovino que encontrei no santuário. Um bovino que chegou ao santuário com as próprias pernas, fugindo de uma fazenda vizinha, ao contrário de Nandi que foi trazido no colo por um ativista da causa animal. Sebastiãozinho me olhou nos olhos e eu retribuí o seu olhar. Nunca tinha olhado nos olhos de um boi tão de perto. Mais de uma tonelada de carne, músculos, vísceras, couro. Olhando para ele bem de perto torna-se impossível digerir sua carne. Seu olho é maior do que o anel que consigo formar unindo as pontas de meu polegar e meu indicador. É bom olho de boi? Sei que se come cérebro, e também testículos. Tento desarmar meu olhar. O olhar armado para não ver, na ilusão de que armar-se é proteger-se. Diferente do *olhar armado* de Murilo Mendes:

O prazer, a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre. Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua me dar força para a vida.<sup>264</sup>

Mas aqui se luta com outras armas. Os olhos de Sebastiãozinho são úmidos, de tão úmidos formam um lago. Um olho totalmente diferente de todos os olhos. Mas não é sempre assim? E aqui o olho-lago não é uma apologia, um depoimento romântico. Abro-me a uma pergunta autêntica: posso mergulhar? Sebastiãozinho não responde. Talvez ele me olhe sem se lembrar da minha pergunta. Imagino conhecer as respostas nos olhos dos gatos que vivem comigo. Eu não saberia distinguir o que há por trás do mugido dele. Falta de prática? Prática de manejo? Prática de escuta? Prática de *estar* com ele? Mas e se Sebastiãozinho for mudo? Por que a ideia de que os olhos falam? Ou simplesmente: por que a ideia de que olhos contém algo que eu seja capaz de acessar?

Com todos os olhos vê a criatura o Aberto. Só os nossos olhos estão como invertidos e de todo postos à volta dela como armadilhas, em círculo à volta da sua saída livre. O que está lá fora, só o sabemos da face do animal; pois já a criança pequena

---

<sup>264</sup> MENDES, M. **A idade do serrote**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

nós a voltamos e a obrigamos a olhar para  
trás para o mundo das formas, não para o  
Aberto,  
que é tão profundo na face do animal.  
Livre da morte.<sup>265</sup>

O nosso encontro é lidar com esse Aberto. Talvez seus olhos tenham apenas *me segurado* – como no encontro que Riobaldo imagina com Diadorim, “A vai, coração meu foi forte. Sofisimei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos”.<sup>266</sup> Os olhos de Nandi, esses sim, não seguram nada. Quem sabe ao mamar, uma transformação? Naquele momento, no santuário, Pachamama estava amamentando a sua bezerra. Logo imaginei uma ama de leite reinventada. Pachamama também tinha sido resgatada de uma indústria de leite clandestina, chegara ao santuário grávida. A última gravidez de uma série contínua de 10, das quais ela jamais vira, e nem amamentara, seus bebês. Mas Nandi e Pachamama não criaram parentesco. Nandi não sabia ser filho e Pachamama ainda estava aprendendo a ser mãe. Essa história de maternidade intuitiva tem lá suas falhas, mamar é uma grande empreitada.

Nandi, assim como muitos, fora resgatado da morte certa. Estávamos novamente com o compromisso de lutar pela sua sobrevivência, para isso ele precisava mamar urgentemente. Mesmo sem um anzol espetado, mesmo sem estar preso a uma rede, a alma desse pequeno bezerro parecia querer entregar-se mais do que debater-se. O que é resgatar senão uma tradução do que se espera de uma vida? E que vida ele esperava?

Ter nascido significa que nós somos um pedaço desse mundo: nós coincidimos formalmente e materialmente com Gaia, seu corpo, sua carne, seu sopro. Essa coincidência é algo mais estranho e complexo do que uma simples inclusão topológica da Terra em nosso corpo. Certamente, somos um pedaço desse mundo, mas um pedaço do qual tivemos que mudar a forma. Nós somos um punhado de átomos e corpos que já estavam - todos - aqui e aos quais nós quisemos, pudemos, tivemos que impor uma nova direção, um novo destino, uma nova forma e vida.<sup>267</sup>

Eu disse para ele baixinho: Querido Nandi, nascer é o que une todos os mamíferos da terra e você acabou de chegar.

Querida antiga:  
em grego teu nome significa algo tipo “contra o  
nascer” ou “ao contrário de nascer”

<sup>265</sup> RILKE, R.M. *Elegias de Duíno*, (tradução Paulo Quintela), 1968. pg. 69.

<sup>266</sup> ROSA, 1968.

<sup>267</sup> COCCIA, E. *Metamorfoses*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Dantes, 2020. p. 51.

mas o que existe ao invés de nascer?  
 não que a gente queira entender tudo  
 ou mesmo entender alguma coisa  
 a gente quer entender uma outra coisa<sup>268</sup>

E se Nandi é realmente um pedaço desse mundo, é um pedaço do qual temos que mudar a forma. Nandi, um pequeno ser que mama, que brinca, que interage, que cria, que aprende sobre o mundo. Enfim, aquilo que se espera de qualquer filhote animal, humanos incluídos. Cuidando de Nandi faz-se nascer também uma história. Mas Nandi não tinha condições nem de mamar. Suger o leite era um trabalho árduo para ele: a prática do mamar que o peito exige lhe fora negada desde o primeiro instante, e a cada minuto ele se tornava menos apto e mais fraco para aprendê-la. No Vale da rainha, como em outros santuários, uma fêmea pode somente amamentar, nunca ser ordenhada, este é um dos pontos do estatuto criado para criar limites de segurança para os animais resgatados. Ordenhar: ação humana de extrair o leite. Apesar da presença de uma vaca com leite no momento da chegada do bezerro órfão, Patrícia optou por alimentá-lo com leite industrial. A primeira opção no santuário sempre é comprar leite fresco de alguma fazenda vizinha, mas na falta deste compra-se leite de caixa. Situações de urgência, penso. E penso que também nós, em nossas casas, compramos leite de caixa por urgência. Pela urgência de nossa comodidade. Ordenhar não seria a exploração de um animal, seria um gesto fatigoso que atrasaria nosso comodo café da manhã.

Vejo-me diante do desafio de resistir à tentação de resolver conflitos e pacificar verdades contraditórias. Ordenha é considerada roubo em alguns santuários. Pachamama compactua com isso? A mesma ordenha para certos criadores é agenciada como troca. Mas o próprio ato de trocar em que universo está? Como não agir a partir de um critério superior a Pachamama? Há sempre um jogo emaranhado de tensões, um exercício diário de coexistir com as polêmicas necessárias, e de conviver com elas sem buscar respostas simples para questões complexas. Buscando

a invenção de pensamento especulativo e da prática de recordar, de rearticular corpos a corpos. Não um amor ideal, não um amor obediente, mas um amor que pode até mesmo reconhecer a multiplicidade desobediente dos insetos. E o gosto de sangue.<sup>269</sup>

---

<sup>268</sup> SOPHOCLES; CARSON, A. **Antigonick**. New York: New Directions, 2012. pt. prefácio.

<sup>269</sup> HARAWAY, 2011a, p. 49.

Mas e diante da morte?

Era preciso agir: comprar o leite, abrir a caixa, encher a mamadeira e dar de mamar dezenas de litros de leite várias vezes ao dia. Cabia a Nandi conseguir mamar na mamadeira com um bico de buraco grande, feito por nós humanos que facilitamos a saída do leite. Facilitamos a entrada do leite. A invenção da mamadeira, esta facilidade. Minha mãe não me amamentou na década de 70 porque o pediatra lhe disse que a fórmula do leite em pó era, além de mais equilibrada nutricionalmente, mais cômoda e prática para ela. Minha mãe, estressada com a amamentação, tomou um remédio para secar o leite. No lugar de seus seios recebi a mamadeira para nutrir meu corpo e a chupeta para nutrir meus afetos. Para Nandi não há chupetas. As vacas estão emaranhadas na cadeia do leite, assim como minha mãe esteve, e como também estou ao contar esta história. Estamos todos emaranhados, os seres tornam-se envolvidos nos projetos uns dos outros, nas vidas uns dos outros e passam a precisar uns dos outros de maneiras diversas. Fernando Silva e Silva nos ajuda aqui com as duas frentes do programa filosófico de Haraway: uma ética e outra ontológica.

Na frente ética, se trata de levar em consideração, e a sério, os modos de existência de outros seres (e outros humanos) em seus próprios termos, fazendo um esforço tradutório para que não se reduzam esses modos de existência a metáforas ou categorias humanas dominantes. Na frente ontológica, se afirma que jamais houve indivíduos – ou mesmo humanos, no sentido de uma espécie singular perfeitamente isolável de outras espécies e ambientes -, sempre se tratou de seres que emergem de uma teia multiespécie ramificante. No entanto, não no sentido genérico de um “tudo está conectado”, mas na especificidade de certos mundos coletivos coconstruídos no tempo, no espaço e na carne, enquanto outros deixavam de existir.<sup>270</sup>

Sigo com o problema vivo e pulsante: por que a escolha de comprar dezenas de caixas de leite no supermercado, leite de mães vacas que também foram amputadas de seus bebês recém-nascidos, os companheiros invisíveis de Nandi, ao invés de ordenhar Pachamama? Pergunta comum, enganchada a julgamentos comuns também. Não é uma escolha ingênua. Patrícia tem que fazer escolhas a todo momento. Perguntas que podem esconder armadilhas porque induzem às mesmas respostas sempre: *ou* estatuto, leite, indústria, *ou* afetos, parcerias, interesses

---

<sup>270</sup> SILVA E SILVA, F. Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre. *Em: O Manifesto das Espécies Companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b. p. 180.

compartilhados. No estatuto do santuário a visão humana do roubo é predominante, e roubar com as próprias mãos, dentro do próprio espaço de convívio, é sempre mais difícil do que compactuar com um roubo que acontece distante.

Mas volto à pergunta, a ordenha de Pachamama é necessariamente um roubo de leite? Pachamama e Nandi, seres capazes de produzir mundos com seus companheiros, humanos inclusive. Nandi faz conexões visíveis e invisíveis, com seus diferentes graus de importância, e vive suas próprias histórias, mesmo quando não são contadas ou ouvidas. Que história Pachamama poderia criar ao doar seu leite para Nandi? E Nandi ao recebê-lo? Ele não me dará respostas certas nem destinos escritos. E mesmo assim seguirei caminhando sobre o terreno das especulações. Para isso, arrisco conectar a história da ordenha de Pachamama à história do Povo Navajo e suas ovelhas companheiras, narrada por Donna Haraway no livro *Staying with the Trouble*. A história do Povo Navajo é para Haraway uma performance cosmológica, um sistema modelo de simpoiesis: a prática de existir a partir das relações.<sup>271</sup> Sem contar toda a história dos Navajos, no Arizona, Estados Unidos, trago algumas linhas desta trama para jogar com o episódio da ordenha de Pachamama. Haraway fala da relação simbiótica entre o povo indígena e seus rebanhos, uma trama que mantém humano e ambiente cocriando realidades. Humanos cuidam de ovelhas, ovelhas fornecem sua lã, garantem o equilíbrio ecológico dos campos que compartilham com os humanos que tecem essa lã, tapetes tecidos garantem a sobrevivência de todos. Uma trama que é econômica mas que também é social e cosmológica. Tecer é emaranhar: “conexões significativas vividas para sustentar o parentesco, o comportamento, a ação relacional.”<sup>272</sup> E neste jogo cósmico, onde estão Pachamama e Nandi?

O reconhecimento do outro é central na história que Donna Haraway narra. “Todas as ovelhas podem reconhecer centenas de rostos; conhecem seu povo e sua terra.”<sup>273</sup> Reconhecer no outro a capacidade de criar suas próprias conexões. Ovelhas e humanos reconhecem-se uns aos outros como parte da trama, que precisa ser constantemente tecida. Por isso não basta conhecer o outro (povo, bezerro, ovelha) uma única vez, mas reconhecê-lo sempre, de novo e ainda mais.

---

<sup>271</sup> HARAWAY, 2016, p. 89.

<sup>272</sup> HARAWAY, 2019, p. 142.

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 149.

Reconhecê-lo na sua atual condição e urgência. Reconhecer cada ovelha, cada humano, cada bezerro, cada vaca, cada leite. E esta prática inclui o reconhecimento de que não somos uma variável fixa e isolada nesta equação. Não há uma regra única para todas as ordenhas. O tecido Navajo e o tecido do santuário não são feitos de um fio, mas de muitos – de todos.

Uma trama complexa em estado de ruminação sempre: mastigar, engolir, regurgitar e novamente remastigar. A complexidade da vida não se digere nunca. São muitas entradas possíveis para contar esta história que, como defende Haraway, não é inocente justamente por seu poder sobre a matéria concreta do mundo, porque histórias definem o que importa ou com o quê se importar.<sup>274</sup> E Nandi me convidava a repensar nossa forma de sentar à mesa, nossos hábitos de consumo, nossa violência e nossa forma de estar com todos os seres, “não tornando-os matáveis”.<sup>275</sup>

Partindo da relação humano-animal em um laboratório, Haraway desenvolve o conceito de “não tornarás matável”, conceito este que pode ser transportado para falar da morte de qualquer animal. Ao contrário da posição de muitos ativistas que condenam todos os usos de animais em experimentações, a autora não rejeita suas participações em pesquisas, mas nos convida a pensar essas participações não como necessárias e legítimas, o que regulamentaria a matança e nos manteria moralmente (e confortavelmente) livres de nos responsabilizarmos. Haraway acredita que permanecer nos limites cômodos dos princípios éticos não seja suficiente. Para ela é preciso buscar práticas políticas imaginativas que nos coloquem constantemente em relação com a morte do outro. Pesando custos e benefícios podemos sim matar, mas mantendo-nos envolvidos nas relações com os seres que matamos, relações estas implicadas ao ser e ao devir mortal.

O problema é aprender a viver responsabilmente dentro da múltipla necessidade e labuta de matar, para então assumir isso com transparência, em busca da capacidade de responder em inexorável contingência histórica, não teleológica e multiespécies. Talvez o mandamento deva ser “Não tornarás matável”.<sup>276</sup>

---

<sup>274</sup> HARAWAY, 2016.

<sup>275</sup> HARAWAY, 2011a.

<sup>276</sup> *Ibid.*, p. 42.

Nandi me convidava a tirá-lo do papel de herói que lhe tinham dado: “bezerro resiliente, guerreiro, incapaz de reclamar”. Ao contar sobre vidas no limite entre a morte e o salvamento, é fácil cair na armadilha de tratá-las sempre como vítimas ou heróis, prisioneiras de uma história fechada na temática da redenção. Um corpo vitimado é um corpo fechado, desprovido de potência criativa. Ao mesmo tempo não podemos esquecer que esses animais são vítimas, sim, de muita violência. Histórias de vidas interrompidas que “evoluem” para vidas salvas ocupam um espaço narrativo enorme. Eu queria recriar uma história que desse sentido ao presente, uma história que se abrisse ao imaginário da co-criação com os humanos. Eu sentia esse chamado, mas é sempre mais fácil procurar pelos afetos facilmente reconhecíveis: os nossos. Ao entrar em contato com Nandi, ao olhar e ser olhada por ele – o convite tinha sido feito: imaginar outras histórias, cujo “propósito não é nem o da resolução nem o do êxtase, mas o processo contínuo”.<sup>277</sup>

Era preciso invocar outros modos de narrar,

cheio de começos sem fim, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e muito mais artimanhas do que conflitos, muitos menos triunfos do que armadilhas e delírios; (...) missões que falham, e pessoas que não entendem.<sup>278</sup>

Nandi precisava mamar. O foco era com o bezerro Nandi faminto. E Nandi colabora com o nosso desejo e aceita a mamadeira gigante. “Nandi mamou!”, comemoramos. Lembro dos objetos de Itu, aquela cidade em que tudo é grande. Há um alívio pairando, porque “se empoleira na alma a esperança”.<sup>279</sup> Mas o problema não terminava com Nandi mamando leite de caixa. O problema seguia para além da emergência nutricional do bezerro, pois o seu estado de ânsia e cansaço extremo também era alarmante. Além do trauma e do estresse dos quais vinha, Nandi não conseguia encontrar uma posição para se deitar por causa da rigidez de suas articulações. Nandi era um bebê que não conseguia dormir, o rigor se estendia impiedoso em um corpo tumultuado, um tumulto que reconheci em gente. Volto aos olhos de quem quer saltar de sua existência, sem sequer delatar um roubo, como se não coubesse nela, ou como se existir não coubesse a ele.

---

<sup>277</sup> LE GUIN, 2021, p. 22.

<sup>278</sup> Ibid., p. 23.

<sup>279</sup> “HOPE” *Em*: Emily Dickinson Brasil. 28 jan. 2019. Disponível em: <https://emilydickinson.com.br/2019/01/28/hope-is-the-thing-with-feathers-brasil-2019/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

é dito: pelo chão você não pode ficar  
 porque lugar de cabeça é na cabeça  
 lugar de corpo é no corpo  
 e pelas paredes você também não pode  
 pelas camas também não vai poder ficar  
 pelo espaço vazio você também não vai poder  
 ficar  
 porque lugar de cabeça é na cabeça  
 lugar de corpo é no corpo<sup>280</sup>

E qual o lugar de Nandi? O peixe não mais deitado quieto no fundo barco, o peixe se debate. Mas eis que vejo as nadadeiras ainda graciosas como as asas da borboleta do menino Benjamin. A borboleta aflita também, impedida como Nandi, aprisionada na rede no exato momento em que ela quase virou gente, “e apesar de tanto estrago, tanta deselegância e violência, a borboleta assustada permanecia trêmula, e, contudo, cheia de graciosidade, numa dobra da rede”.<sup>281</sup> Mas Nandi não está preso em uma rede e não vai virar um gracioso enfeite espetado com um alfinete, ele é pesado demais para isso. Nandi poderia ser uma peça de açougue. *Peça* – assim também chamávamos os pedaços de corpos conservados no formol.

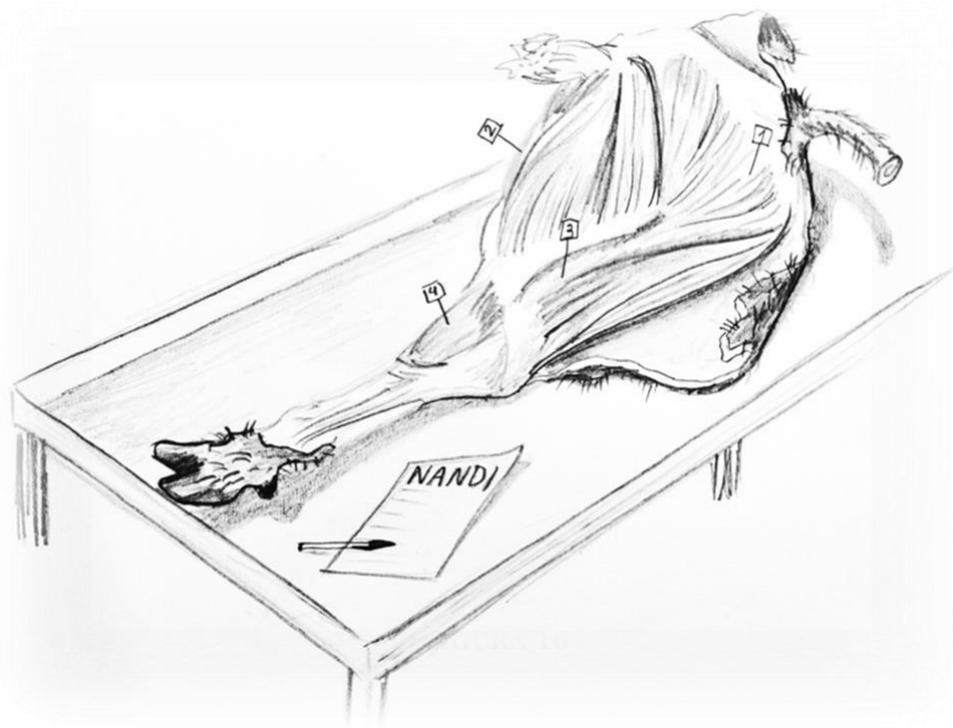
A prova de anatomia do primeiro período da faculdade de veterinária era considerada uma das mais difíceis dos primeiros anos. Distinguir os músculos dos membros de equinos e bovinos parecia uma missão impossível para nós, calouros, que até então tivéramos olhares habituados a ver pernas de bois como simplesmente carne, toda igual, indistinta. Nos preparávamos por semanas para a famosa prova de anatomia, mas não conhecíamos o truque do elemento surpresa: o professor usava determinadas peças durante o curso, mas para a prova usava peças secretas, que mantinha escondidas em tanques aos quais ninguém tinha acesso. A prova era uma gincana que consistia em poucos segundos de observação de peças colocadas sobre as mesas do anatômico, e em cada uma vários alfinetes com números espetados em músculos, nervos, veias ou artérias. As artérias e os nervos eram parecidos, para distingui-los melhor seria preciso tocá-los: as artérias quando apertadas tinham a consistência de um canudo macio, por onde já circulava sangue. Já os nervos pareciam uma fita achatada. Tocar para reconhecer.

---

<sup>280</sup> PATROCÍNIO, S. do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

<sup>281</sup> BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. *Em: Obras escolhidas Vol 2*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 81.

Nomenclatura de carne: gluteobíceps, gastrocnêmico, tensor da fáscia lata, lagarto, picanha, patinho. Carcaça, peça... quanto de corpo havia naqueles corpos?



Outra coisa que aprendi no curso de Veterinária foi que o *rigor mortis* dura 24 horas e atrapalha a cadeia do lucro. É preciso aguardar 3 a 4 dias para a carne ficar tenra e macia, período conhecido como resolução do rigor mortis. Para Nandi seria um alívio. Mas Nandi não está morto. Resiste desde o nascimento em uma espécie de “rigor vivis”, e enquanto narro ele é um enfeite vivente pendurado em minhas memórias. Nandi, solitário no desespero de não encontrar uma posição na qual pudesse se acomodar e repousar no coração. Ele não vai morrer de fome, mas de insônia. E quanto mais ele se agitava por dentro, na ânsia de uma posição para relaxar, mas tenso ficava por fora, com músculos rígidos. Ali existia um limite claro entre o dentro e o fora.

Jamais saberei o que Nandi sente e vê. Jamais serei seus olhos ou sua pele. Será sempre uma experimentação tradutória. A estranheza que esta tentativa traz. Que corpo novo podemos habitar com esse deslocamento? Como diz John Berger, “o que sabemos sobre os animais é um índice de nosso poder, e assim é um índice

que nos separa deles. Quanto mais julgamos saber, mais distantes eles ficam”.<sup>282</sup> Convidar o bicho para habitar em nós, numa ameaça ao que resta de nós. É imaginar o animal como uma experiência resistente e legítima nos campos de batalha dos discursos que definem tanto nossa existência. É buscar outras formas de ver:

(...) no mundo primário onde eu entrara, os seres existem para os outros como modos de se verem. E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e outro estar ali também: tudo isso também significa ver.<sup>283</sup>

Nandi virara uma pedra. Há quem diga que pedra tem alma, e como em um *treino-poema* de Kazuo Ohno: “Não pense em ser uma pedra, apenas encontre a pedra dentro de você.”<sup>284</sup> Rígida, apertada, compactada, o corpo pedra com todos as vísceras embalados a vácuo para *antes de morrer*,

Não há de fato nada mais  
ignobilmente inútil e supérfluo  
que o órgão chamado coração  
que é o mais hediondo meio  
que os seres puderam inventar  
para sugar a vida em mim.<sup>285</sup>

“Sentir o animal sentir em nós” é uma “das maneiras de descrever o processo pelo qual o escritor é atravessado por afetos não-humanos, pelo qual a escrita pode, de alguma forma, encontrar um canal de comunicação intermundos”.<sup>286</sup> Penso nas reflexões de Juliana Fausto<sup>287</sup> sobre as palavras que o poeta Ted Hughes dedicou ao seu interesse pelos animais. Em determinado momento de sua vida ele inverteu completamente seu modo de se relacionar com eles, passando de observador-caçador a observador-empático: “[eu] comecei a olhar para eles, vejam bem, a partir de seu próprio ponto de vista”.<sup>288</sup> Eu sigo buscando o ponto de vista de Nandi, seu ponto de fuga, certa de que não o encontrarei. Sentir o outro sentir em mim, deixar que Nandi escreva por mim.

<sup>282</sup> BERGER, J. **Sobre o olhar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. p. 22.

<sup>283</sup> LISPECTOR, 1995.

<sup>284</sup> OHNO, K. **Treino e(m) poema**. 1a Ed.ed. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

<sup>285</sup> NANCY, J.-L. **El intruso**. Espanha: Amorrortu Editores, 2006. seq. Epílogo Antonin Artaud.

<sup>286</sup> FAUSTO, J. Terranos e poetas: o “povo de Gaia” como “povo que falta”. **Revista Landa**, v. 2, n. 1, p. 166–181, 2013. p. 175.

<sup>287</sup> FAUSTO, J. Terranos e poetas: o “povo de Gaia” como “povo que falta”. **Revista Landa**, v. 2, n. 1, p. 166–181, 2013.

<sup>288</sup> HUGHES, T. **New selected poems**. [S. l.]: Faber & Faber, 1982. p. 16.

Assim caminhamos, emprestando uns aos outros, trocando palavras e sentires, nomeando as coisas, passando de mão em mão um poema que tem, ao mesmo tempo, o poder de reinventar e realizar um outro mundo. E a escrita de Nandi sempre será um esboço inacabado de mundos, tempos, matérias, significados.

Um poema  
cresce inseguramente  
na confusão da carne.  
Sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto,  
talvez como sangue<sup>289</sup>

Escrita na confusão da carne e do verbo, uma experiência de desordem. Fazer do texto carne, da carne texto. Escrita que nos deixa tocar as coisas e o mundo, tocar e escapar. O encontro com Nandi, penso, é uma experiência poética, “o poema é um objecto carregado de poderes magníficos, terríveis: [...] promove uma desordem e uma ordem que situam o mundo num ponto extremo: o mundo acaba e começa a toda hora.”<sup>290</sup>

Enquanto as horas passavam, Patrícia observava atenta os mínimos movimentos das patas de Nandi, ela se emprestava para ele na tentativa de trocar de pernas, sem sucesso. Para sobreviver ao transplante imaginado por Patrícia, Nandi precisava desenvolver uma técnica antihumana: matar a própria resistência, sua identidade imunitária, para que seu corpo pudesse tolerar a entrada do estranho humano. Apesar da rejeição, Nandi aceitava constantemente um apoio onde se encostar no corpo da humana, mesmo que transitório, e experimentava dezenas de posições e recursos para se acomodar. Parecia que ele buscava extensões de seu corpo...

Uma cerca

Um comedouro

Uma pequena mureta

Um cobertor dobrado: Nandi gostou e tentou acomodar-se ali.

Mas logo levantou.

Patrícia também já não dormia mais, habitando a mesma angústia daquele corpo insone.

---

<sup>289</sup> HELDER, H. **Poemas completos**. 1a Edição. Porto: Porto, 2014. p. 286.

<sup>290</sup> HELDER, H. **Poemas completos**. 1a Edição. Porto: Porto, 2014. p. 287.

Um enorme elefante de pelúcia: Nandi encostou, viu que funcionava melhor que o cobertor. Funcionava.

O elefante de pelúcia, volumoso e maleável, Nandi se aproximou subindo quase apressadamente sobre ele, exageradamente sobre ele. O elefante foi o primeiro de uma série de pelúcias nos quais o bezerro órfão conseguiu se encostar e dormir. Nandi e o Elefante. Assim ficaram abraçados em um pequeno embalo, uma pequena dança, eu conseguia ouvir a cantiga de um ronronar. Não sei se vinha de Nandi ou do elefante. E de repente os dois dormiram.

*O mundo acaba e começa a toda hora*

Resgatando Nandi, Patrícia não conseguia afetar diretamente a engrenagem envolvida com a sua carne. O problema permanece e existe em cada ângulo do Santuário, sem ficar abandonado em um canto. Regatar um animal quase morto e cuidar dele como um parente íntimo, recrutando forças físicas, simbólicas, cosmológicas, comunitárias, comunicativas – que efeito tem? Nandi não foi salvo. Porque quando se fica com o problema, salvar não é um estado de alcance, salvar é estar no presente, vivendo-o com os seus incômodos, habitando esses mesmos incômodos com criatividade.

“É tarefa de todos se tornarem ontologicamente mais criativos e sensíveis dentro do holobioma que é a Terra”.<sup>291</sup> Haraway nos convida a seguir com o problema e agir responsabilmente. Isso exige a nossa total atenção e presença: “habitar com intensidade corpos e lugares específicos, como forma de cultivar a capacidade de responder reciprocamente às urgências do mundo.”<sup>292</sup> Seguir com o problema requer aprender a estar verdadeiramente *aqui*, agir no agora, no tempo-espaço do corpo e da carne. O presente é onde está o convite para liberar “possíveis”. Donna Haraway nos adverte sobre os discursos em que passado, presente e futuro seguem sua ordem estabelecida, rígida, inexorável, em que os acontecimentos parecem correr por conta própria sem a percepção de que é atuando ativamente no agora que os instantes do depois se transformam. Mudar as perguntas é deslocar o problema: da sua impalpabilidade futura à sua concreteza presente. E seguir com ele, com seu incômodo criativo, abandonando a ideia de um passado

---

<sup>291</sup> HARAWAY, 2019, p. 152.

<sup>292</sup> HARAWAY, 2016, p. 28.

condenado e um futuro apocalíptico. Há apenas um hoje que pode ser terrível ou não, dependendo de como o vemos, o vivemos e lhe respondemos. E a “*responsability*”, “habilidade para responder” está conosco neste presente, que não é só *agora* mas é também *aqui*: no corpo insone de Nandi.

## 5.2. Soluções parciais

Nandi é um bezerro Gabiru, sem raça definida, mais conhecido como curraleiro – um vira-latas de curral. Nas pecuárias pequenas os bois são esses vira-latas sem estirpe, dessacralizados de seus chifres. Nandi é o nome do touro sagrado de Shiva, um touro forte, mestre de mestres. Nome dado por Patrícia pelo impacto às avessas que ele causou com sua chegada e pelo modo com que comoveu as pessoas. Na cultura da Índia, a vaca é o ser que está no último estágio da reencarnação, um degrau abaixo do tornar-se humano. Desta proximidade nos nutrimos, desta vizinhança fazemos da vaca nossa teta.

Nandi dormia na segunda baía do santuário, que junto com a primeira era reservada aos animais mais vulneráveis. Esta segunda baía fora ocupada, antes de Nandi, pela vaca Bodicea, que Nandi chegou a conhecer e com quem também fez amizade. Bodicea também tinha artrite nas patas e dificuldades em se levantar, e morreu de morte rápida dormindo. Ao lado das primeiras baias, no corredor de entrada do Santuário, vive Sebastiãozinho e Mú.

Voltando a Sebastiãozinho. Ele é um boi Nelore de uma tonelada e 400kg, mas nem sempre ele foi um *boi*. Passou sua vida – ou sua carreira – como touro reprodutor. Um replicador de carne. Sebastiãozinho deu vida a centenas de seres que nasceram para o matadouro. Houve somente duas exceções nesta genealogia: dois de seus filhos gerados no santuário e que ainda vivem ali. Ter sido escolhido como um touro reprodutor ao invés de um vitelo destinado ao açougue deu, por sua vez, a possibilidade de escolha a Sebastiãozinho. Não foram poucas as vezes em que ele fugiu de noite da fazenda onde “produzia filhotes”, vizinha ao Santuário. Patrícia e Vitor de manhã se deparavam com o touro em suas terras, e o devolviam em seguida. Mas Sebastiãozinho estava decidido – teimosia taurina – a escolher seu próprio destino, e insistiu até ser finalmente acolhido pelo Santuário. Hoje ele é um boi idoso, obeso e quase sempre mau humorado. Por causa de um problema nas

patas ele precisa ficar no único terreno plano daquelas terras, que é justamente um local de passagem, perto do portão de entrada. Quem quer entrar no Santuário precisa então passar por seus chifres, não há outra opção – e muitos dos que passaram por ele tiveram que fugir às pressas, como eu uma vez, pulando cercas. Quem já foi touro um dia nunca perde a majestade.

A carreira de Sebastiaozinho contribuiu para um recorde: em 2022 o rebanho mundial de bovinos superou pela primeira vez o patamar de 1 bilhão. O destaque é do Brasil, o país que mais cresce no setor. Por causa da longa engorda e dos tempos de “produção” pode-se dizer que o gado (nome dado para bovinos de corte) receba mais atenções que frangos e porcos, que são mais numerosos e morrem mais. Bois, “só” 304 milhões de mortes por ano. Ou 834 mil por dia, quase 35 mil por hora, 579 carcaças por minuto. Se estes cálculos não são suficientes para impressionar, pode-se apelar para os números da devastação: 65% do desmatamento no Brasil é causado pelo gado, seja para produzir pastagens, seja para o cultivo de grãos para sua dieta. Se nada disso ainda impressiona, pode-se citar aquele considerado o mais precioso dos bens hoje: a água. Um quilo de carne precisa de 15,4 mil litros de água para chegar à mesa. Um quilo de verdura precisa de modestos 322 litros de água.<sup>293</sup>

Lembro-me de uma vez quando meu pai contava a um amigo sobre uma visita que fizera a uma fazenda de gado de corte no Pantanal: “é tanto boi no Brasil que não se conta por cabeças como nos outros países, aqui se conta por minutos de porteira aberta. “Levo cinco minutos de boi hoje, por favor.” Abrem-se as porteiras, contam-se as vidas nos ponteiros.

Contar histórias e contar números úteis, penso. Contos e contas seguem paralelos. Hiperprodução de alguns animais contemporaneamente à extinção de outros. Algumas espécies são carismáticas, outras não. Não nos importamos de estar hiperproduzindo algumas e negligenciando outras. Para Vinciane Despret,<sup>294</sup>

---

<sup>293</sup> Embrapa. “Pegada hídrica” de um produto - água. Disponível em: [https://www.embrapa.br/contando-ciencia/agua/-/asset\\_publisher/EljjNRSeHvoC/content/consumo-de-agua-para-producao-de-um-produto/1355746?inheritRedirect=false](https://www.embrapa.br/contando-ciencia/agua/-/asset_publisher/EljjNRSeHvoC/content/consumo-de-agua-para-producao-de-um-produto/1355746?inheritRedirect=false). Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>294</sup> DESPRET, V. Afterword: It Is an Entire World that Has Disappeared. *Em*: VAN DOOREN, T.; ROSE, D. B.; CHRULEW, M. (org.). **Extinction Studies**. [S. l.]: Columbia University Press, 2017. p. 217–222.

todo bicho é um modo de vida, e quando ele não existe mais, o mundo se estreita de repente e uma parte da realidade desmorona. A extinção é o fim de uma paisagem. A paisagem inclui cores, formas, movimentos, seres, encontros. Contando sobre a extinção dos pombos-passageiros Vinciane Despret fala sobre a nuvem escura que o voo destes pássaros formava antes de serem extintos: “a humanidade perdeu eclipses aladas”<sup>295</sup>. Antes de serem extintos, ao entardecer, os pombos-passageiros desenhavam os céus, ofuscavam o sol. A paisagem como um encontro entre muitos, e a extinção como o fim de certos encontros.

Cada andorinha incansavelmente se  
precipita - infalivelmente  
se exerce - na assinatura, segundo a  
espécie, dos céus.  
Pluma acerada, molhada na tinta  
azul-escuro,  
com que rapidez te escreves!<sup>296</sup>

Mas o que há de extinção entre as vidas produzidas industrialmente? No artigo *Afterword - It Is an Entire World That Has Disappeared* Despret parte da morte da pomba Martha no Zoológico de Cincinnati, Ohio, em 1914. Martha foi a última exemplar da espécie no mundo, seu companheiro George havia morrido quatro anos antes. Não deixaram ovos. Há décadas que a nuvem escura já não ocupava mais os céus, e pouco a pouco os que ficaram foram se acostumando. Quando Martha se foi, o mundo se estreitou. As novas gerações nascerão sem saber da existência de antigas cores, sons, formas, encontros. Uma inteira paisagem desapareceu, “o mundo explode com a ausência”, e todos os sobreviventes são transformados neste processo, “cada sensação de cada ser do mundo é um modo pelo qual o mundo vive e se sente, e pelo qual existe”. Com eles morre junto uma experiência de mundo. “Cada vez que uma existência desaparece, é um pedaço do universo de sensações que se esvai”.<sup>297</sup>

Com a extinção da espécie, Martha ganhou uma lembrança da sua derradeira passagem na forma de um monumento. Talvez, com sorte, alguns animais extintos deixem seus corpos empalhados em museus ou universidades, expostos ou engavetados. Ou com mais sorte outros deixem seu material genético em uma

---

<sup>295</sup> Ibid., p. 219.

<sup>296</sup> TENÓRIO DA MOTTA, L. **Francis Ponge - o objeto em jogo**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000. p. As Andorinhas.

<sup>297</sup> DESPRET, 2017, p. 220.

proveta de laboratório, para quem sabe num futuro... Martha deixou sua história em monumento para tantos que ali passam e podem recordar o que foi e não é mais. Deleuze (citado por Haraway) vai além e diz que o monumento não evoca a memória, mas a fabulação.<sup>298</sup> Pois o observador sempre acrescenta um ponto à história e milagrosamente ela não está mais no fim, mas se abre em novos voos. E os animais da hiperprodução, somos nós seus monumentos vivos, nós que os comemos fazendo-os nossos corpos? E Nandi? Que paisagem será extinta com ele?

### 5.3. Ascensão

Dormindo, comendo e tendo o aconchego do elefante, Nandi entrou numa fase de melhora. Brincava, pulava, interagia com os outros animais do santuário, fazia amizades. Nandi estava feliz. Durante um tempo tive dificuldade com esta afirmação: estar feliz. É o medo das afirmações antropocêntricas. Mas era inegável, ao observar a mudança em seu comportamento, a ideia de felicidade. Quando bichos brincam fica tudo tão claro, eles suspendem o tempo. Nandi também tornou-se um bicho extremamente carinhoso, até em seus inúmeros bichos de pelúcia fazia carinho. Me pergunto quanto da sua afabilidade tenha sido aprendida com gente, não apenas quando bebê, mas através da nossa longa história de co-domesticação. Nós aprendemos juntos. Haraway no *Manifesto das espécies companheiras* faz uma análise, a partir de seus próprios cães, da história de relação entre canídeos e homínídeos desde o momento em que lobos e humanos passaram a conviver, para falar que nunca houve espécies isoladas, mas que todas evoluem umas com as outras e com os ambientes numa teia multiespécies.

Nandi balançava a cabeça quando queria dar e receber afeto. Com os humanos, afeiçoou-se especialmente à voluntária Carla e bastava ouvir sua voz para se levantar e procurá-la. Durante todo o tempo Carla complementou o tratamento médico de Nandi com terapias holísticas. As terapias com argila, o mochabustão, as massagens e as receitas ayurvédicas pareciam aliviar suas dores. Aliviavam as dores de Carla também.

---

<sup>298</sup> DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *What is Philosophy?*: Verso, 1994. p. 168.

Os olhos de Nandi agora eram um peixe sem resquícios do barco, da rede, da falta de ar. Olhos que piscam delicadamente, que cabem dentro da órbita confortavelmente, que riem. Um peixe alegre que balança as barbatanas sem medo, quase rebola, quase samba. De tão nítida e cristalina a sua alegria, eu podia ver o humor vítreo dos seus olhos. Um peixe me emprestou seus olhos com as cores da delicadeza.

Nandi criou um novo *ver* em muitos que nunca tinham olhado para um bezerro. Ativismo é isso. O resultado da atenção e do cuidado que Nandi recebeu mobilizou milhares de pessoas ao redor do mundo através dos vídeos sobre a sua recuperação. O impacto da sua história narrada através de imagens foi além do conceitual, adentrou no sensível. Cocriou-se com Nandi mais um um ativismo sensível, reinaugurando novas percepções e afetividades. Um ativismo com potencial de alargar a nossa capacidade de atenção e romper com a invisibilidade daquele ser e de outros como ele, e de um mecanismo que parecia irremediavelmente estabelecido. Isso é resgatar. Com Nandi resgatam-se também formas de reimaginar o mundo.

É uma história de detalhes: um pequeno grupo de humanos que resolveu fazer algo por uma pequena história, que por sua vez é contada e recontada até chegar aqui. Assim como a pequena história do bezerro Nandi envolveu as pessoas do santuário, e depois pessoas longe dali que por sua vez envolveram outras, numa rede de comoções felizes e dolorosas. A pequena história de um pode, no fim das contas, tornar-se suficientemente grande para mobilizar tantos, e tantos podem transformar uma pequena história numa crescente mudança.

#### 5.4. Queda

Depois de um período de melhoras, por volta dos 8 meses de idade, Nandi teve algum tipo de trauma. Uma queda ou uma cabeçada de algum outro animal, talvez, ninguém viu. O trauma afetou seu ombro esquerdo, e iniciou-se uma deformação: o braço começou a atrofiar, entortar para cima, não tocar mais o solo. Nandi passara então a apoiar-se apenas em sua perna direita, seus movimentos ficaram limitados. Arrisco: Nandi queria ter uma asa. Sua pata esquerda foi a primeira parte de seu corpo a sugerir essa vontade, não aterrissava mais no chão, estava permanentemente em voo. A pata foi se curvando para cima, ensaiando abrir-

se alada. Rascunho de um voo rasante no papel, na história, essa coisa viva. Quanto pode um bezerro aleijado, mas que voa?

Apesar das dificuldades de movimento, o apetite de Nandi não diminuía, e ele continuou crescendo e engordando. O ganho de peso pode ter contribuído para o início do quadro de piora. Junto com isso, seus ossos porosos não acompanhavam o crescimento de suas carnes. Suas articulações tinham problemas para sustentar todo aquele vigor. Até que seu osso medial da pata direita, sua única pata dianteira de apoio no chão, não resistiu e quebrou. Uma fratura irreparável por causa de sua fraqueza óssea. Nandi passou a apoiar o peso de seu corpo no punho fraturado. Mas um punho fraturado não é um bom apoio.

Nandi foi remanejado para a varanda da casa. Era um modo de tê-lo sempre sob controle para poder ajudá-lo, mas era também um modo de simplesmente tê-lo por perto na “sala de estar”. Na casa de Patrícia e Vitor a varanda era a sala onde se recebiam as visitas, onde ficava o modên da internet, onde se trabalhava no computador, onde se relaxava na rede, onde se faziam todas as refeições, e onde simplesmente se podia estar com os cães, os gatos e as galinhas. A primeira entrevista que fiz com eles foi ali. Não há outra sala dentro da casa.

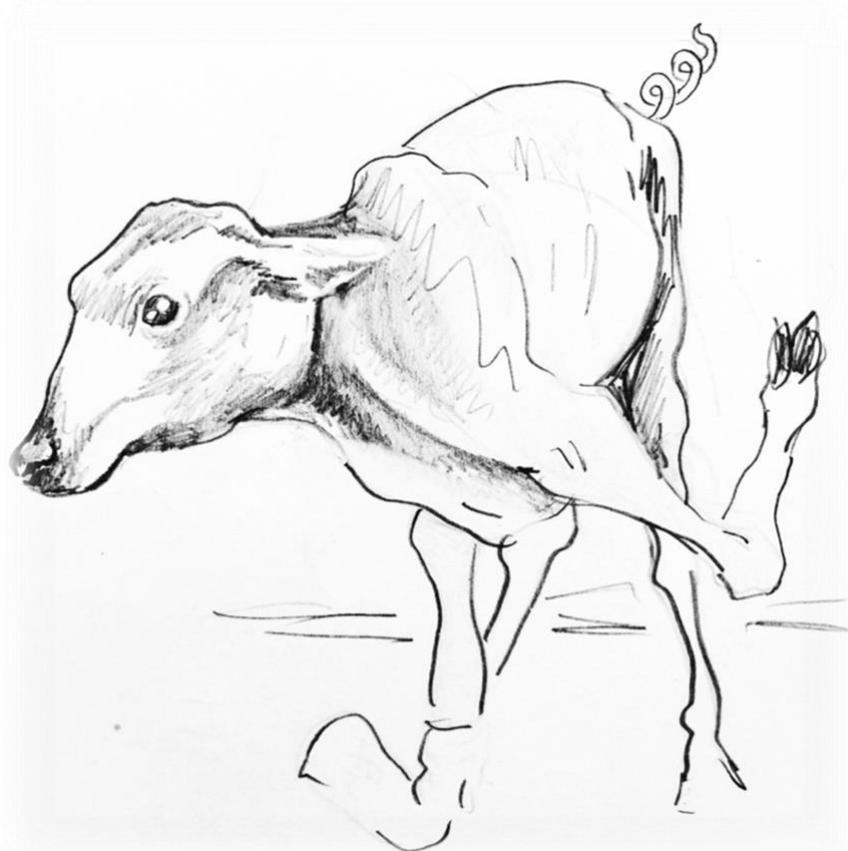
Na minha última ida ao santuário a varanda como sala de estar não existia mais: havia se tornado a nova casa de Nandi. A rede e a grande mesa haviam sido retiradas e todo o espaço fora forrado por uma cama de serragem alta, uns 20 cm. Nandi piorara muito. Suas articulações da pata começaram a esfarelar-se, e porque os farelos permaneciam ali dentro, misturados ao líquido sinovial, a inchar. Seu cotovelo direito era uma “bola”. A voluntária Carla fazia massagens para drenar o excesso do líquido da pata direita, enquanto a esquerda, sem apoio por causa da deformação iniciada com o problema do ombro, ficava esquecida, dobrada imovelmente para o alto. A pata esquerda tornara-se simplesmente um enorme apêndice pesado e supérfluo. Supérfluo quando penso que uma pata serve para apoiar o corpo e andar, mas havia algo de fantástico ali.

## 5.5. Simbionte

A pata esquerda de Nandi, dobrada imovelmente para o alto, é agora uma alavanca de suporte não mais para apoiar o peso de seu corpo, mas para ancorar o céu. Nandi ensaia ser um mediador entre o mundo dos extintos e o dos inextintos porque sabe que a possibilidade de não existência de uma espécie ou mundo é uma perspectiva aterradora para todos. Mas Nandi não está preocupado com a sua própria extinção, ao contrário, prepara-se para ela.

Nandi é o elo de mutação de uma espécie por vir, o primeiro de uma nova geração de simbiontes. Depois de Nandi os próximos nascerão com uma pata flutuante, como uma pequena asa de galinha, e já experimentarão pequenos voos rasantes. Nandi vai ancorar o céu para romper com as engrenagens de morte que pesam em seu corpo. Sua iniciativa não é uma denúncia direta contra a invasão de um território indígena, como a de Kopenawa, mas ele sabe que as lutas se emaranham contra a descida de uma escuridão eterna sobre todos nós. E sabe também que será um trabalho a ser empreendido entre tempos e entre mundos.

Porco-do-mato, tatu, tartaruga, paca, veado e macaco eram os bichos selvagens consumidos pelos indígenas. Só depois chegou a espécie de Nandi, a



galinha e o porco. Chegaram não por céu, mas por mar. Documentos citam a caravela Galga como o principal meio de viagem destes animais no século 16. Vinham de outras colônias de Portugal, como Cabo Verde e Açores. Os porcos eram criaturas de criação fácil e barata, as galinhas eram cômodas e mansas. Já os ascendentes de Nandi eram imponentes e imediatamente foram usados em sua função mais arcaica: força motriz no transporte e nos campos. Arar! Nós, humanos civilizados, iniciamos assim. No Brasil os bois tornaram-se companheiros dos escravos na cultura de cana. De quebra a carne salgada começou a ser dada aos escravos com quem trabalhavam, e pouco a pouco a entrar na dieta geral. Só depois as categorias se separaram: bois de trabalho e bois de pecuária.<sup>299</sup> Os rebanhos foram se expandindo pelo país e encontrando novas vocações. Em alguns lugares, por exemplo, os bois eram abatidos pelo couro, enquanto suas carnes eram abandonadas no pasto, como as do pequeno Nandi. A herança do imprestável.

O corpo de Nandi é a primeira mutação de uma série que recusa seu destino conhecido. Não há utopia de retorno ao pasto, como imaginamos o retorno de outras espécies aos seus habitats originais. A programação de Nandi é para chegar à extinção. O pasto não será mais habitável. Para isso, o homem que come boi também será extinto.

Progressivamente os simbioses seguintes se ligarão uns aos outros numa dança espiral rumo aos confins do mundo. Em algumas gerações todos os descendentes de Nandi estarão prontos para partir. Todos em cadeia, como num DNA, se elevarão nos céus e será impossível recuperá-los, como balões cujas cordas escapam das mãos das crianças. O que farão por lá? Não é dado este saber para nós que ficaremos no chão. Na partida dos simbioses, uma paisagem será criada, como nos eclipses dos voos dos pombos-passageiros. Também a dança dos simbioses deixará uma história e um monumento.

Estes simbioses em dança se distanciarão até não serem mais vistos. Serão levados à dimensão desconhecida do Extirpa, onde todos os extintos se encontram. Ao contrário do que se pensa, o que é extinto aqui não some, mas vai para Extirpa: espécies, línguas, culturas, deuses, amores... Nesta dimensão a extinção brilha em suas qualidades desconhecidas. Ninguém aqui embaixo jamais a imaginou. Os

---

<sup>299</sup> DÓRIA, C. A.; RIZZO, H. **Formação da culinária brasileira: escritos sobre a cozinha inzoneira**. São Paulo, SP, Brasil: Editora Fósforo, 2021.

Extintos, ou Extirpados, não estão separados em categorias, espécies, classificações, tudo está misturado: animais com mitos, plantas com línguas mortas.

Outra capacidade dos simbiontes é a de ver paisagens simultâneas. Com Vinciane Despret, pensa-se a extinção como o fim de uma paisagem, como quando os pombos-passageiros se extinguíram e as eclipses que seus voos criavam se extinguíram com eles. Mas esta é a extinção como a entendemos no chão.

Em Extirpa vê-se todas as paisagens extintas, imagens, sons, texturas, sensações, tudo misturado também. Extirpa é uma dimensão sinestésica. Quem ficar aqui embaixo contará sobre a aventura da estirpe nascida de Nandi e sobre seu destino para se tornar algo para o qual não nasceu.

História que se devora a si mesma: da humanidade que inventa e cria o boi ao boi que descrevia o homem. Da terra para o céu. Do Nandi terreno suspenso em um gancho para sangrar até seus descendentes suspensos em voo: rumo à suspensão do sentido de existir. Assim o mundo se manterá girando nos céus, e as estrelas não cairão em nossas cabeças.

Contar a história de Nandi para isso. Para que a memória de sua vida nos recorde que tal vida nunca deveria ter existido.



## 5.6. Bouganville

Em frente a varanda em que agora vive Nandi está a árvore das galinhas: um enorme Bouganville onde todas as tardes as Juremas se empoleiram para passar a noite depois de disputarem o espaço com os filhotes dos 36 gatos que vivem no santuário hoje. Na primeira vez que estive lá eram apenas 6. Agora os gatinhos disputam os galhos brincando com as Juremas que respondem brincando ou talvez brigando, impossível decifrar com exatidão. Há muitas vidas de pintinhos em jogo para que as Juremas possam brincar sem se preocuparem. Pintinhos e ovos seguem muito vulneráveis no santuário, a caça ao ovos continua empolgando porcos e outros animais. Caminhar pelo santuário é também pisar em fezes e ovos, e ainda não me acostumei. O incomodo daquele lugar, a delicadeza que ele exigia de mim.

Depois que a varanda foi ocupada por Nandi, foram remanejados para lá Metatron, um bezerro branco que também sofria de problemas nas articulações, e Lázaro. Lázaro chegara ao santuário depois de dois meses internado no Hospital Veterinário de Bragança por causa de uma bicheira que literalmente devorou seu pênis. Espécies companheiras também devoram, e sem pênis, sua uretra fora ligada ao períneo. Lázaro faz xixi como uma fêmea. De dia os três bezerros saíam para pegar um pouco de sol. Na verdade, muito sol. Bovinos precisam de sol, como os campos dos quais se alimentam. Todos os seres precisam de sol, mas os bovinos ainda mais. E Nandi precisava de mais sol ainda do que os outros bovinos por causa de seu problema ósseo.

Na varanda Nandi continuou por um tempo a parecer alegre, ainda comia e bebia água, ainda saía todos os dias para pegar sol, apesar da dificuldade sempre maior em se levantar. Precisava ser ajudado frequentemente a ficar em pé, costumava empinar o corpo e ficar apoiado apenas nas patas de trás, talvez para aliviar por um breve tempo a dor na única pata dianteira que tinha como apoio. Era preciso então ajudá-lo a retornar à posição normal. *Normal* - como usar esta palavra com Nandi?

O corpo sofrido de Nandi era um aconchego para tantos animais. Nandi era o elefante de Metatron, o brinquedo de Lázaro. Até com as Juremas ele era carinhoso, suportando suas bicadas até que elas também se abandonassem às carícias. Uma vez Nandi virou galinha, sua pata virou asa e chocou uma Jurema por uma longa tarde.

Depois de um tempo, Nandi começou a ter de novo problemas para encontrar uma posição confortável para se deitar. Como num retorno coerente, onde início e fim se tocam, ele também iniciou a comer pouco, a ficar desidratado. Era necessário colocar a água perto dele, incitá-lo a beber.

Uma noite Patrícia acordou de sobressalto com um barulho na varanda. Nandi havia caído. Ele estava deitado, mas quieto. E assim permaneceu, imóvel sobre o lado direito de seu corpo. Tudo aconteceu muito rápido, três dias. Eu acabara de chegar ao santuário. Nandi parou de se mover, comer e beber água.



Seus olhos-peixe agora estão novamente no fundo do barco. Mas têm um reflexo, como a última fresta de luz que bate no barco já amarrado à margem. Reconheço nesses olhos a água humana mais tocante, a lágrima. Nandi ainda pode chorar? Está tão desidratado que talvez lhe falem lágrimas. Dói muito, Nandi? Dor que nos inicia à vida...

A palavra “dor” não podia me ajudar a reconhecer o que se passava nele, ou pelo menos permitir alguma participação, uma compaixão. Reconhecer a dor do outro. Nas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein, reflete sobre a palavra “dor” para interrogar os limites da nossa linguagem. “Dor” não equivale a um grito. O grito, com sua objetividade, seria mais fácil de ser traduzido. E afirma “Se precisamos representar-nos a dor dos outros segundo o modelo de nossa própria dor, então isto não é uma coisa fácil: pois devo representar-me dores que *não sinto*, segundo dores

que *sinto*.”<sup>300</sup> Aqui está em jogo a literalidade de uma palavra, por vezes, “do que ‘palavra’ quer dizer literalmente”.<sup>301</sup> Esqueço a palavra *dor*, e fico na a sensação, na amplitude, na contenção de um grito ou de um choro.

Maurício, o veterinário, foi chamado ao santuário. Foi então que vimos a consequência daquele tombo noturno quando o curativo que ele tinha na pata foi retirado. Nandi tinha uma fratura exposta, ossos e carnes abertos. Carne já necrosada, sangue plastificado. Uma cena impossível, eu pensei. Era tudo já tão sem vida naquela imagem.

A fratura exposta é um limiar entre dois mundos, o de dentro e o de fora, e é uma porta para a entrada de pequenos seres indesejáveis. De modo bastante didático, o manejo das fraturas expostas foi dividido em eras. A primeira delas foi a era da urgência, em que se amputavam os membros fraturados para a preservação da vida. A segunda, que veio entre as duas grandes guerras, tentava preservar a vida e os ossos quebrados, mas ainda assim incluía um grande número de amputações. A terceira, marcada pelo controle das infecções com a antibioticoterapia, se deslocou cada vez mais na direção da preservação dos membros. Mas e Nandi, onde estava? Todos os seus ossos já estavam comprometidos antes mesmo da fratura. E a sua era da urgência pela vida já era prioridade desde que chegara ao santuário, ainda bebê. Nada mais se movia em Nandi. Maurício aplicou-lhe imediatamente morfina para a dor. A primeira dose de uma série. Também com um pouco de soro Nandi se recuperou da apatia extrema e pareceu achar um pouco de alívio, inicialmente.

A história de Nandi que eu escrevera até então, para a qualificação do doutorado, tinha acabado no momento de sua primeira recuperação, antes de sua melhora, de sua piora e de sua vinda para a varanda. Agora, eu chegara nesses 3 dias finais e encontrava uma outra história. Eu não sabia se ficava triste por Nandi, ou feliz pela oportunidade de estar ali. Eu sentia as duas coisas, e uma terceira, secreta: vergonha de estar estrategicamente pensando na melhor posição para filmar a sua partida.

Como decidir o momento “certo” da morte? É confortável quando a morte

---

<sup>300</sup> WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. pt. Aforismo 244.

<sup>301</sup> DERRIDA, 2002, p. 24.

se impõe sozinha. Humanos e bichos se empenham comodamente naquilo que parece justo e natural: lutar pela vida. A negociação do “momento certo para morrer” me pareceu sempre tão delicada, foi assim com os gatos que precisaram da minha ajuda: Pupi, Branca e Dido. Pupi e Branca, ambas com doenças degenerativas avançadas, não me deram muita margem de tempo. Mas Dido, o gato com que convivi mais tempo, 17 anos de parceria, presente durante todo o crescimento dos meus dois filhos, foi conduzido à morte comigo longe de casa. Decidi e acompanhei o momento virtualmente e não pude fazer como o gato Tião faria mais tarde com Nandi. Carrego esta dor. Todo instante de vida é tão precioso. Mas no santuário, morre-se muito o tempo todo. A morte faz parte literalmente do cotidiano. Depois que a dor de Nandi cessou com a morfina, e já estava decidida a eutanásia, o tempo de espera era um tempo como outro qualquer, novamente como no seu nascimento, quando já parecia morto.

O santuário é um lugar de resgates. Resgatar vem do latim *re captare* que, ironia do destino, significa pegar de volta. No passado a palavra era usada no sentido de recuperar escravos e prisioneiros de guerra, mercadorias que trocavam de mãos, como (e com) a moeda. Resgatar: “recuperar pessoas ou coisas tiradas ou perdidas”. Na história de Nandi, vida que viera ao mundo prisioneira de uma engrenagem capitalista perfeitamente inserida na sociedade, o recuperar de volta ganha uma nuance particular. E eu aposto nessa nuance, mesmo que às vezes escorregue nela e queira fixá-la como status. É uma nuance. Aprisionar e resgatar tornaram-se cicatrizes irremovíveis da engrenagem. Com a mesma moeda com a qual crio um produto, posso dar à luz um ser, uma história.

Para Nandi, o aconchego era a morte, urgentemente. Há novidade nisso? A morte não é, desde sempre, a volta à terra? Logo entendeu-se que era a hora: ele precisava de ajuda para morrer rápido. E logo nos primeiros segundos que o Pentobarbital penetrou em sua veia Nandi relaxou.

Relaxou tanto que sorriu.

Sim, Nandi sorriu.

Os dentes ficaram aparentes. Também conhecida como “peacefull pill”, a droga da paz imediatamente relaxou todos os seus músculos. Nandi parecia um filhote de burrinho com dentes largos e salientes. Tião, o gato que estava deitado ao seu lado, até aquele momento fingindo imparcialidade, assim que Nandi sorriu

esticou as duas patinhas e cobriu a cara de Nandi, conduzindo-o à morte. Como um afetuoso parente que fecha os olhos de um morto querido.

Nandi morreu.

Uma curta oração. Um único núcleo de sujeito simples, e o mais intransitivo dos verbos. Dos olhos, fugiu-se o peixe. Em um dia nublado um lago plácido e fosco que não revela seu fundo. Uma mosca pousou no lago e ali ficou, também imóvel. A mosca mimetizava a imobilidade de Nandi e parecia morta também.



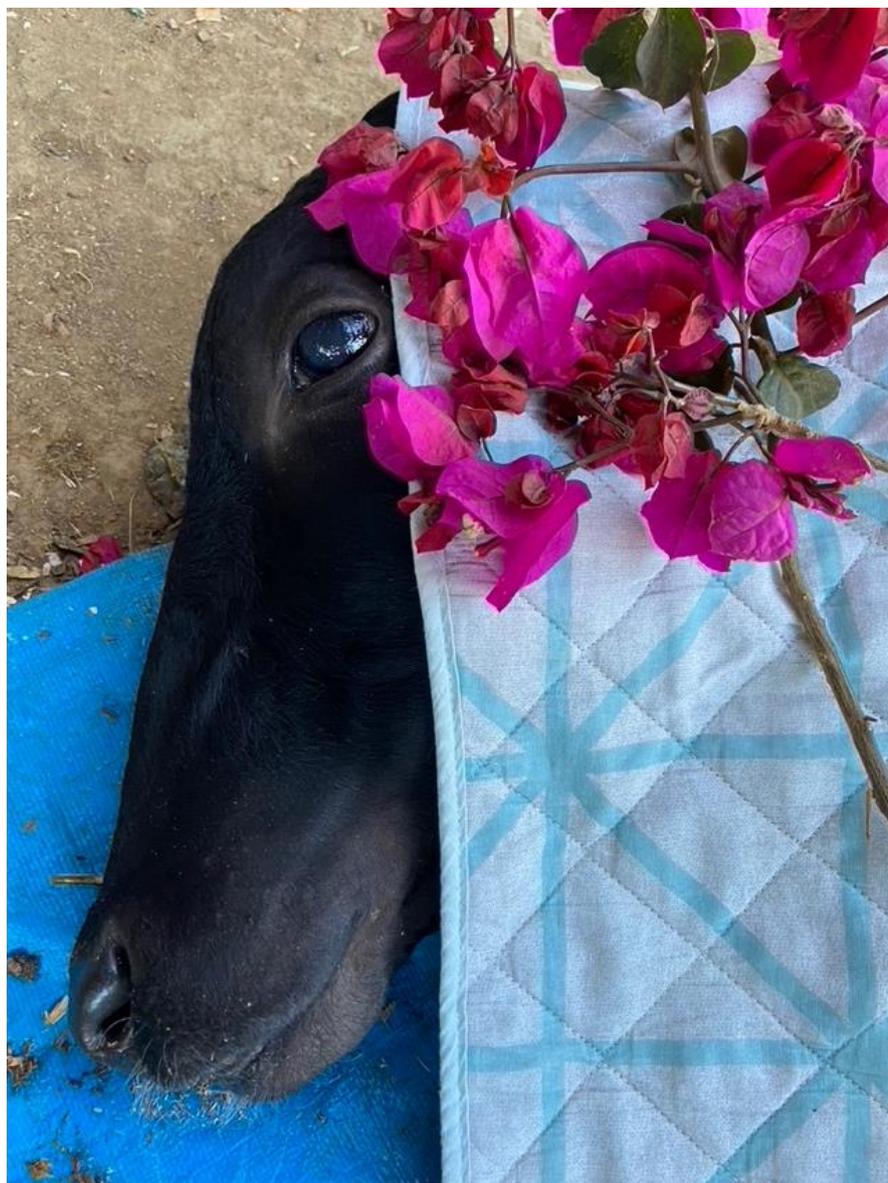
A mosca

Vou ter que matar-te de novo.  
 Já te matei tantas vezes,  
 ...  
 vou ter que matar-te de novo,  
 eu, com a minha única vida.<sup>302</sup>

---

<sup>302</sup> CORTÁZAR, J. **Papéis Inesperados**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Preocupada de que outros bichos pudessem comer a carne exposta de Nandi, Carla fez um curativo reforçado em sua fratura. Nandi passou a noite na varanda coberto com um lençol. Sobre o sudário foram colocados galhos floridos daquela árvore que ficava em frente à varanda. O Bouganville, espécie companheira que colorira a paisagem dos últimos dias de Nandi.



No dia seguinte um motorista contratado veio com o trator escavadeira abrir um buraco no chão e carregar o corpo. Bovinos pesam muito. O trator cavou uma cova profunda uns 3 mts e larga uns 2. Parecia uma cratera lunar, uma boca de vulcão, um grande vaso de barro. O corpo de Nandi foi então depositado dentro da enorme bolsa de terra, o recipiente coletor das ficções de Ursula Le Guin.

Quando a gente começa a chamar uma criatura de corpo? Porque foi tão de repente que comecei a chamar Nandi de corpo? Lembro-me de uma das inúmeras histórias contadas por Helena Martins em suas aulas na PUC: a criança, ao ouvir os adultos falando insistentemente em “enterrar o corpo da avó”, não consegue entender por que só o corpo seria enterrado. E pergunta aos adultos: onde estará a cabeça da vovó na hora do enterro?

Lentamente a escavadeira começou a cobrir Nandi com terra. Em terra. Quanto tempo levará para Nandi ser só ossos e quanto tempo levará para que esses ossos voltem a ser terra como a terra que o cobre? E os olhos de Nandi serão comidos quando nesta história? Quantos seres serão responsáveis por esta compostagem? Putrecina, cadaverina, enzimas presentes nas criaturas vivas que, entre outras, agem na decomposição do próprio cadáver. Toda vida carrega sua própria morte.

A vida de Nandi foi assim, um ir e vir traduzido por humanos. Veio através de uma inseminação, quase foi-se pelo abandono, voltou pelo resgate, ficou um pouco, co-criou essa história, foi de novo.

Cair, afinal, é nosso primeiro movimento.  
Um humano nasce caindo, como diz Homero,  
entre os joelhos de sua mãe.  
Para o chão.  
Caímos novamente no final: o que começa no chão acabará  
encharcando o chão para sempre.<sup>303</sup>



---

<sup>303</sup> “To fall after all is our earliest motion. A human is born by falling, as Homer says, from between the knees of its mother. To the ground. We fall again at the end: what starts on the ground will end up soaking into the ground forever.” (Carson, 2016)

## 6. Protesto contra o que se dá por acabado

Você acredita mesmo, mãe, que aulas de poesia podem fechar matadouros?<sup>304</sup>

Alguém me disse  
 Que meus poemas  
 Não mudarão o mundo.  
 Eu respondi sim  
 Os meus poemas  
 Não mudarão o mundo.<sup>305</sup>

São muitos os modos possíveis de nos reportarmos às vidas dos animais, modos experimentados aqui como *atos* atentos de tradução. A tradução como um encontro de devir-com, uma experiência de nos tornarmos mutuamente disponíveis. Estar diante do outro pode ser um compromisso poético, uma dança entre mundos, uma coreografia ontológica: formas de sobreviver criativamente neste mundo em crise. Os bichos que escolhi foram simplesmente os que pude acompanhar mais de perto. Vieram outras histórias ao longo do processo, tem outras acontecendo agora. Gaia, Sebastiãozinho e Nandi morreram. Muitas Juremas e Joãos também. Chacrona e Ayauasca seguem suas vidas. Quando esta tese virar filme, em homenagem à rebelião daquelas que chegaram por vontade própria, encerrarei com uma cena em *time-lapse* das Juremas ocupando a bouganville em frente da varanda. Varanda na qual Irineu deu início a tudo, na qual viveu e morreu Nandi, na qual ainda se balança Vitor. Esses dias liguei para lá, perguntei do ovo cósmico. Eclodiu? Não souberam me dizer, o ovo simplesmente sumiu.

---

<sup>304</sup> COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 69.

<sup>305</sup> CAVALLI, P. **Poesie (1974-1992)**. Turim: Giulio Einaudi editore, 1992. p. 5.

Talvez tenha voado com as próprias asas. Jurema que é Jurema não espera o homem para começar uma nova história.

As mulheres que me acompanharam falam da obrigação de continuarmos imaginando, de protestar contra o que se dá por acabado. Minha contribuição para seguir apostando está aqui, na arte da atenção e do cuidado, no toque, na delicadeza como uma “tecnologia de re-convocação”.<sup>306</sup> Ativismo sensível é a forma de honrar um mundo que não está terminado. Chacrona continua sua dança, Juremas cacarejam rebeliões, Gaia não nos pede nada, mas vamos cuidar dela mesmo assim. Nandi? Está aqui entre nós, agora.

Dorme, inventado imprudente menino.

Dorme. Para que o poema aconteça.<sup>307</sup>

---

<sup>306</sup> DESPRET, V. Pesquisar junto aos mortos. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 22, n. 1, 2021. p. 289.

<sup>307</sup> HILST, H.; ARAÚJO, L. **Da poesia**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017. p. 412.

## 7. Referências bibliográficas

ABRAM, David. **The Spell of the Sensuous: Perception and Language in a More-Than-Human World**. New York: Random House, 1997.

ABRAM, David. **Becoming animal: an earthly cosmology**. New York: Pantheon Books, 2010.

ABRAM, D. Um mundo além do humano. **Espaço Ameríndio**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 2, p. 64-95, 2013.

AGAMBEN, G. **Infância e história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ÁGUA. **Site da Embrapa**. Disponível em: [https://www.embrapa.br/contando-ciencia/agua/-/asset\\_publisher/EljjNRSeHvoC/content/consumo-de-agua-para-producao-de-um-produto/1355746?inheritRedirect=false](https://www.embrapa.br/contando-ciencia/agua/-/asset_publisher/EljjNRSeHvoC/content/consumo-de-agua-para-producao-de-um-produto/1355746?inheritRedirect=false). Acesso em: 14 mar. 2023.

ANDRADE, C. D. **O amor natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARISTÓTELES. **Obras Completas de Aristóteles - Partes dos Animais**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

ARISTÓTELES. **Política**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BADIOU, A. **Cinema**. Cambridge: Polity Press, 2013.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind: Collected Essays In Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology**. San Francisco: Jason Aronson Inc., 1972.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 35–49, 2000.

BENCKE, I.; BRUHN, J. (org.). **Multispecies Storytelling in Intermedial Practices**. California: Punctum Books, 2022a.

BENJAMIN, W. Rua de mão única. *In*: BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas Vol 2**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. *In*: GAGNEBIN, JM. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2013 [1923].

BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. *In*: GAGNEBIN, JM. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2013 [1916].

BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, W. 3. ed. Obras escolhidas. Vol 1. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 222-232, 1987.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

BENJAMIN, W. O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **O contador de histórias e outros textos**. São Paulo: Editora Hedra, 2020.

BERGER, J. **Sobre o olhar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

BERGER, J. **Why Look at Animals?** London: Penguin Books, 2009.

BLANCHOT, M. Traduire. *In*: **L'amitié**. Paris: Editions Gallimard, p. 69-73, 1971.

BOGUE, R. **Deleuzian Fabulation and the Scars of History**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

BOISSY, A. *et al.* Assessment of positive emotions in animals to improve their welfare. **Physiology & Behavior**, Amsterdam, v. 92, n. 3, p. 375–397, 2007.

BOVENKERK, B.; KEULARTZ, J. (org.). **Animals in our midst**: the challenges of co-existing with animals in the anthropocene. Cham: Springer, 2021.

BRANCO, L. C. (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

CALVINO, I. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMANA, A. Repensando as abstrações: uma convocação da incerteza. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 53, p. 264-273, 2020.

CAMPOS, A. de. **Coisas e anjos de Rilke**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CAMPOS, H. DE. D2a transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. *In*: TÁPIA, Marcelo (org.). **Haroldo de Campos**: Transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ANDRADE, C. D. **O Amor Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MzI3MTUz/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

CARSON, A. **Ensaio Sobre Aquilo em Que Mais Penso**. In: CARSON, A. Men in the off hours. Londres: Vintage, 2001.

CARSON, A. Variations on the Right to Remain Silent. **A Public Space**, New York, v. 7, n. 174, p. 1-9, 2008.

CASTRO, Claudia. A arte de caçar borboletas. **Blog meusite**, 2017. Disponível em: <https://www.claudiacastro.net/a-arte-de-cacar-borboletas>.

CAVALLI, P. **Poesie (1974-1992)**. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1992.

COCCIA, E. **A Vida das plantas** - Uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COSTA, A. de C. Virada geo(nton)ológica: reflexões sobre vida e não-vida no antropoceno. **Analógos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 140-150, 2016.

COSTA, A. de C. Ecologia e resistência no rastro do voo da bruxa: a cosmopolítica como exercício de filosofia especulativa. **Analógos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 24-34, 2017.

COSTA, A. DE C. Negacionistas são os outros? Verdade, engano e interesse na era da pós-verdade. **Principia: an international journal of epistemology**, Santa Catarina, v. 25, n. 2, p. 305–334, 2021.

CONNOR, R.; UHLENBROOK, S.; KONCAGÜL, E. Relatório mundial das Nações Unidas sobre desenvolvimento dos recursos hídricos 2019: Não deixar ninguém para trás, resumo executivo. **Unesdoc Digital Library**, 2019. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000367303\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000367303_por). Acesso em: 27 fev. 2023.

CRARY, J. **24/7** – Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaios sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2017.
- DE LA BELLACASA, M. P. ‘Nothing Comes Without Its World’: Thinking with Care. **The Sociological Review**, Califórnia, v. 60, n. 2, p. 197–216, 2012.
- DEBAISE, D.; STENGERS, I. The Insistence of Possibles. Towards a Speculative Pragmatism. **Parse Journal**, Gothenburg, v. 7, p. 13–19, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34 Letras, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **What is Philosophy?** Rio de Janeiro: Verso, 1994.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34 Letras, 1997.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon: a lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. “Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível.” *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, p. 11-113, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. **Territórios de Filosofia**, 2015. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/01/03/1730-devir-intenso-devir-animal-devir-imperceptivel-gilles-deleuze-felix-guattari/>.
- DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DESPRET, V. The Body We Care for: Figures of Anthro-zoo-genesis. **Body & Society**, Londres, v. 10, n. 2–3, p. 111–134, 2004.
- DESPRET, V. Sheep Do Have Opinions. *In*: LATOUR, B.; WEIBEL, P. (org.). **Making Things Public**. Atmospheres of Democracy. Cambridge: MIT Press, 2006.
- DESPRET, V.; PORCHER, J. **Être bête**. Paris: Actes sud, 2007.
- DESPRET, V. Histórias e subjetividades em etologia. Parte II: animal comportamento. *In*: VIANNA, B. (org.). **Biologia da Libertação: ciência, diversidade e responsabilidade**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008a.

DESPRET, V. The Becomings of Subjectivity in Animal Worlds. **Subjectivity**, Londres, v. 23, n. 1, p. 123–139, 2008b.

DESPRET, V. **Penser comme un rat**. Versailles: Éd. Quae, 2009.

DESPRET, V. Conferência de Abertura Colóquio Entre\_Redes: Pesquisar com o outro. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte 1: Do espaço de equilíbrio ao “pensar pelo meio”. Os cratéropes écaillés. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 6, n. 2, p. 163–169, 2011a.

DESPRET, V. Conferência de Encerramento Colóquio Entre\_Redes: Pesquisar com o outro. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte II: Ser animal, e o mais polidamente possível. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 6, n. 2, p. 246–256, 2011b.

DESPRET, V. O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas? **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 23, p. 59–72, 2011c.

DESPRET, V. Os dispositivos experimentais. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 23, p. 43–58, 2011e.

DESPRET, V. Responding Bodies and Partial Affinities in Human–Animal Worlds. **Theory, Culture & Society**, Califórnia, v. 30, n. 7–8, p. 51–76, 2013.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se.... **Caderno de Leituras** (Chão de Feira), Belo Horizonte, n. 44, 2016a. Disponível em: [https://chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2016/05/cad.45\\_miolo\\_aprovac%CC%A7a%CC%83o.pdf](https://chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2016/05/cad.45_miolo_aprovac%CC%A7a%CC%83o.pdf). Acesso em: 25 mar. 2023.

DESPRET, V. **What would animals say if we asked the right questions?** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016b.

DESPRET, V.; MEURET, M. Cosmoecological Sheep and the Arts of Living on a Damaged Planet. **Environmental Humanities**, Carolina do Norte, v. 8, n. 1, p. 24–36, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/22011919-3527704>

DESPRET, V. Afterword: It Is an Entire World that Has Disappeared. *In*: VAN DOOREN, T.; ROSE, D. B.; CHRULEW, M. (org.). **Extinction Studies**. New York: Columbia University Press, p. 217–222, 2017.

- DESPRET, V. **O que diriam os animais?** São Paulo: Editora Ubu, 2021a.
- DESPRET, V. Pesquisar junto aos mortos. **Campos** - Revista de Antropologia, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 289-307, 2021b.
- DESPRET, V. La investigación de los acúfenos. **Site do Centro Cultural Kirchner**. Disponível em: <https://www.cck.gob.ar/la-investigacion-de-los-acufenos-por-vinciane-despret/5001/>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- DESPRET, V. **Autobiografia de um polvo: e outras narrativas de antecipação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022a.
- DESPRET, V. **Living as a Bird**. Cambridge: Polity Press, 2022c.
- DESPRET, V. **As emoções que nos fabricam**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/310998335/AS-EMOC-O-ES-QUE-NOS-FABRICAM>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- PEREIRA, E. de A. Biografia de um poema-sonar. **Blog da Revista Cult**, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/biografia-de-um-poema-sonar/>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- DÓRIA, C. A.; RIZZO, H. **Formação da culinária brasileira**: escritos sobre a cozinha inzoneira. São Paulo: Editora Fósforo, 2021.
- DOUCET, I.; DEBAISE, D.; ZITOUNI, B. Narrate, Speculate, Fabulate: Didier Debaise and Benedikte Zitouni in Conversation with Isabelle Doucet. **Architectural Theory Review**, Reino Unido, v. 22, n. 1, p. 9–23, 2018.
- DUERR, H. P. **Dreamtime**: concerning the boundary between wilderness and civilization. Oxford: Blackwell, 1991.
- EDELGLASS, W. Kari Weil, Thinking Animals: Why Animal Studies Now? **Frontiers of Philosophy in China**, Beijing, v. 11, n. 2, p. 324–327, 2016.
- EMBRAPA. Importância da água para bovinos de leite. **Instrução Técnica para o produtor de leite**, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <https://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/zootecnia/IZABELLEA.M.DEA.TEIXEIRA/agua.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- EQUIPE EDITORIAL. Entrevista com Mary Louise Pratt. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2005.

- EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FABER, R.; GOFFEY, A. (org.). **The Allure of Things: Process and Object in Contemporary Philosophy**. New York: Bloomsbury Academic, 2014.
- FANARO, L. A. *et al.* Introdução ao dossiê: trabalho animal, trabalho humano. **Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía**, Montevideo, v. 6, n. 2, p. 2-12, 2021.
- FAUSTO, J. Terranos e poetas: o “povo de Gaia” como “povo que falta”. **Revista Landa**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 166–181, 2013.
- FAUSTO, J.; DANOWSKI, D. 2017. **A Cosmopolítica dos Animais**. 300 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2017.
- FAUSTO, J. Brincar, matar, comer: sobre moralidade e direitos animais. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 2422–2438, 2018.
- FAUSTO, J. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- FAUSTO, J.; CARID NAVEIRA, M. A. Vinciane Despret – vozes de outros mundos. **Campos - Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 283-288, 2021.
- FECHER, M. do C. **Fitoantropologia da Ayahuasca: A miração como processo dialógico entre o humano e a planta**. 2017. 214 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017.
- FELINTO, M. **Pesquisadora mostra que humanos não são o umbigo do mundo**. Folha de São Paulo, 15 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/pesquisadora-mostra-que-humanos-nao-sao-o-umbigo-do-mundo.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- FERREIRA, E. M. A. Metáfora animal: a representação do outro na literatura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 119–135, 2005.

FISHER, E. **Woman's creation**: sexual evolution and the shaping of society. New York: Anchor Press, 1979.

FREITAS, A. C. **Vandana Shiva: “Temos de destruir o mito de que a tecnologia é uma religião que não pode ser questionada”**. Instituto Humanitas Unisinos, 14 nov. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594334-vandana-shiva-temos-de-destruir-o-mito-de-que-a-tecnologia-e-uma-religiao-que-nao-pode-ser-questionada>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GABINETE SYCORAX. **Breve historia del pimiento para uso de la vida extraterrestre**. Salamanca: Gabinete Sycorax, 2015. Disponível em: [http://www.gabinetesycorax.org/breve\\_historia\\_pimiento/](http://www.gabinetesycorax.org/breve_historia_pimiento/). Acesso: 25 mar. 2023.

GALINDO, D.; MILIOLI, D.; MÉLLO, R. Responsive Social Psychologies to Animals. **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, Barcelona, v. 16, n. 2, p. 373-388, 2016.

GANE, N.; HARAWAY, D. Se nós nunca fomos humanos, o que fazer? **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 6, p. 1–22, 2010.

GIORGI, G. **Formas comuns: animalidade, literatura e biopolítica**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

GONÇALVES, O. (org.). **Narrativas Sensoriais**: ensaios sobre cinema e arte contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

GONÇALVES BRITO, L. TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, p. 353–357, 2019.

GONZÁLEZ, F. H. D (ed.). **A vaca leiteira do século 21**: lições de metabolismo e nutrição. [Livro eletrônico]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Veterinária, 2021.

GUIMARÃES, B. *et al.* Pontos em expansão: uma conversa com Marilyn Strathern. **Cadernos de Campo**, Curitiba, v. 21, n. 21, p. 199–209, 2012.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.

HARAWAY, D. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, D. **When Species Meet**. Londres: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, D. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, p. 27–64, 2011a.

HARAWAY, D. Companhias multiespécies nas naturezaculturas. *In*: MACIEL, M. E. (org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 389–418, 2011b.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. Interview with Martha Kenney. *In*: HEATHER, D.; TURPIN, E. (org.). **Art in the Anthropocene**. Londres: Open Humanities Press, p. 255–270, 2015.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Revista ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, n. 5, 2016.

HARAWAY, D. J. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press Books, 2016.

HARAWAY, D. J. **Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno**. Bilbao: Consonni, 2019.

HARAWAY, Donna. Em conversa exclusiva, Donna Haraway explica por que se deve fazer parentescos em vez de bebês. [Entrevista concedida a] Marilene Felinto, Cecilia Cavalieri e Juliana Fausto. **Folha de S. Paulo**, 2021.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b.

HARAWAY, D. **Quando as espécies se encontram**. Rio de Janeiro: Ubu, 2022.

HARAWAY, D. J.; GOODEVE, T. N. Fragmentos: quanto como uma folha. entrevista com Donna Haraway. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 20, n. 1, p. 48-68, 2015.

HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.). **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HELDER, H. **Poemas completos**. Porto: Porto Editora, 2014.

HILST, H.; ARAÚJO, L. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

“HOPE” IS THE THING WITH FEATHERS - (BRASIL, 2019). **Blog Emily Dickinson Brasil**, 28 jan. 2019. Disponível em: <https://emilydickinson.com.br/2019/01/28/hope-is-the-thing-with-feathers-brasil-2019/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

HUGHES, T. **Poetry in the Making**: An Anthology of Poems and Programmes from “Listening and Writing”. London: Faber and Faber, 1982.

HUMANE SOCIETY INTERNATIONAL. **Site da Humane Society International**. Disponível em: <https://www.hsi.org/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 1–17, 1995.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Curitiba, v. 18, p. 25–44, 2012.

INGOLD, T. **Redrawing anthropology**: Materials, movements, lines. England: Ashgate, 2013.

INGOLD, T. **Estar vivo**: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, T. **Correspondences**. Cambridge: Polity Press, 2020.

JOY, M. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas**: uma introdução ao carnismo. São Paulo: Cultrix, 2014.

KAFKA, F. Um artista da fome/A construção. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KONCAGÜL, E.; TRAN, M.; CONNOR, R. Relatório mundial das Nações Unidas sobre desenvolvimento dos recursos hídricos 2021: o valor da água; fatos e dados. **Unesdoc Digital Library**, 2021. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375751\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375751_por). Acesso: 27 fev. 2023.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

KOSBY, M. F. Mulheres, vacas e partos nas pecuárias do extremo sul do Brasil. **Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 93–105, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOURET, B. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. **Site da N-1 Edições**, 2020. Disponível em: <http://www.n-1edicoes.org/textos/28>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LATOURET, B. As fábulas científicas de um La Fontaine empírico. *Em*: DESPRET, V. **O que diriam os animais?** São Paulo: Editora Ubu, p. 9–19, 2021.

LE GUIN, U. K. **The Word for World is Forest**. New York: Berkley Publishing Corporation, 1972.

LE GUIN, U. K. **The Dispossessed**. Toronto: Harper Collins, 1974.

LE GUIN, U. K. Discurso de formatura de uma canhota. **Caderno de Leituras (Chão de Feira)**, Belo Horizonte, n. 127, p. 1–8, 2021 [1983].

LE GUIN, U. K. **Dancing at the edge of the world: thoughts on words, women, places**. New York, NY: Grove Press, 1989.

LE GUIN, U. K. The Carrier Bag Theory of Fiction. *In*: LE GUIN, Ursula Kroeber. **Dancing at The Edge of The World: thoughts on words, women, places**. New York: Harper & Row, p. 165-170, 1990.

LE GUIN, U. K. Cheek by Jowl: Animals in Children's Literature. *In*: LE GUIN, U. K. **Cheek by Jowl**. Seattle: Aqueduct Press, p. 43-108, 2009.

LE GUIN, U. K. **The Unreal and the Real: The Selected Short Stories of Ursula K. Le Guin**. Londres: Saga Press, 2014.

LE GUIN, U. K. **CONTAR ES ESCUCHAR: Sobre la escritura, la lectura, la imaginación**. Madrid: Círculo de Tiza, 2017.

LE GUIN, U. K. **Dreams Must Explain Themselves: The Selected Non-Fiction of Ursula K. Le Guin**. London: Gollancz, 2018.

LE GUIN, U. K. **Always Coming Home**. New York: Library of America, 2019.

LE GUIN, U. K. A autora das sementes de acácia. **Laboratório de Escritas Etnográficas**, Universidade Federal do Amazonas, p. 1–8, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/46910142/A\\_autora\\_das\\_sementes\\_de\\_ac%C3%A1cia\\_Ursula\\_Le\\_Guin](https://www.academia.edu/46910142/A_autora_das_sementes_de_ac%C3%A1cia_Ursula_Le_Guin) . Acesso em: 25 mar. 2023.

LE GUIN, U. K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

LEAHY, M. P. T. **Against Liberation**: Putting Animals in Perspective. Londres: Routledge, 1993.

LESTEL, D. A animalidade, o humano e as comunidades híbridas. *In*: WEIL, K. **Thinking animals**: why animal studies now? New York: Columbia University Press, 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. A lição de sabedoria das vacas loucas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 23, p. 211–216, 2009.

LISPECTOR, C. O búfalo. *In*: LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1995.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**: pulsações. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LLANSOL, M. G. **Causa amante**. Lisboa: Relógio D'água, 1996.

LOPES, D. **A Delicadeza**: Estética, Experiência e Paisagens. Brasília: Editora UNB, 2007.

LOREDO NARCIANDI, J. C. Reseña de “Être Bête” de Vinciane Despret e Jocelyne Porcher. **AIBR** – Revista de Antropologia Iberoamericana, Madrid, v. 4, n. 3, p. 468–473, 2009.

LOVELOCK, J. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MACIEL, M. E. (org.). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

- MARTINS, H. F. A escrita poética de Wittgenstein, sua tradução. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador, v. 13, n. 19, p. 109–126, 2011.
- MARTINS, H. F. Tradução e Perspectivismo. **Revista Letras**, Curitiba, v. 85, n. 1, p. 135-149, 2012.
- MARTINS, H. Língua comum indecifrada: Grace Passô, Adília Lopes. **Gragoatá**, Niterói, v. 25, n. 53, p. 972–992, 2020.
- MARTINS, H. **Tradução e perspectivismo**: experimentos contemporâneos. Projeto de pesquisa aprovado no Edital Chamada CNPq N° 4/2021- Bolsa de Produtividade - CNPq / 314240/2021-7. 2021.
- MARTINS, H. **Uma rosa não tem dentes**: Wittgenstein, Nauman, Kopenawa em tradução. In: SCHOLLHAMMER, Karl; KRIEGER, Heidrun (orgs.). Literaturas e artes de corpo presente. Rio de Janeiro: Editora PUC, no prelo.
- MARTINS, H. A tradução como ato. In: SINISCALCHI, B.; BORBA, M. (orgs.). Atos de tradução. São Paulo: SESC, p. 13-23, 2022.
- MASSUELA, A.; WEIS, B. O tradutor do pensamento mágico. **Site da Revista Cult**, 4 nov. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- MAXAKALI, I. *et al.* Tem canto, tem história: There Is Song, There Is History. **Critical Times**, Carolina do Norte, v. 4, n. 3, p. 595–616, 2021.
- MCLEAN, S. **Fictionalizing anthropology: encounters and fabulations at the edges of the human**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- MENDES, M. **A idade do serrote**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NANCY, J-L. **Corpus**. New York: Fordham University Press, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.
- NODARI, A. Um jagunço de posse da eletricidade. **Blog Sopro**, 2009. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/resenhas/critica.html>. Acesso 25 mar. 2023.
- NODARI, A. A literatura como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 38, p. 75–85, 2015.
- O BÚFALO. Site da Associação Brasileira de Criadores de Búfalos. Disponível em: <https://bufalo.com.br/o-bufalo/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

- OHNO, K. **Treino e(m) poema**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.
- PANDIAN, A.; MCLEAN, S. (org.). **Crumpled paper boat: experiments in ethnographic writing**. Durham: Duke University Press, 2017.
- PATROCÍNIO, S. do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.
- PAULSON, S. Critical intimacy: an interview with Gayatri Chakravorty Spivak. **Qualitative Research Journal**, Reino Unido, v. 18, n. 2, p. 89–93, 2018.
- PAULSON, S. Making Kin: An Interview with Donna Haraway. **Los Angeles Review of Books**, 6 dez. 2019. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/making-kin-an-interview-with-donna-haraway/>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- PEREIRA, E. de A. P. **Caderno de Retorno**. [s. l.]: Editora Ogum's, [s. d.].
- PINHEIRO DIAS, J. *et al.* Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 155-186, 2016.
- PIRES, E. G. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, p. 813–828, 2014.
- PLUMWOOD, V. **The Eye of the Crocodile**. Canberra: ANU Press, 2012.
- PORCHER, J. “Você liga demais para os sentimentos” “Bem-estar animal”, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas. **Production**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 35–44, 2004.
- PORCHER, J. The Relationship Between Workers and Animals in the Pork Industry: A Shared Suffering. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, Cham, v. 24, n. 1, p. 3–17, 2011.
- PORCHER, J. *et al.* El trabajo animal – Introducción al dossier. **Laboreal**, Marselha, v. 18, n. 1, p. 1-8, 2022.
- PRATT, M. L. Arts of the Contact Zone. *In*: ZAMEL, V.; SPACK, R. (eds.). **Negotiating academic literacies: teaching and learning across languages and cultures**. New York: Routledge, 1988.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

PRÉVOST, B. Camouflage élargi. Sur l'individuation esthétique. **Aisthesis: Pratiche, Linguaggi e Saperi dell'Estetico**, Firenze, v. 9, n. 2, p. 7-15, 2016.

PRÉVOST, B. Cosmétique animale. **Figures de L'Art**, Pau, n. 27, 2013.

ROMERO, I. Questionar a propriedade privada desde o canto dos pássaros. Entrevista com Vinciane Despret. **Instituto Humanitas Unisinos**, 12 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621209-questionar-a-propriedade-privada-desde-o-canto-dos-passaros-entrevista-com-vinciane-despret>. Acesso em: 24 nov. 2022.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

ROSA, J. G. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSA, J. G. Entremeio: com o vaqueiro Mariano. *In*: ROSA, J. G. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ROSA, J. G. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSE, D. B. Slowly ~ writing into the Anthropocene. **TEXT**, Melbourne, v. 17, n. Special 20, p. 1-14, 2013a.

ROSE, D. B. Val Plumwood's Philosophical Animism: Attentive Interactions in the Sentient World. **Environmental Humanities**, Carolina do Norte, v. 3, n. 1, p. 93–109, 2013b.

ROSE, D. B.; VAN DOOREN, T.; CHRULEW, M. **Extinction Studies: Stories of Time, Death and Generations**. Nova York: Columbia University Press, 2017.

SAER, J.J. O conceito de ficção. **Blog Sopro**, 2009. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n15.pdf>.

SALMAN, A. K. D. *et al.* Manual prático de formulação de ração para vacas leiteiras. **Embrapa**, 2020. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1123902/1/cpafro-18428-doc167.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SANDOVAL, P. X. de. “Tornei-me feminista graças à ficção científica”. **Entrevista com Donna Haraway**. Instituto Humanitas Unisinos, 21 fev. 2020.

Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596501-tornei-me-feminista-gracas-a-ficcao-cientifica-entrevista-com-donna-haraway>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SILVA, M. C. da; BOAVENTURA, V. M.; FIORAVANTI, M. C. S. História do povoamento bovino no Brasil central. **Revista UFG**, Goiânia, v. 13, n. 13, p. 34-41, 2012.

SILVA E SILVA, F. Pensar com Gaia. **Revista ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, v. 6, n. 14, p. 143–156, 2019.

SILVA E SILVA, F. Para conhecer a obra de Donna Haraway. **Outras Mídias**, 2021a. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/para-conhecer-a-obra-de-donna-haraway/>.

SILVA E SILVA, F. Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre. *In*: HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b.

SILVEIRA, F. da; SILVA, M. P. da. Intimismo entre humanos e animais em um zoológico na Amazônia (Belém - PA). **Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 63, n. 1, p. 164–184, 2020.

SMITH, A. V. *et al.* Functionally relevant responses to human facial expressions of emotion in the domestic horse (*Equus caballus*). **Biology Letters**, Londres, v. 12, n. 2, p. 1-4, 2016.

SMUTS, B. The evolutionary origins of patriarchy. **Human Nature**, Cham, v. 6, n. 1, p. 1–32, 1995.

SMUTS, B. Encounters with Animal Minds. **Journal of Consciousness Studies**, Reino Unido, v. 8, n. 5–7, p. 293–309, 2001.

SOPHOCLES; CARSON, A. **Antigonick**. New York: New Directions, 2012.

SOUZA, S. J. e; KRAMER, S. **Política, Cidade, Educação. Itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

STARHAWK. Magia, visão e ação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 52-65, 2018.

STENGERS, I.; DESPRET, V. **Women Who Make a Fuss: The Unfaithful Daughters of Virginia Woolf**. Minneapolis: Univocal Publishing, 2014.

STENGERS, I. Estamos divididos. **Site N-1 Edições**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/estamos-divididos> .

STENGERS, I. Chapter 10. Speculative Philosophy and the Art of Dramatization. *In*: FABER, R.; GOFFEY, A. **The allure of things: process and object in contemporary philosophy**. London: Bloomsbury Academic, p. 188–217, 2014a.

STENGERS, Isabelle. Gaia, the Urgency to Think (and Feel). **Colóquio Os Mil Nomes de Gaia**, 2014. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.eco.br/>.

STENGERS, I. **No Tempo das Catástrofes**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. **Caderno de Leituras** (Chão de Feira), Belo Horizonte, n. 62, 2017. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 442–464, 2018.

STENGERS, I. Reclaiming Imagination: Speculative SF as an Art of Consequences. **NatureCulture**, Osaka, n. 5, p. 1-18, 2019.

STENGERS, I. 3. The challenge of ontological politics. *In*: DE LA CADENA, M.; BLASER, M. (org.). **A World of Many Worlds**. Carolina do Norte: Duke University Press, p. 83–111, 2020.

STRATHERN, M. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013.

STRATHERN, A. **Unearthly Powers: Religious and Political Change in World History**. New York: Cambridge University Press, 2019a.

SZTUTMAN, R. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 338–360, 2018.

SZYMBORSKA, W. **Um amor feliz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TABLADA, J. J. **Experimental Poetry of Jose Juan Tablada: A Collection in Spanish and English**. Carolina do Norte: McFarland and Company, 2015.

TADDEI, Renzo. No que está por vir, seremos todos filósofos-engenheiros-dançarinos ou não seremos nada. **Revista Moringa**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 65-90, 2019.

TARDE, G. **Monadologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

TENÓRIO DA MOTTA, L. **Francis Ponge - o objeto em jogo**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

THE ANIMAL STUDIES GROUP. **Killing Animals**. Illinois: University of Illinois Press, 2006.

TODO CHESTER É FRANGO, MAS NEM TODO FRANGO É CHESTER. **AgroSaber**, 23 dez. 2019. Disponível em: <https://agrosaber.com.br/todo-chester-e-frango-mas-nem-todo-frango-e-chester/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Revista Ilha**, Santa Catarina, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015.

TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, A. L. *et al.* (org.). **Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

UEXKÜLL, J. von. **A Foray Into The Worlds Of Animals And Humans**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1934.

URDANETA, N. S. M. Algunos aspectos reproductivos e inseminacion artificial en búfalas. **X Seminario de Pastos y Forrajes**, Maracaibo, p. 174-186, 2006.

VALÉRY, P. **A arte de pensar: Ensaio filosóficos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VAN DOOREN, T.; DESPRET, V. Evolution: Lessons from Some Cooperative Ravens. In: TURNER, L.; SELLBACH, U.; BROGLIO, R (orgs.). **The Edinburgh Companion to Animal Studies**. Reino Unido: Edinburgh University Press, 2018.

VAN DOOREN, T.; KIRSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudando multiespécies: cultivando artes de atenção. **Revista ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, v. 3, n. 7, p. 39–66, 2016.

VAN DOOREN, T.; ROSE, D. B. Lively Ethography. **Environmental Humanities**, Carolina do Norte, v. 8, n. 1, p. 77–94, 2016.

VAN DOOREN, T. The Unwelcome Crows: hospitality in the anthropocene. **Angelaki**, Reino Unido, v. 21, n. 2, p. 193–212, 2016.

VAN DOOREN, T. A howling lamentation. **Site de Thom Van Dooren**, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://www.thomvandooren.org/2019/07/24/a-howling-lamentation/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

VIANNA, B. Co-ontogenia: humano e não-humano no espaço da linguagem. **AIBR** – Revista de Antropologia Iberoamericana, Madrid, v. 6, n. 2, p. 135-157, 2011.

VIANNA, B. Aves e não aves em linguagem: Parque dos Falcões. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 7, n. 2, p. 82-101, 2019.

VIANNA, B.; SANTOS. Parque dos Falcões: aves e humanos no espaço da linguagem. **31ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Brasília, 2018.

VIVEIROS DE CASTO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Revista Mana**, Rio de Janeiro v. 2, n. 2, 115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **Revista O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 18, p. 225-254, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; SZTUTMAN, R. **Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Zeno and the Art of Anthropology: Of Lies, Beliefs, Paradoxes, and Other Truths. **Common Knowledge**, Durham, v. 17, n. 1, p. 128-145, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A antropologia perspectivista e o método de equivocação controlada. **ACENO** – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, Cuiabá, v. 5, n. 10, p. 247–264, 2018.

WAAL, Frans de. **Are we smart enough to know how smart animals are?** New York: W.W. Norton & Company, 2016.

WALT WHITMAN: FRAGMENTOS III (FOLHAS DA RELVA): CANTO A MIM MESMO. **Blog Close your eyes to the octopus ride**, 23 jan. 2016. Disponível em: <https://gentlyblown.wordpress.com/2016/01/23/walt-whitman-fragmentos-iii-folhas-da-relva-canto-a-mim-mesmo/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

WEIGEL, M. Donna Haraway: “Pensar que la realidad es una cuestión de creencias es herencia de las guerras religiosas”. **El Diario**, 25 jun. 2019. Disponível em: [https://www.eldiario.es/internacional/theguardian/donna-haraway-desorden-necesario\\_128\\_1487301.html](https://www.eldiario.es/internacional/theguardian/donna-haraway-desorden-necesario_128_1487301.html). Acesso em: 23 nov. 2022.

WEIL, K. **Thinking animals: why animal studies now?** New York: Columbia University Press, 2012.

WELLS, F. L. Orbweavers’ Differential Responses to a Tuning-Fork. **Psyche: A Journal of Entomology**, Londres, v. 43, n. 1, p. 10–13, 1936.

### **Filmografia**

AMOR DE BICHO. Direção: Mônica Prinzac. Brasil: MOV, Duplamente Filmes e Solavanco Produções. UOL Play. 2020.

COWSPIRACY: The Sustainability Secret. Dirigido e produzido por Kip Andersen e Keegan Kuhn. Califórnia: Animals United Movement e First Spark Media. Netflix. 2014.

DOMINION. Dirigido e produzido por Chris Delforce. Melbourne: Farm Transparency Project. 2018.

DONNA HARAWAY: Story Telling for Earthly Survival. Direção: Fabrizio Terranova. Bélgica. 2019.

O ABECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE. Dirigido e produzido por Pierre-André Boutang. França, 1996.